REVISTA DA SEMANA



A "GAIOLA DE OURO" PEGA FOGO!

O GABINETE SECRETO DE FARUK . OS "CANBERRA" NO RIO



POUCOS MINUTOS DE VIAGEM...

E MUITAS HORAS PARA O SEU DIVERTIMENTO!

A bórdo de um dos aviões da NACIONAL, a sua viagem de negócios lhe dará horas extraordinárias para o seu divertimento.

Após servir-se do "confôrto aéreo" da NACIONAL, o senhor desembarcará a tempo e com magnífica disposição para realizar seus negócios, empreender passeios ou assistir a jogos esportivos.

E mais: o homem de negócio viaja economicamente pela NACIONAL.

Ao projetar sua viagem, consulte o nosso agente local; fornecer-lhe-á todas as informações desejadas:



SERVIMOS AS SEGUINTES LOCALIDADES:

MINAS GERAIS: Aimorés - Alfenas - Almenara - Araçuaí - Araguarí - Araxá - Belo Horizonte - Bocaiuva - Cambuquira - Campanha Caratinga - Caxambú - Coromandel - Curvelo Governador Valadares - Guaxupé - Ituiutaba Januaria - Jequitinhonha - Lavras - Machado Monte Carmelo - Montes Claros - Passos Patos - Patrocínio - Pedra Azul - Pirapora Piumhi - São Lourenço - Teófilo Otoni - Tupaciguara - Uberaba - Uberlândia - Varginha.

MATO GROSSO: Bela Vista - Cáceres Campo Grande - Corumbá - Cuiabá - Dourados Guiratinga - Poconé - Ponta Porã Poxoréu - Três Lagôas.

GOIÁS: Anápolis - Aragarças - Baliza Buriti - Alegre - Caiapônia - Goiânia - Ipamerí Iporà - Jataí - Morrinhos - Pires do Rio Rio Verde.

BAHIA: Barra - Barreiras - Carinhanha Conquista - Ilhéus - Itabuna - Lapa Remanso - Salvador - Xique-Xique.

SÃO PAULO: Barretos Campinas - São Paulo

PERNAMBUCO: Petrolina - Recife

ALAGÔAS: Maceió

SERGIPE: Aracajú

ESPIRITO SANTO: Vitória

PARAGUAI: Assunção.

VIAJANDO, PREFIRA O AVIÃO... VOANDO, PREFIRA A



RIO DE JANEIRO - Rua Santa Luzia, 685-B - Tel. 32-7399
SÃO PAULO - Rua Cons. Crispiniano, 28 - Tel. 36-4603
BELO HORIZONTE - Av. Amazonas, 511 - Tel. 2-0818
SALVADOR - Rua Santos Dumont, 21 - Tel. 2384
RECIFE - Rua das Flores, 47

FINALMENTE foi aprovado o Projeto Mil, que visa empreender vários melhoramentos na cidade, recorrendo para tal fim ao aumento do impôsto de vendas e consignações.

Depois de violentíssimos debates, terminados em agressão de um dos vereadores contra outro colega, um tiro ecoou no recinto da Câmara dos Vereadores. Punhal agressivo foi levantado. Coisas essas que merecem reprovação geral.

Falava o vereador Mário Martins, aparteado insistentemente pelo Sr. Cotrim Neto, quando o Sr. João Luís de Carvalho, irritado, atirou um dos microfones sôbre aquêle. Quando tentava reagir, o Sr. Cotrim viu-se diante do revólver do vereador Luís de Carvalho.

Um tiro para o alto, ainda foi dado, causando correrias desordenadas no recinto.

Estivemos na Câmara Municipal nas últimas horas da longa e acalorada discussão.

POR QUE DEFENDE O PROJETO MIL?

A maioria dos vereadores eram a favor do projeto. Por que? É o que nos vão responder alguns representantes do legislativo municipal carioca. Primeiro ouvimos o vereador José Junqueira:

— Sou a favor, primeiro porque sou o autor, e depois porque não estamos aqui senão para fazer leis de utilidade pública e subvenções e proteção a classes funcionais que têm sido o terreno mais fértil para as iniciativas dos senhores vereadores com raras excessões. A atual legislatura tem que marcar a sua passagem, provocando uma revolução administrativa que a cidade e o povo reclamam e o Prefeito do Distrito Federal não deve assumir um cargo apenas para assinar papéis e fazer uma administração de rotina para a qual, inclusive, escasseiam os recursos orçamentários.



SEGUE



FUMANDO ESPERO... — Como no tango, o Vereador José Junqueira, à esquerda — autor do barulhento projeto 1.000 numa atitude contemplativa, enquanto no plenário lavra o incêndio das paixões. Ao microfone, — que instantes após veio a transformar-se também em arma — o Vereador João Luís de Carvalho, que é visto ao alto, troveja antes da tempestade.

A "GAIOLA DE OURO" PEGA FOGO!

1.001 OBSTÁCULOS PARA O PROJETO 1.000 ★ OS VEREADORES PRÓ E OS "DO CONTRA" ★ APROVADO! ★ MICROFONE ATIRADO, REVÓLVER DISPARADO E PUNHAL AMEAÇANDO

Reportagem de ZÉLIA TAVARES

Depois ouvimos o Sr. João Machado, representante do P.T.B. que em poucas palavras, esclareceu por que é a favor do projeto: — Sou carioca e amigo da cidade...

Agora estamos diante do vereador Piragibe, que ainda se encontra bastante eloqüente, depois de um rápido debate com um representante contrário.

— Sou cem por cento a favor do projeto, estou completamente entusiasmado pelas obras nêle vinculadas, que irão beneficiar o povo do Distrito Federal.



DEDO EM RISTE — foi das armas menos ofensivas na célebre jornada da esquentadíssima discussão. Êste vereador está na posição de quem se sente portador da suprema verdade sôbre o assunto e procura incuti-la aos outros.

Telêmaco Gonçalves Maia, apareceu-nos calmo e risonho. Depois de um cumprimento, explicou porque defende o projeto em debate: — Não me interessam empregos, o que me interessa é que a cidade precisa deixar de ser uma grande aldeia para ser realmente a Capital da República. Se avaliarmos o aumento crescente de população teremos que concluir que se essas obras não forem realizadas dentro de cinco anos, não se poderá transitar. O operário que mora nos longínquos subúrbios tem que levantar às três horas da madrugada para chegar ao seu trabalho às seis ou sete da manhã, tal é o estado precário da Central e das demais estradas de acesso ao Centro da cidade e aos bairros onde estão localizadas as fábricas e demais meios onde trabalha a maioria dos operários brasileiros.

Pais Leme, num trecho de seu discurso, afirmou que é um dever cívico dar à cidade meios de transportes, pois no crescente em que se encontra a cidade, breve, muito breve, ficará intransitável...

FALA AGORA A ACUSAÇÃO

Estamos ouvindo os debates entre dois representantes do Legislativo. O vereador Piragibe acabara de nos responder, quando se aproximou o representante do P.T.B., João Luís de Carvalho. Após rápida discussão entre ambos, perguntamos porque era contra o projeto.

— Nós estamos num direito sagrado da defesa do povo. É um absurdo, não pode de maneira nenhuma ser aprovado. É uma ofensa à cultura jurídica, um desrespeito ao direito da população.

Mário Martins, calmo e sereno, é agora quem expõe suas razões:

— O projeto infringe a Constituição e a Lei Orgânica do Distrito Federal. Atenta contra a moralidade administrativa e tem contra êle, além da minoria desta casa, os partidos desta Capital e o próprio povo carioca. Apesar disso, a maioria está obstinada valendo-se exclusivamente da forma numérica, sendo indiferente aos impulsos de seus próprios eleitores.

Silvino Neto se aproxima da bancada da imprensa. Aproveitamos a ocasião e chamamo-lo. E, novamente a pergunta foi feita.

— Por que é contra o projeto?

Primeiro olhou-nos nos olhos e depois falou, pausadamente: — Qualquer obra interessa a qualquer cidade. O que não interessa a um povo é que seus representantes troquem seus votos por três empregos ou mesmo que esta gratificação seja melhorada. É justamente o suborno da maioria dos vereadores que apoiam o Projeto Mil, que transformou êsse projeto

A «GAIOLA DE OURO» PEGA FOGO!

numa das maiores imoralidades do legislativo carioca.

Aparteado por um colega, Silvino se inflamou e passou a esclarecer com maiores detalhes sua opinião:

— A minoria está para o Projeto Mil, como a medicina para o câncer.

É a maioria que diz que não ataca a minoria, realmente, mas pior ainda, pois está atacando a cidade inteira, aprovando o projeto «monstro».

PIMPINELA FAZ GRAÇA

E para finalizar, o vereador Silvino Neto assim se exprimiu: — A luta não terminou com a aprovação do Projeto Mil. Não. Eu e a minoria, à qual me orgulho de pertencer, pois é pequena por fora, mas muito grande por dentro, prometemos defender o direito do povo e sempre o faremos.

— Prometi aos meus eleitores que no dia em que tivesse que trocar o meu voto por gratificações, renunciaria a meu mandato. Por isso luto e continuarei lutando pelos direitos do meu povo.

— Por que? — perguntou-nos o vereador Couto Sousa, do P.S.D. E continuou: — Sou radicalmente contrário ao projeto porque o fornecimento de meios para enfrentar o vastíssimo plano de obras, onera indiscutivelmente o custo de vida do povo carioca, crescendo ainda, que o projeto contém artigos que contrariam as disposições da Constituição da Lei Orgânica e do Código de Contabilidade Pública.

À essa altura, aproximava-se o vereador Pascoal Carlos Magno, que, depois de apoiar as últimas palavras de seu colega Couto Sousa, fez-nos uma longa exposição de sua opinião:

— Êsse projeto vai onerar grandemente a vida, especialmente do pequenino e a coisa mais séria, é que os vereadores que têm subsídios altos e fortunas particulares não sabem quanto custa, a quem tem magros ordenados, o aumento que, dizem êles, é uma insignificância. É verdade que a cidade necessita de tudo isso, mas meu amigo Carlos Vidal cometeu um grande êrro de não ter apresentado um plano estudando pormenorizadamente material e financeiramente o que pretende executar, mas a culpa não é dêle nem da maioria, porque, tanto êle como a maioria, cresceram e se desenvolveram politicamente num regime de ditadura, que não dá satisfação a ninguém porque diz que pode fazer tudo.

De qualquer maneira, continua o vereador Pascoal Carlos Magno, o debate do Mil, favoreceu a democracia, porque a violência da maioria e a perseverança, a obstinação, a coragem, a intrepidez e o desinterêsse da minoria, facilitaram um clima de debate, que saiu para as ruas e alcançou todos os partidos. Pela primeira vez depois de muitos anos, é que se dá isso no Brasil: — O direito de opinião largamente expresso.

Demais, sou contra o projeto, porque, pouco entendendo de finanças e de obras, e querendo dar meu voto orientado pelo bom senso, quis saber a opinião de dois engenheiros amigos e todos foram contrários.

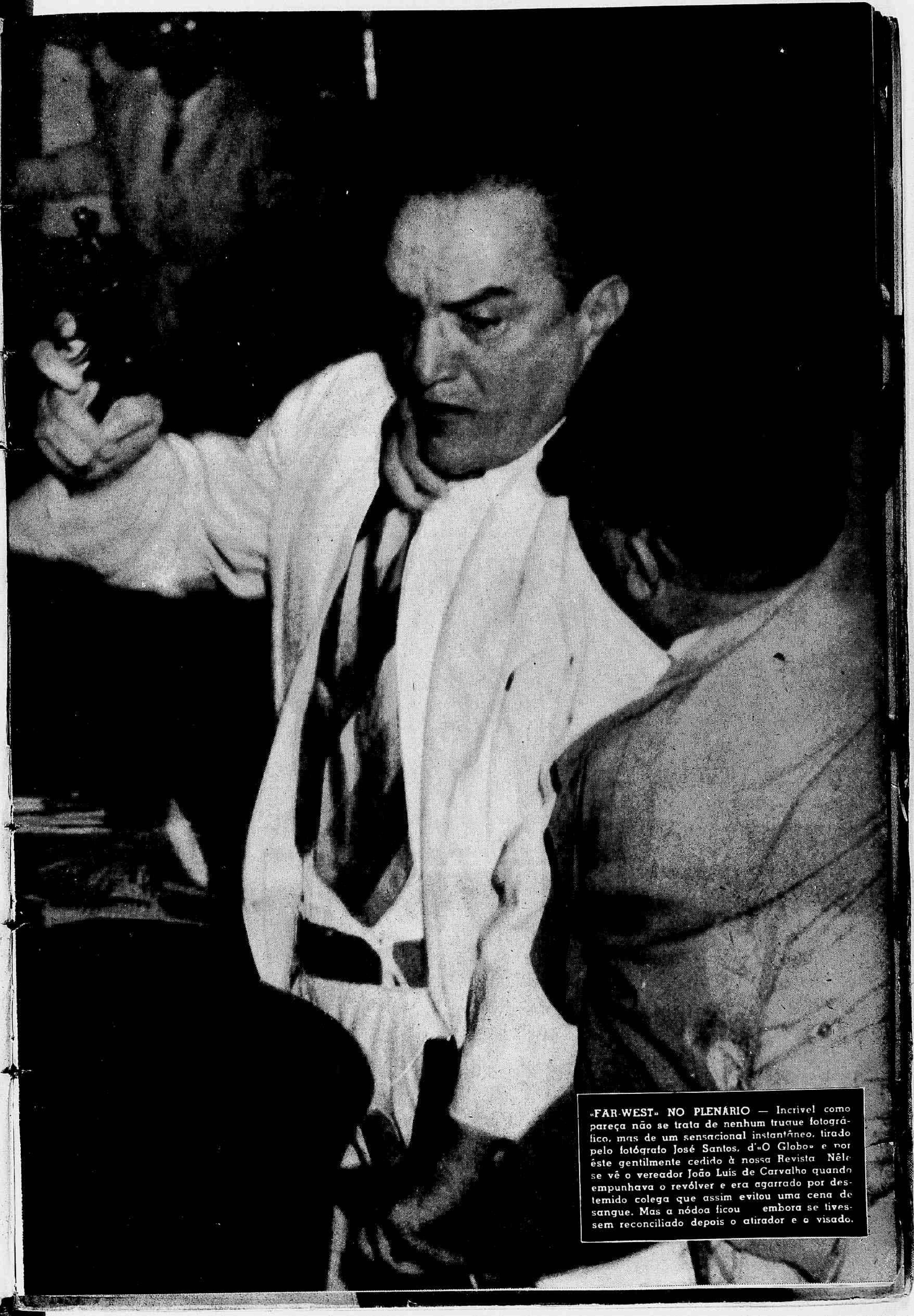
Só me entristece que o meu amigo João Carlos Vital, a quem rendo a minha maior admiração, seja



DE MÃOS ABERTAS, PEITO ABERTO, numa atitude de desassombrado ataque ao projeto que considera pernicioso, o Vereador Magalhães Júnior é visto na fotografia que estampamos.



VERBO COCHICHAR... foi conjugadíssimo, em todos os tempos, modos e pessoas, pelos vereadores da Câmara do Distrito Federal, enquanto o «sururu» ia esquentando na panela...



«FAR-WEST» NO PLENÁRIO — Incrível como pareça não se trata de nenhum truque fotográfico, mas de um sensacional instantâneo, tirado pelo fotógrafo José Santos, d'«O Globo» e por êste gentilmente cedido à nossa Revista. Nêle se vê o vereador João Luís de Carvalho quando empunhava o revólver e era agarrado por destemido colega que assim evitou uma cena de sangue. Mas a nódoa ficou embora se tivessem reconciliado depois o atirador e o visado.

A «GAIOLA DE OURO» PEGA FOGO



O POVO CARIOCA FICOU DE FORA ESPIANDO — enquanto até altas horas os seus representantes na Câmara de Vereadores discutiam e votavam o famoso projeto 1.000 — o que lhe vai dar obras formidáveis, segundo uns, mas que lhe tornará a vida bem mais difícil, dizem outros.

envolvido por interêsses de facções e êsse homem que sempre me orgulhou em dizer que me havia dado seu voto para vereador, de passado que é uma honra para qualquer homem público, que tão melancòlicamente tenha aberto a sepultura como Prefeito, por não ter sabido fechar os ouvidos àqueles que ainda no ano passado, o insultavam na Câmara.

LÍGIA MARIA LESSA BASTOS, TAMBÉM CONDENA O PROJETO

A representante do sexo frágil, vereadora Lígia Maria Lessa Bastos, estêve conosco na bancada da imprensa. É cem por cento contra.

— Você quer a minha opinião, ou melhor, que lhe explique por que jamais o apoiaria?

— Estamos aqui para conhecer as razões, que a levaram e aos seus companheiros a não o apoiarem, respondemos.

— Pois bem, há várias razões pelas quais não aprovo essa iniciativa. Primeiro, não acho concebível que a Câmara pretenda agravar a crise econômica sofrida pelo povo carioca, já onerado em tantos impostos, pelo simples pretêxto de conseguir meios para a realização de obras não planejadas e cujo custo ainda não foi orçado.

Quanto à prioridade dos empreendimentos considerados como urgentes, pela Câmara, basta examinar as opiniões manifestadas pelos autores e coautores das proposições já apresentadas e por apresentar. Outro ponto é que se esteja discutindo sôbre a realização de um empreendimento que ainda não foi planejado e orçado em seu custo.

Numa democracia não se legisla sem orçamento.

O que mais me admira, entretanto, é que o Prefeito cruze os braços, deixando apenas à Câmara a responsabilidade da majoração de impostos. Ou a Câmara divide com o Prefeito as responsabilidades na solução dos problemas da Prefeitura, ou se desmoraliza definitivamente acobertando a autoridade administrativa que tem empregos a distribuir com aquêles que a opinião pública já está considerando como capangas do Prefeito.

Justifica-se que a Câmara tenha errado, porque o êrro é inerente à natureza humana; compreende-se que retifique, em tempo, sua linha de conduta, porque reconhecer o êrro é manifestação de nobreza de caráter; o que não se justifica é a persistência teimosa na atitude empacadora.

É evidente que se pretende provocar a mais completa confusão para que a ordem seja estabelecida por «um govêrno mais forte», isto é, totalitário. O mais claro sintoma dessa maquinação está na maneira desabrida como tem sido atacado o Poder Legislativo.

MANIFESTAM-SE OS SUPLENTES DE VEREADORES

Em nome dos suplentes de vereadores, falou-nos o representante do P.R., Eduardo Raimundo Rodrigues.

— Inicialmente, sou contra o Projeto Mil pela forma em que o mesmo foi apresentado. A falta de planejamento para a realização dessas obras, bem como de suas respectivas dotações.

Penso que o povo não pode sofrer aumento de impôsto, ou mesmo ser obrigado a emprestar à Prefeitura verba para a construção das mencionadas obras. O povo está necessitando de um empréstimo, entretanto, não se anima a fazê-lo, por não dispor de recursos para amortizá-los...

Com referência à nomeação dos 150 lugares contidos na mensagem do nosso Prefeito, sou de opinião que os funcionários para ocupar tais cargos, deviam ser aproveitados do próprio quadro municipal.

O POVO SEMPRE FOI CONTRA...

O jornalista Luís Luna, assim se expressou com referência ao Projeto Mil, traduzindo a opinião de seus colegas da bancada da Câmara.

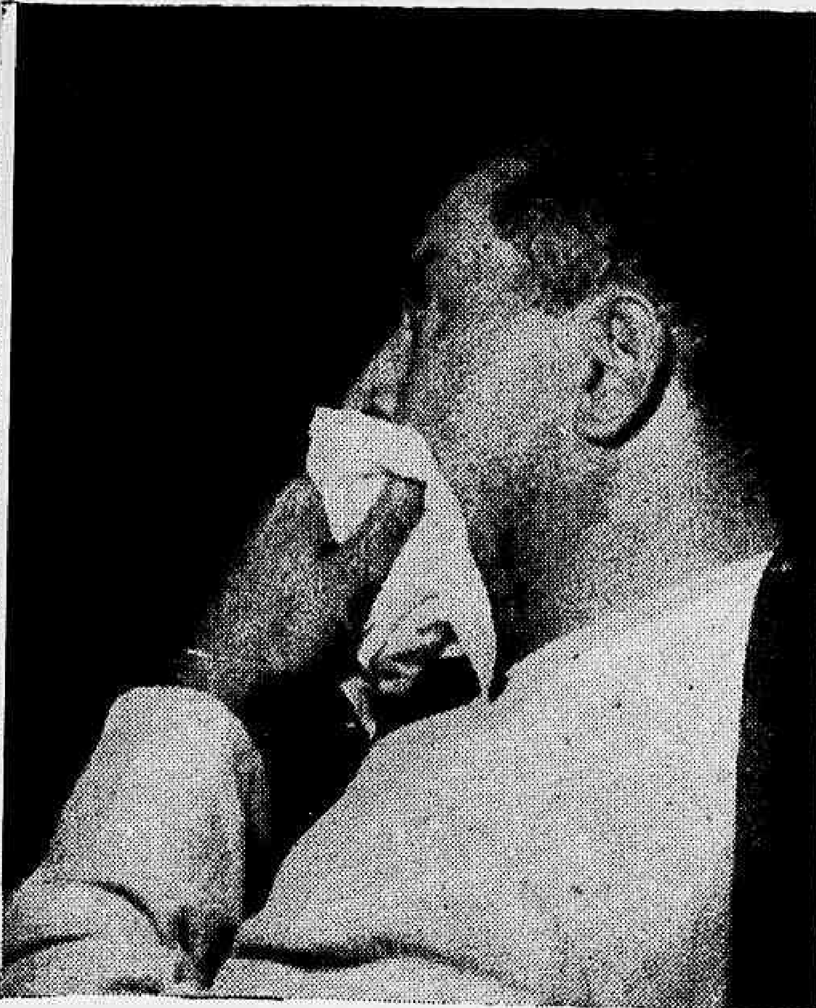
— Sou contra. Como jornalista profissional, sou um homem do povo. Acontece que o povo, desde o início, se manifestou contra o projeto. Não é à-toa que o povo toma essas atitudes. Êle sabe que com o aumento dos impostos, a carga pesará mais nas suas costas. As bolsas dos comerciantes é que não sofrerão os prejuízos.



CUIDADO, DONA LIGIA... afinal de contas mesmo uma moça poderia levar umas sobras.



O EDIL SUPERA O HUMORISTA... e Silvino Neto achou que aquilo não estava para graça...



O CAUTELOSO... espiava tudo e já tinha um lenço preparado para o que desse e viesse

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 45 ★ 8-11-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

A Gaiola de Ouro pega fogo (Zélia Tavares) ... 3/6
No Congresso Nacional dos Municípios (Domingos de Lucca) ... 11/13
O Gabinete secreto de Farouk ... 18/21
Os Granadeiros do Congo ... 27/27
A nova paixão de Ginger Rogers ... 32/33
O derby dos camundongos ... 49
Os «Canberra» no Rio ... 54/57

LITERATURA

A morte de uma Rainha (Renato de Alencar) ... 7
O general Pershing ... 23
A Semana Literária (Edmundo Lys) ... 34

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos ... 8
A semana em revista ... 8/9
A personagem da semana (Carlos Vital) ... 9
Lido... visto... ouvido... (Jim) ... 14/15
Puxe pelo cérebro (Renato Cartaxo) ... 15
Passatempo ... 17
Conta-me teus sonhos (Maria Paula) ... 22

ROMANCE

Um príncipe em minha vida (Michel Davet) ... 24/25

FOLHETINS

Arabelle ... 51
Filho, meu filho ... 52/53

FEMININAS

Saia e blusa ... 26
Dois modelos para a tarde ... 35/38
A massagista (Isolete) ... 44
Rotina de beleza ... 45
À luz da psicanálise (Dr. Luiz Fraga) ... 46
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) ... 50

CURIOSIDADES

A tragédia da camionete ... 30/31
A vida de Noel Rosa (Almirante) ... 39/41

ATUALIDADES

Tudo isto aconteceu ... 16/17

CARICATURA

Êste mundo e o outro (Darcy) ... 10

CAPA

Elizabeth Threatt (Foto R. K. O.)

A MORTE DE UMA RAINHA



HÁ, nos tempos que correm, três espécies de rainhas: as de sangue real, as «morganáticas» e as de eleição. De tôdas, as eleitas são as mais felizes. Não possuem tronos de ouro, nem se submetem a Primeiros Ministros impetuosos e politiqueiros. Também não recebem o título por empréstimo, com o sêlo de um casamento quase sempre sensacionalista. As rainhas por eleição de seus vassalos têm o diadema fulgurante da simpatia, da elegância, do amor. São eleitas porque são belas. Um sorriso lindo, fascinador, mostrando dentes perfeitos, alvos, entre lábios que se abrem como uma flor de carne vermelha; olhos românticos, negros, ou azuis, verdes como o mar, ou cinzentos como a saudade, olhos que encerram melodias numa promessa de amor... Rainhas que só imperam durante uma temporada de verão, dentro do espaço de um ano. Soberanas felizes, sem ambições de mando, sonhando apenas com um passeio turístico por cidades e países desconhecidos onde as esperam delegações com braçadas de flores entre sorrisos e expressões de afeto. E quando retornam, suspiram enlevadas diante de um passado que nunca se apagará de sua lembrança. Como são felizes, essas Rainhas! Mas o destino é, por vêzes, de uma crueldade que transforma corações em lágrimas. Ao invés de coroar de flores e sorrisos as soberanas em férias, reserva-lhes o epílogo lutuoso de um «requiem», deixando na alma de parentes, amigos e eleitores, um sulco de dor, pranto e aflições. Foi o que sucedeu com Sônia Ketter, é o que acaba de acontecer com Hilda Albuquerque. Eleita Rainha da Beleza de uma organização de aformoseamentos femininos, Hilda, dentre muitos prêmios merecidos, foi distinguida com um passeio a Buenos Aires. A jovem contava os dias. Ir à capital argentina é desejo de qualquer brasileiro. Ver o povo portenho, sentir-lhe os surtos de progresso, visitar os pontos mais empolgantes de sua capital e voltar ao Brasil para transmitir tudo o que se viu, cimentando os alicerces da secular amizade que une os destinos dos dois povos do continente, eis um sonho de «tapête mágico», o qual Hilda não pensara converter em realidade assim tão cedo. E o dia chegou. Feliz, entre abraços, votos de felicidades, flores e beijos, voou em direção ao sul. Mas o Destino lhe armava um alçapão em meio da viagem. Quando a bordo todos cantavam e tocavam já nas vizinhanças de Pôrto Alegre, sucede a catástrofe. O avião, qual pássaro ferido em pleno vôo, perde as fôrças, dá saltos nos ares, inclina-se entre a cerração que o envolve, os motores falhando como um coração doente, os hiatos de fluxos sanguíneos até ao colapso fatal. Há pânico entre os passageiros. Os cintos se apertam. O avião procura descer numa aterragem de emergência. Nos olhos de todos, a expressão da tragédia. Hilda está ali. Seu lindo rosto se transforma em máscara de pavor. Vai morrer?! Tudo foi por instantes. O «Douglas» se choca violentamente com o solo e abre na selva uma clareira semelhante a um túmulo. Ouvem-se gritos lancinantes, enquanto o bôjo do avião estala entre chamas e arde como enorme esquife lùgubremente iluminado. Alguns passageiros escapam, e se vê fugir do avião, tôda em chamas, a gritar alucinadamente, a figura de uma jovem. Suas vestes em labaredas lhe davam a expressão tétrica de um ser fantástico penetrando a mataria. Quem era? Hilda, a Rainha, a linda moça cuja bondade de espírito, beleza física e moral lhe outorgaram uma coroa de formosura num mundo de sonhos e esperanças. Correu desvairadamente e foi cair exânime a quatrocentos metros da catástrofe. E morreu de inanição, morreu por falta de socorro, na angústia de uma injustiça da sorte e da negligência dos homens.

RENATO DE ALENCAR

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Redator-chefe
GENEROSO PONCE FILHO

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de
ALBERTO LIMA

Redator-chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

Diretor
GRATULIANO BRITO

Assistente
RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N.Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES:
Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

9 de Novembro de 1902

SPORT

TURF — DERBY-CLUB

Realiza-se hoje, no sympathico Derby-Club, uma esplendida corrida, em que será disputado o **Grande Premio America do Sul**.

E' de esperar que a concurrencia seja extraordinaria, não só pela excellencia do programma como pelo bello tempo que tem feito.

Os nossos palpites são os seguintes:

Thiers — Kita
Pergamino — Juracy
Vanda — Catalina
Piquet — Dumont
Albatroz — Petronio
Cangussu — Iracema

Azares:

Aluminio, Juracy, Maravilha, Fidalga, Caporal e Boulevard.

EMILIO DA ROCHA LIMA

● Semana triste essa que se foi... Escoada através do véo de lagrimas que a saudade teceu na longa e triste romagem dos tres primeiros dias deste mez, ella nos trouxe, mal abafados as notas ultimas dos **requiens** e o reboo funebre dos sinos, a noticia inesperada da morte de Emilio da Rocha Lima, um dos mais dedicados amadores da canotagem deste tempo.

Rocha Lima, que dirigia ha já annos **O Remo**, um semanario dedicado ao sport nautico, desempenhava actualmente as funcções de representante do Club de Natação e Regatas junto á Federação Brasileira das Sociedades de Remo.

Com que amor elle cuidava dos interesses de sua **garage** e com que dedicação se empenhava pelo desenvolvimento da canotagem entre nós, não ha quem o ignore. Todas as idéas tendentes ao progredimento deste sport encontravam o seu apoio, forte e sempre prompto, a sua ardente defeza e a sua exemplar actividade.

E, não obstante toda a sua dedicação pelo Club de Natação e Regatas que, se fosse porventura contestada tinha para comproval-a a forte commoção de que foi elle accommettido por occasião da victoria da **vole** dessa Sociedade; apezar disso, Rocha Lima jamais procurou fazer entre os representantes da Federação vingar qualquer projecto que visasse unicamente o interesse da sua **garage**, como na maioria dos casos sóe acontecer. O seu enterro, que se effectuou quarta-feira ultima no cemiterio de S. João Baptista, foi o documento de quanto o queriam e consideravam os amadores de regatas.

Commissões da Federação Brasileira e de todas as sociedades nauticas, socios de todas as **garages** e aficcionados do remo foram cobrir-lhe o esquife de flôres como ultima e merecida homenagem aos seus grandes, aos seus relevantes serviços pela propaganda do sport de regatas. E fica nestas linhas rapidas e sentidas toda a nossa magua pelo passamento do operoso representante do Club de Natação e Regatas.

A ESPERA

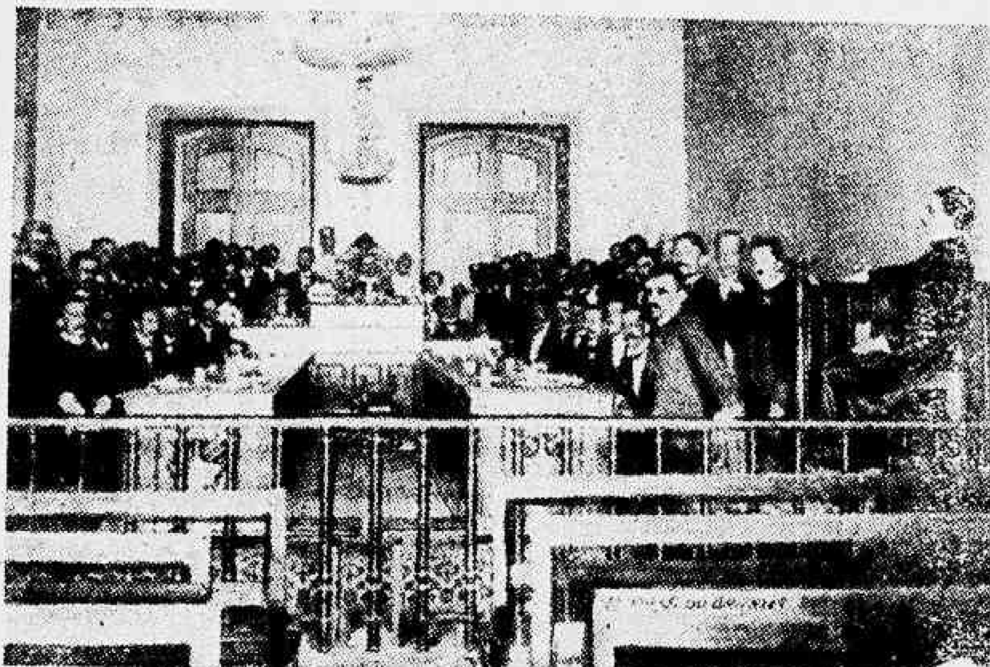
E veiu a primavera. E os prados, novamente,
Cobriram-se de luz, de flôres, de verduras.
Fez-se azul todo o céo, azul e transparente
Como um pallio de gaze aberto nas alturas.

E eu disse assim, commigo: — "Ás negras desventuras,
Aos pezares que eu soffro, e tornam-me descrente
Vão, emfim, pôr um termo os beijos e as ternuras
Daquella que eu espero — e de quem vivo ausente". —

E assentei-me, esperando, á beira do caminho...
O cahir de uma folha, a musica de um ninho.
Lembravam-me o teu passo e a tua voz, creança.

E, afinal, veiu o inverno, — e foi-se a primavera...
E cheio de saudade, e sempre á tua espera,
E á força de esperar, — perdi toda a esperança.

Recife. Mendes Martins.



Sessão de encerramento da 1ª sessão extraordinaria do Jury desta cidade, presidida pelo dr. Celso Guimarães, sendo promotor publico o dr. Costa Ribeiro e escrivão o maj. Sampaio (Phot. Revista da Semana)

A Semana

Rachel de Queiroz e a fera

A conhecida escritora cearense, residente na Ilha do Governador, escreveu uma crônica em tôrno da costureira Dinaura Cruz, assassina do espôso, o detective Jansen, comparando-a a um «tigre fêmea». Então sucedeu esta coisa inédita em nossos processos do fôro criminal: o Juiz João Claudino, presidente em exercício do Tribunal do Júri, ordenou a intimação da beletrista para depor na sessão de 24 de outubro passado, quando se realizaria o julgamento da criminosa. Até aí, nada de mais. Entretanto, segundo adiantaram os jornais, Rachel de Queiroz tomaria a palavra antes dos debates, fazendo cerrada carga contra a ré, como se fôsse auxiliar das acusações. Ora, depor como testemunha em processo é uma coisa natural e a lei exige que, quem souber do fato, não se negue a ajudar o processo para esclarecimento da verdade; mas, quando uma pessoa que nem conhecia a homicida, nem lhe sabia dos costumes, nem viu nada, escreve um artigo de aspecto puramente literário, quase uma ficção muito bonita pelo estilo e fluência de elocução, e é arrolada como acusadora, isso é inédito em nossos anais judiciários e entra como nova figura nas normas de formação de culpa. Se a moda pega, os júris vão ficar cheios de acusadores e defensores literários, verdadeira Academia de ouvi dizer... Quem sabe se Rachel não está treinando para algum novo romance: «Dinaura, tigre-fêmea»?



Vão ressurgir os comandos



O povo carioca já conhece a necessidade dos comandos sanitários. Durante alguns dias, médicos e inspetores sanitários andavam em caravana pelos hotéis, restaurantes e pensões, verificando como se estava servindo à freguesia. E muita sujeira foi evitada, entre multas e advertências de tôda ordem. Mas, de uma hora para outra, os Comandos Sanitários desapareceram e o povo do Rio continuou a comer ensopadinhos com baratas e até ratos... O mais curioso é que os donos de «casas de pasto», como se chamava antigamente, pouco se incomodam quando o freguês reclama tais imundícies misturadas a alimentos já, de si mesmos, pouco nutrientes e quase sempre intoleráveis a estômagos de avestruz. Respondem apenas com poucas palavras: «Se não está satisfeito, que vá comer no diabo que o carregue». Para que discutir? O dono do restaurante é um pequeno soberano. Êle dá ordens como um general em plena campanha. Paga-se preço elevado por um pratinho qualquer, por uma salada cujas fôlhas de alface vêm enfeitadas de minhocas de procedência suspeita. Lagartas e môscas na comida, isso já é até um tempêro vulgar nesta capital, e as larvas de insetos de tôda casta, não surpreendem a ninguém. Por quê? Porque não há fiscalização. Os «Comandos Sanitários» são uma necessidade social, uma garantia para diminuir o obituário do carioca, sempre morrendo pela bôca...

Em Revista

Um milhar tumultuoso

VINTE e três de outubro. Todo o comércio varejista de luto, portas semicerradas. A causa? Protesto contra o projeto 1.000. Mas o dito foi votado. E' verdade que houve barulho na Câmara, com agressões, palavras inconfessáveis e até um tirinho para o ar. No dia seguinte as portas continuaram semicerradas. Até quando? À noite do mesmo dia da votação o Prefeito deu recepção aos 31 que lhe apoiaram o projeto, ficando de lado os 18... da Câmara. E o barulho promete render muito. Cotrim Neto, do PRP, segundo divulgaram jornais matutinos do dia 24, foi expulso do seu partido, e anda por aí muita dissenção política porque foi aprovado o «milhar do barulho». A Associação Comercial e o Sindicato dos Varejistas estão dispostos a recorrer ao Presidente da República, se o projeto não fôr vetado. Em verdade, em sã consciência, o caso merece ponderações e providências futuras por parte do executivo e do legislativo municipais. A verba a arrecadar-se dessa majoração de impostos de Vendas e Consignações deverá ser aplicada a obras urgentes de que precisa o Distrito Federal; mas, pergunta-se, não seria possível obter recursos cortando despesas onde fôsse possível, melhorando a arrecadação dos impostos existentes, de maneira a evitar o maior encarecimento da vida? Essa unanimidade impressionante do comércio é uma advertência. Advertência muito séria. Que Deus nos proteja, amigos.

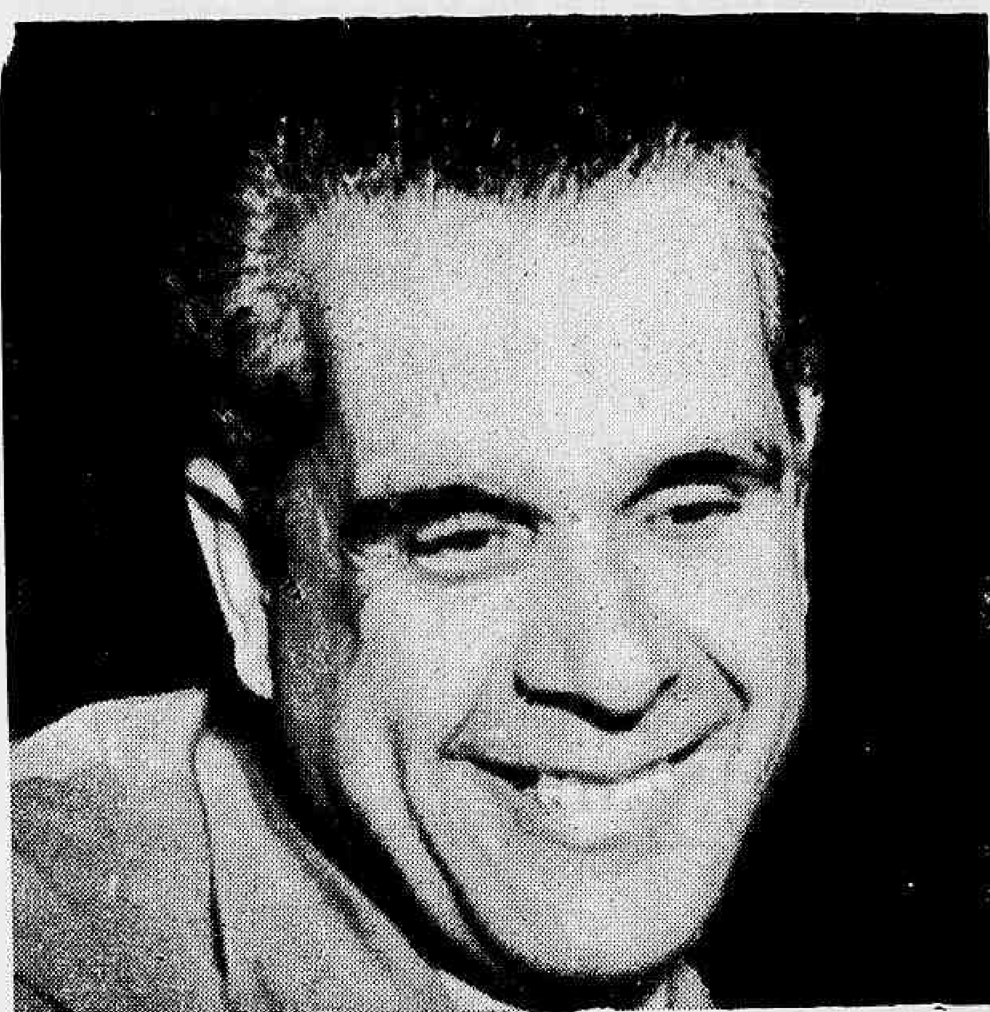


Na seara do seguro privado

VOLTA-SE a falar que o Govêrno Federal vai intervir na economia das emprêsas de seguros privados, mobilizando-lhes as reservas para fins sociais. Não parece aconselhável êsse recurso, e, para o mesmo chamamos a atenção dos legisladores. Pelos balanços divulgados nas páginas do Anuário de Seguros, 19º ano, 1952, verifica-se o seguinte correspondente a Companhias de Seguros dos Ramos Elementares e Acidentes do Trabalho nacionais: num total do Ativo, de Cr$ .... 2.683.814.689,00, os títulos de renda, empréstimos hipotecários e outros, somam Cr$ 782.278.130,00, figurando as inversões em imóveis, em penúltimo lugar. No que diz respeito às Companhias de Seguros de Vida, nota-se a mesma restrição quanto a imóveis: Título de Renda: mais de 700.000.000,00; empréstimos a segurados, cêrca de 450.000.000,00; empréstimos hipotecários e outros, quase 900 milhões de cruzeiros, somando tudo Cr$ 2.073.636.392,30, para um Ativo total de Cr$ 3.101.337.475,70. Pelos balanços se verifica que os valores que reúnem maiores somas de capital aplicado são os títulos de renda e empréstimos hipotecários ou sob caução de títulos, ocupando o terceiro lugar as inversões imobiliárias. Se o Govêrno deseja mudar êsse regime em planos inseguros e fora da técnica, grande ameaça está pairando sôbre a instituição do seguro no Brasil. Que o Govêrno lance mão do IPASE, vá lá; mas respeite o direito privado.



A PERSONAGEM da SEMANA



O comentadíssimo projeto 1.000, que já provocou expulsões de vereadores de seus partidos, conflitos no recinto da Câmara Municipal, e o semifechamento do comércio em sinal de protesto contra sua aprovação, chegou ao seu ponto culminante quinta-feira, 30 de outubro, quando o Sr. Prefeito do Distrito Federal foi ao Catete a fim de despachar com o Sr. Presidente da República. Boatos fervilharam tanto que até aquelas águias de bronze pareciam assustadas; mas o Sr. Getúlio Vargas, trocando idéias com o Sr. Carlos Vital, limitou-se a entregar-lhe volumoso **dossier** sôbre o assunto, para ser estudado pelo chefe do Executivo carioca e dar seu parecer. Os boatos de tôda ordem se desfizeram. E o Prefeito continua a centralizar tôdas as atenções.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando pêso e dôr de cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e erupções na pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

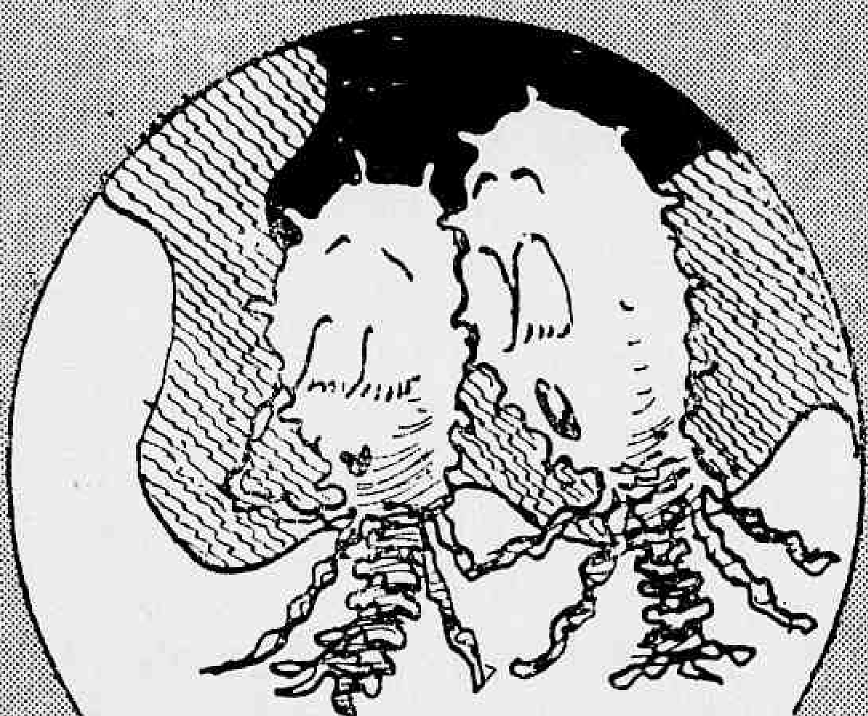
Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

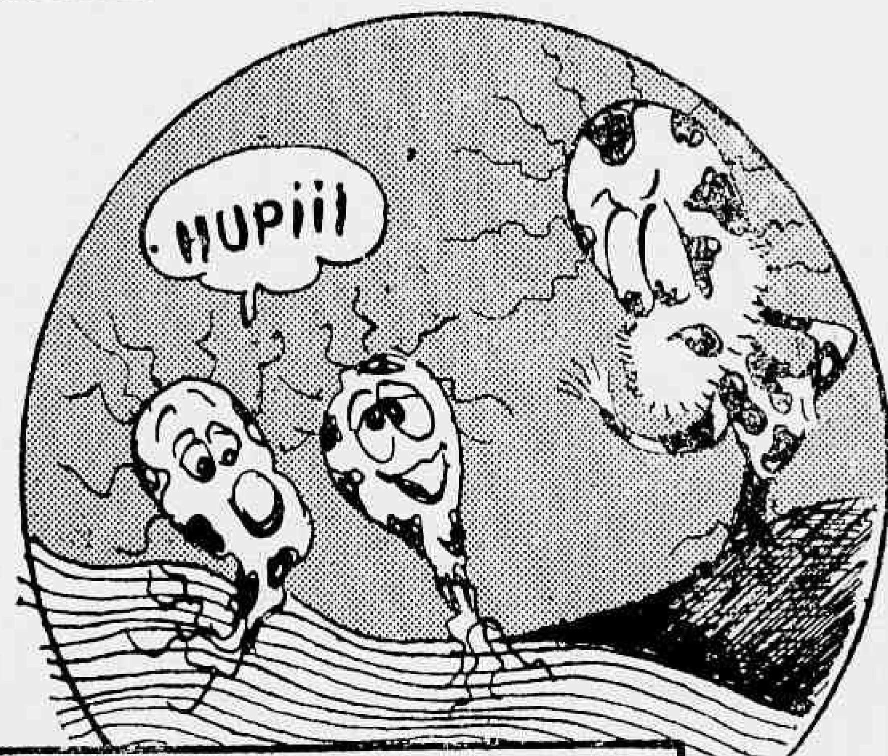
ESTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

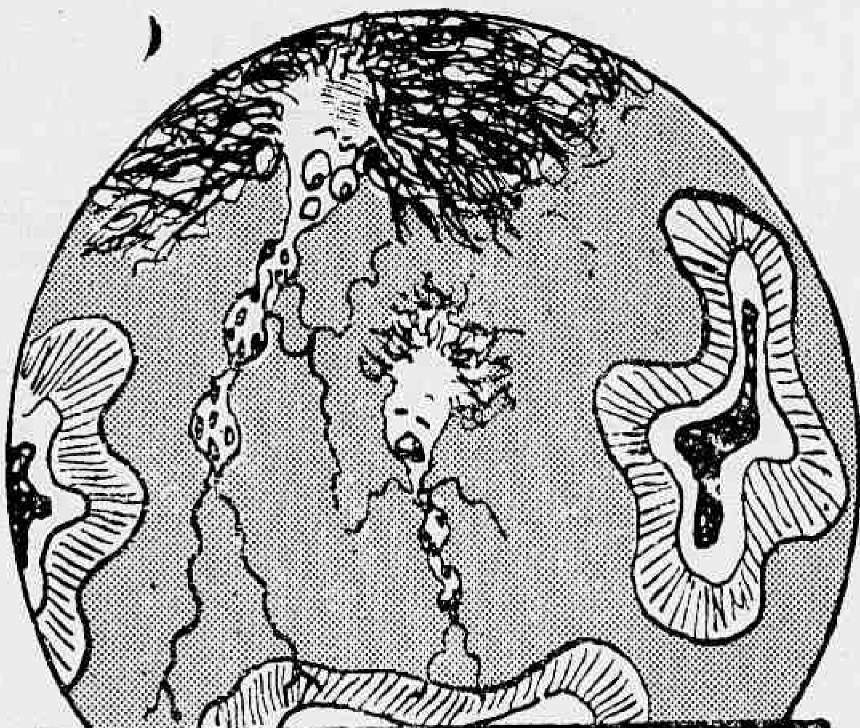
Conversa de micróbios



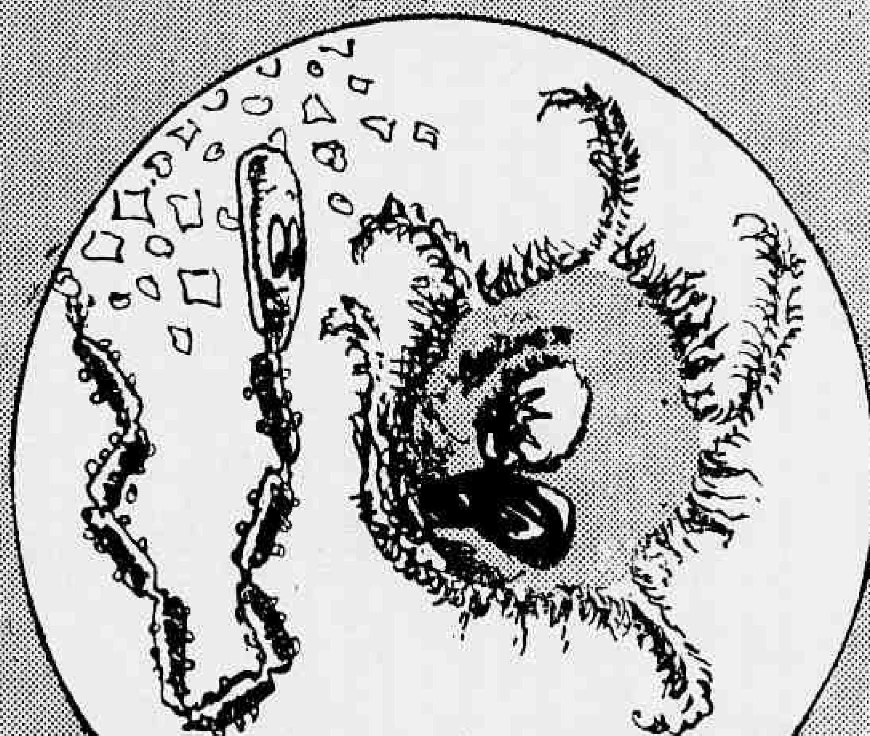
O BACILO DA TUBERCULOSE: — «Se casares comigo, eu te darei uma «big» caverna pulmonar...»



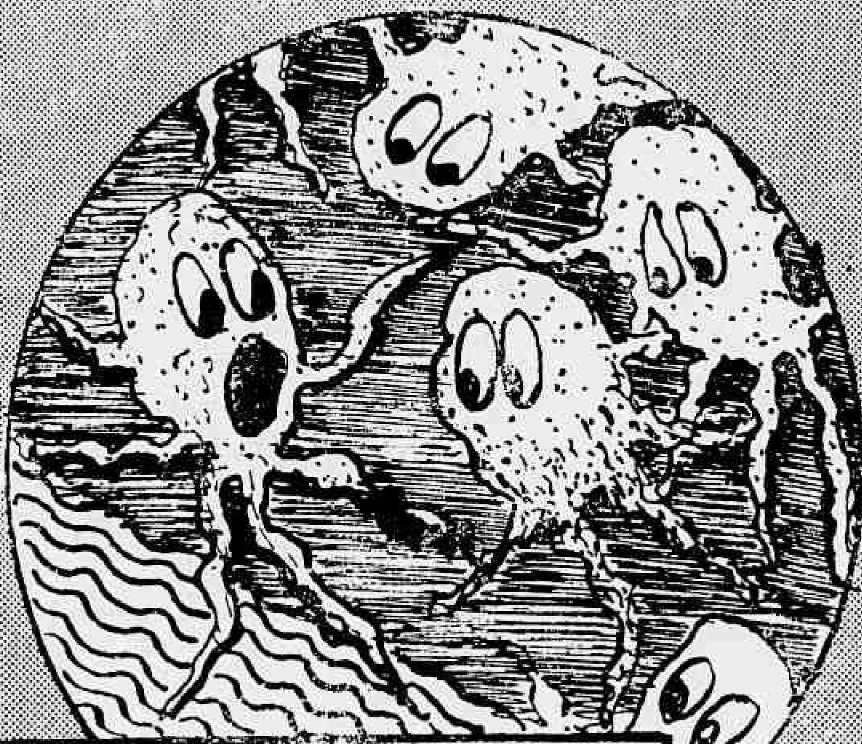
PAPAI DIPLOCOCO: — «Meninos! Quantas vêzes eu preciso repetir que não quero vocês circulando no sangue do nosso hospedeiro, quando êle toma Wisky?»



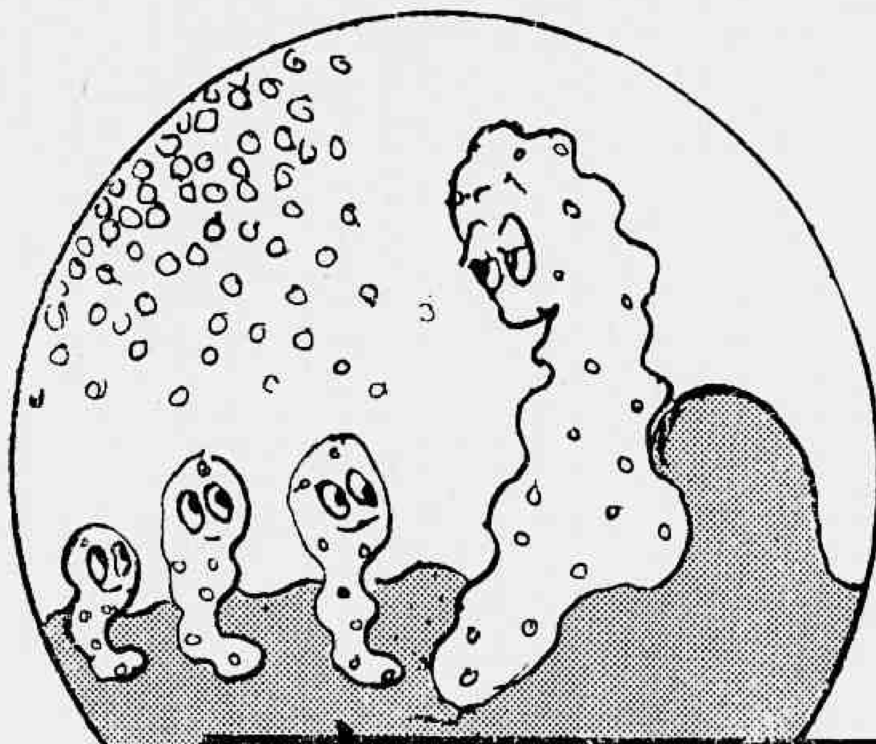
O MICRÓBIO-MÃE: — «Se você continuar se portando mal, eu chamo a Penicilina, hein?»



O MICRÓBIO DA SÍFILIS PARA O DA PNEUMONIA: — «E fique sabendo! O senhor não pense que vai se instalar aqui no corpo do Senador, não, porque êste corpo é patrimônio de família, desde o tempo em que o meu avô infectou a avó do Senador!»



O MICRÓBIO DO NARIZ: — «Segura pessoal, que omoço vai espirrar...»



A VOVÓ ESTAFILOCOCO: — «... e se casaram, foram muito felizes e tiveram 596 bilhões de filhos.»

TUMULTO, GRITOS . . . E TRABALHO ★ CABALA PELO JÔGO LIVRE E DERROTA ESPETACULAR DOS EXPLORADORES ★ UM MUNICÍPIO ONDE O CONTRABANDO E' "LEGAL" . . ★ UMA TESE ENVIADA HÁ DOIS MESES E QUE AINDA NÃO CHEGOU ★ ADHEMAR CHEGOU, VIU . . . E FICOU CALADO . . .

Texto de DOMINGOS DE LUCCA JÚNIOR

Fotos de DARIO TERINI e RONALDO DE MORAES



Os debates foram calorosos. Houve dias em que o recinto do plenário se apresentava como se pode observar pela fotografia. Ao lado: — a palavra vibrante da Vereadora.



São Vicente, outubro.

SIM, houve tumulto, houve gritos, houve comissões que muito trabalharam, houve tentativa de se transformar o certame em movimento político e de se aprovar teses favoráveis ao jôgo livre, houve desaforos, houve aquilo a que chamaram de derrota política do Sr. Adhemar de Barros, houve literal desorganização, houve muita coisa mais, que a imprensa não pode assistir, e até a tentativa da fundação de um partido político.

O que foi isso? Um congresso. O II Congresso Nacional dos Municípios, que durante oito dias reuniu, em São Vicente, cêrca de 2.500 convencionais que representavam mil municípios de 20 Estados e um território da União.

O congresso, de conformidade com seu regimento e temário, deveria ter sido o debate livre e democrático de temas tendentes a desenvolver e fortalecer a política municipalista nacional. Todavia, muitos entenderam ao contrário e tentaram utilizá-lo como meio de propaganda política e outros como caminho para reimplantar o regime de jôgo no Brasil, «pelo menos nas estâncias climáticas». Mas, enfim, como o brasileiro é um «bamba» em improvisar, tudo acabou bem, a despeito dos berros, da confusão permanente nas reuniões plenárias,

NO CONGRESSO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS



da falta de conhecimento, por parte de centenas de delegados, do regimento interno e das mais rudimentares normas parlamentares.

O CONGRESSO FOI ATÉ AO FIM

Dia 12, com a presença do Sr. Getúlio Vargas, do Sr. Lucas Nogueira Garcez, governador paulista, de representantes dos governos estaduais de todos os Estados e do Sr. Adhemar de Barros, que regressara de sua viagem à Europa, há dias apenas, instalou-se, solenemente, o II Congresso dos Municípios.

Dia 13 as comissões técnicas, em número de 5, começaram a funcionar, examinando, discutindo, rejeitando ou aprovando as centenas de teses que lhes iam ter às mãos e, dia 17, encerraram-se, definitivamente, as reuniões plenárias, onde foi apresentado o vasto trabalho das comissões.

Os assuntos discutidos foram inúmeros; energia elétrica, tributação municipal, imunidade aos vereadores, criação de cooperativas e entrepostos agrícolas e tantos outros de interêsse dos municípios nacionais.

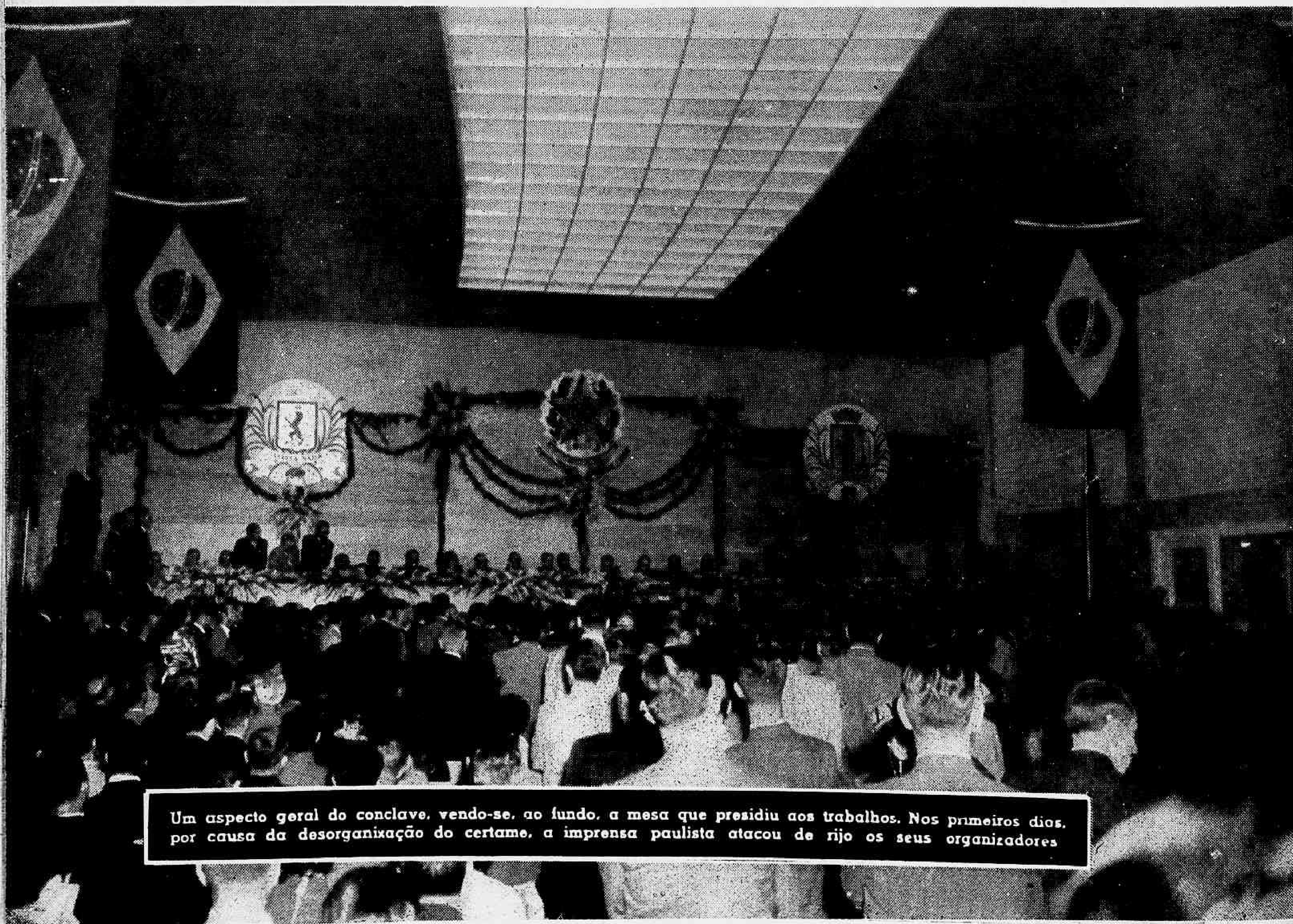
Todavia, a impressão geral, especialmente nos primeiros dias, era de que nem os congressistas nem os organizadores da reunião estavam preparados para enfrentar as duras responsabilidades de sua realização. Os primeiros, por chegarem sem conhecer, em sua maioria, os têrmos do regimento interno e os segundos por apresentarem um local que bem demonstrava ter sido preparado às pressas. O serviço de imprensa funcionou, porém, pior do que se poderia esperar, obrigando os grandes jornais a manterem mais de um ou dois repórteres assistindo aos trabalhos, por falta de centralização das informações advindas das cinco comissões e das sessões plenárias. Muitos congressistas queixaram-se rudemente da desorganização vigente, havendo alguns que chegaram a regressar aos seus municípios.

MELHOROU... MAS NÃO MUITO

Após as primeiras notícias da imprensa relatando a real situação, as coisas melhoraram, mas não muito... Os debates continuaram, teses foram aprovadas, noções redigidas e dia 19, pomposamente, tinha final o certame municipalista, durante o qual foi elaborada, também, a nova Carta dos Municípios.

O Sr. Adhemar de Barros, dia 14, surgiu no recinto do plenário, dizendo-se congressista e insistindo em defender uma tese de sua autoria, no que não foi obstado. Porém, seus pupilos políticos, pela manhã, haviam sustentado acirradas discussões com os congressistas de outras correntes políticas que viam, na presença do ex-governador paulista, um jôgo político não condizente com as verdadeiras finalidades do certame. Nas salas contíguas ao plenário, tiveram lugar várias discussões, que, todavia, não chegaram às vias de fato. O presidente do P.S.P., que chegara a São Vicente pela manhã, almoçou e,

Aniz Badra — Vereador por Marília — São Paulo — «O jôgo é um cancro social. Enfim, as estâncias atraem turistas por suas qualidades de cura ou pela sedução do vício?» — Francamente contra todo jôgo...



Um aspecto geral do conclave, vendo-se, ao fundo, a mesa que presidiu aos trabalhos. Nos primeiros dias, por causa da desorganização do certame, a imprensa paulista atacou de rijo os seus organizadores



Flagrante tomado na ocasião em que falava o senhor Carlos Souza Dantas, Prefeito de São Vicente, na sessão solene de instalação do certame, ladeado por Sua Excelência o Sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, e do Governador de S. Paulo, Sr. Lucas Nogueira Garcez.

calmamente, dirigiu-se para o Cassino da Ilha Porchat, onde se desenvolviam os trabalhos. Enquanto aguardava a recepção que lhe seria oferecida, o líder pessepista teve ciência de tumulto, no recinto do plenário, que quase degenerou em pugilato. Serenados os ânimos, o Sr. Adhemar de Barros, que se fazia acompanhar pelo vice-governador de São Paulo, Sr. Erlindo Salzano, e pelo prefeito de São Vicente, Sr. Charles de Souza Dantas Forbes, adentrou o plenário, onde, convidado para fazer parte da mesa, foi saudado pelo presidente do certame, o representante amazonense Oséias Martins. Encerrada a oração, o Sr. Adhemar de Barros retirou-se sem pronunciar uma só palavra. Isso, posteriormente, deu margem a sérios comentários da crônica especializada, que classificava o acontecimento, como uma verdadeira derrota do presidente do PSP.

A MISÉRIA VEM DE LONGE

Mas, à margem do certame, nós assistimos coisas interessantes, lutas ferrenhas, que bem demonstram a desigualdade em que vivem os municípios brasileiros, no que diz respeito ao nível social. Prefeitos e representantes de estâncias hidro-balneárias, como São Lourenço, Lambari, Araxá, ou Caxambu, «cabalavam» votos para teses defensoras do jôgo, enquanto outros, mais modestos, mais simples, menos bem vestidos e pretensiosos, humildemente, contavam **(Cont. na pág. 48)**



O cavalheiro não agüentou e dormiu em plena sessão plenária, apesar da grande balbúrdia que não deixou de existir em tôdas as sessões.



No memorável congresso a nação brasileira estava representada por todos os seus expoentes. E o clero também foi representado à altura.



A imprensa lutou com sérias dificuldades, ante a desorganização do serviço de imprensa e os organizadores foram muito criticados.



LIDO... VISTO...

OS PERUANOS

SAMPAIO CORRÊA, o eminente brasileiro, engenheiro notável, economista, professor da Escola Politécnica, antigo Senador e Deputado, Prefeito do Distrito Federal, era um impenitente contador de desopilantes histórias, de um sabor todo seu na maneira com que lhes dava vida e colorido.

Na sala do café, quando da Constituinte de 34, formavam-se rodas para ouvi-lo. De uma feita, tratava-se de assunto sério, a situação de nossas fronteiras, onde o elemento estrangeiro, às vêzes dominava, não havendo escolas brasileiras e os brasileiros aprendendo em idioma castelhano.

Sampaio ouvia, atento, dava seu parecer judicioso e não demorava lá vinha o lado jocoso, que lhe ocorria por associação de idéias.

— Lá pela fronteira do Acre com o Peru, a confusão era enorme. Havia um criminoso, acusado de mais de trinta mortes e que ora matava no Peru e vinha para o Brasil, ora liquidava alguém de nossa banda e passava para o outro lado. Um dia, porém, um delegado novo e enérgico, pegou o cabra no flagrante:

— Você agora vai nos contar essa história tôda das trinta mortes que você fêz.

— Isso é calúnia, seu doutor. Eu só matei êsse sim senhor.

— Ora, deixe-se disso. Trinta ou um você vai comer os mesmos 30 anos de cadeia. Deixe-se de histórias e desenrole a língua.

Mas o caboclo continuava firme na negativa. Afinal, cansado, disse:

— Está bem, sio doutô, eu conto. Eu matei seis, sim sinhô.

— Qual seis, você matou foi mesmo trinta.

— Não, seu delegado, eu juro que foi seis.

— Qual seis, diga a verdade. Foram 30...

E o delegado falou de tal jeito, argumentando, que o caboclo deu-se por vencido.

— Trinta, seu doutô? Vai vendo que êles contaram também os peruano...

RESPONDA ESTAS:

91 **Diga o nome de alguns «meninos-prodígio».**

92 **E' verdade que os macacos não sabem nadar?**

93 **O que é Bendengó?**

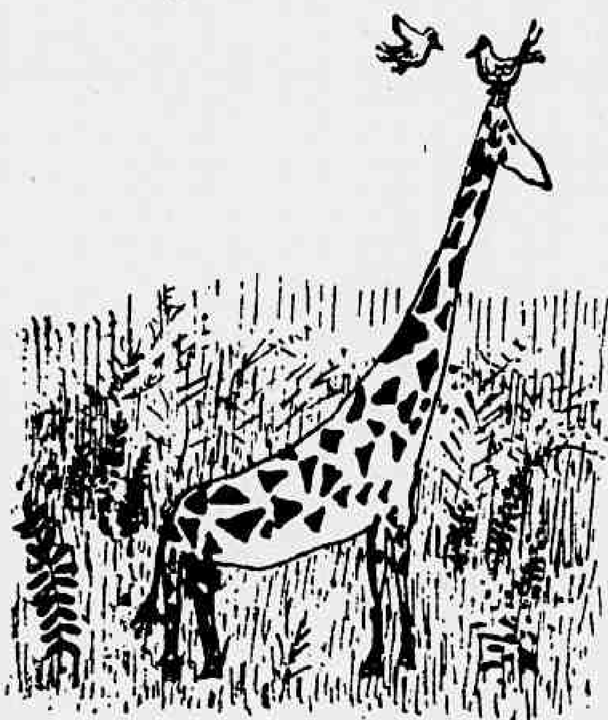
94 **Quando foi publicado o primeiro livro de Aritmética?**

95 **Quantas palavras por minuto já se conseguiu escrever em taquigrafia?**

RESPOSTAS AS ÚLTIMAS:

86 — Quando aparecem bôlhas na superfície é porque está faltando oxigênio; 87 — Devakan, em sânscrito, é o céu, isto é, o espaço de tempo que dura entre duas reincarnações; 88 — A brasileira Dona Clara Camarão, mulher do célebre comandante dos Índios, a cujo lado pelejou montada num cavalo «e tão clara se mostrou nessa gentileza que deixou escurecida a memória das Zenóbias e Semiramis», diz Rafael de Jesus no Castrioto Lusitano. Foi isso em 1637, na batalha de Comandaituba, em Alagoas, contra os holandeses; 89 — Existem mais de 20.000 espécies de pássaros no mundo; 90 — A fruta-pão é originária da Polinésia, embora se tenha aclimatado bem no Brasil.





— Amanhã nos encontraremos aqui, à mesma hora!

PERNAS... PARA

ACREDITEM ou não, isto é repouso. O repouso de uma linda artista; linda e jovem como Ludmilla Tcherina, seria fatigante para quem não tivesse sua esplendente juventude. Mas depois de filmar «Grand Gala», em Marrocos, ela foi para Veneza, repousar. E no Lido, a famosa praia, que não chega aos pés de Copacabana, que também tem Lido... nas aguas azul-claro do Adriático, divertindo-se, ela andou fazendo lindos exercícios coreográficos. Meu Deus e nós tão longe. À noite a Bienal, pelas manhãs a praia. Ah, Veneza, Veneza.

OUVIDO....

ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

(JIM)

POUCAS E BOAS...

● **PENA DE TALIÃO**

O amigo o esperava para jantar e o famoso clínico chega atrasadíssimo e procura justificar-se:

— Ó não posso mais. Êstes doentes me matam! — E o médico enxugava a fronte, dois dias antes da famosa greve...

— Não te lamentes — responde-lhe o amigo. — E' a pena de Talião...

● RECEITA DE DON JUAN

Sacha Guitry, filho do grande Lucien Guitry, é, para a geração de hoje, mais célebre do que o pai, que foi um dos maiores atores do palco francês. Sacha, que começou escrevendo peças, passou a ator, diretor de cinema, casou-se quatro vêzes e parece um técnico na arte de agradar às mulheres. Por isso um repórter, ùltimamente, foi lhe perguntar qual era o método mais seguro para conquistar uma mulher.

Sacha Guitry sorriu:

— Não há um meio, há mil maneiras... Mas de fato entre essas mil existe realmente uma que pode fazer a qualquer conquistador virar a cabeça daquela que êle escolheu.

— E qual?

— E' o de dizer que ela tem um perfil bonito!

● **ENSAIO**

Um coronel de Bombeiros estava em Bristol inspecionando uma caixa de alarma de incêndio, quando acidentalmente êle a fêz funcionar. Imagine-se sua encabulação quando daí há minutos 20 bombeiros e uma escada irromperam pelo seu apartamento.

● BÔCA AMARGA

Esta é autêntica e se passou na Itália, logo depois da guerra acabada. Diante de um comando aliado, destinado a receber reclamações da parte das pequenas, a quem os soldados haviam prometido casamento... e depois batido a linda plumagem, formara-se uma pequena fila.

Uma velha que passava, pensando que fôsse fila para distribuição de víveres, perguntou:

— E hoje que é que dão aqui?

— Torrõezinhos de açúcar — diz uma brincalhona.

A velhota entra na fila. Quando chega a sua vez, o oficial, perplexo, lhe pergunta:

— Mas, a senhora também?

— Ora essa, então por que sou velha devo ficar assim, de bôca amarga?

QUEM DISSE ISTO?

91 **«Vossa Alteza ganhou a partida, mas perdeu o trono.»**

92 **«Muitos que vivem num pedestal nunca terão uma estátua ao morrer.»**

93 **«Todo homem tem duas pátrias, a sua e a França.»**

94 **«Terra mui salutífera»...**

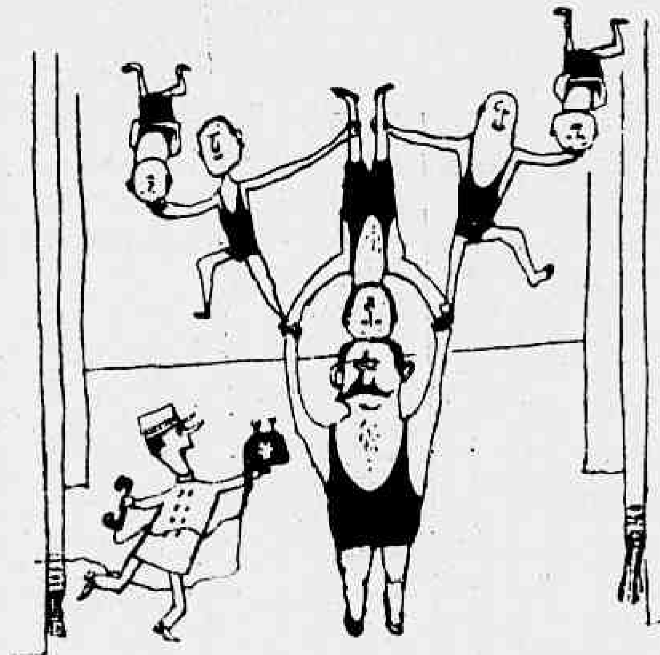
95 **«Sou um poeta ou sou um imbecil?»**

RESPOSTOS AS ANTERIORES:

86 — Shakespeare; 87 — Frase do grande Silveira Martins, na tribuna da Câmara, indignado por ter sido aparteado por um deputado pouco conhecido; 88 — Frase de Destouches; 89 — Evangelho de S. Mateus, (c XIX, v. 24); 90 — Cicero, o imortal orador romano.

QUE TE QUERO...

SUE... Sue é o nome dela... Sue Carson, cantora, 23 anos, enderêço? (não é de sua conta...) artista de teatro, trabalha tôdas as noites num teatro e numa **boite**, num programa apertado, pois entre os dois lugares onde **l'on s'amuse** há alguns quilômetros. Ela vai mudando de roupas pelo caminho. No auto tira a linda capa, a **toilette** com que aparecera na última cena do **musical-comedy**, troca pela que vai ostentar no **show** da **boite**, acerta o **make-up**, o carro pára à porta, já está na hora, ela salta, nem teve tempo de pôr os sapatos e vou com os sapatos e as luvas na mãozinha.



— Estão lhe chamando no telefone: é urgente!

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — DE QUANTOS QUILÔMETROS É A CAMADA DE AR QUE ENVOLVE A TERRA:

— Trinta?
— Trezentos?
— Oitenta e cinco?

2 — SE UMA PESSOA RESPIRASSE OXIGÊNIO PURO, QUE SUCEDERIA:

— Embriagava-se?
— Morreria queimada?
— Perderia a memória?

3 — DE QUE ELEMENTO RETIRAM AS PLANTAS O AZÔTO:

— Do solo?
— Da luz solar?
— Da chuva?

4 — DE QUE NACIONALIDADE É O CIENTISTA PICCARD:

— Suíça?
— Francesa?
— Holandesa?

5 — DAS SETE CÔRES DO ESPECTRO SOLAR, QUAL A MAIS LONGA:

— A azul?
— A verde?
— A vermelha?

6 — QUE VEM A SER CÃO «PODENGO»:

— Cão para caça de coelho?
— Cão de perdiz?
— Ou guardador de ovelhas?

7 — QUE SIGNIFICA PNEUMOPLEGIA:

— Doença do coração?
— Dificuldade de ver ao longe?
— Paralisia do pulmão?

8 — QUAL O NOME VULGAR DO NITRATO DE SÓDIO:

— Salitre do Chile?
— Sal de cozinha?
— Enxofre?

9 — SAGITÁRIO É:

— Carta de baralho?
— Nome de um mar?
— Signo do Zodíaco?

10 — UM SINÔNIMO PARA RUGA:

— Gêlha?
— Sinquise?
— Onomatopéia?

11 — QUE QUER DIZER «BAMBÁ»:

— Peixe do S. Francisco?
— Coroa de areia do mar?
— Bambu fino?

12 — QUE VEM A SER «ROBLEDO»:

— Montes de pedras?
— Mato grosso?
— Mata de carvalhos?

13 — UMA PESSOA QUE SENTE «RINALGIA», SOFRE DE

— Dor nos rins?
— Falta de olfato?
— Dor no nariz?

14 — UM ANIMAL «REIMÃO», VEM A SER:

— Sem habitação certa?
— Manco de um pé?
— Ladrão?

15 — UM HOMEM QUE É «PRÓCER» DE UM PARTIDO, É:

— Um dos mais importantes?
— O seu advogado perante os Tribunais?
— O fundador?

(Respostas na página 50)



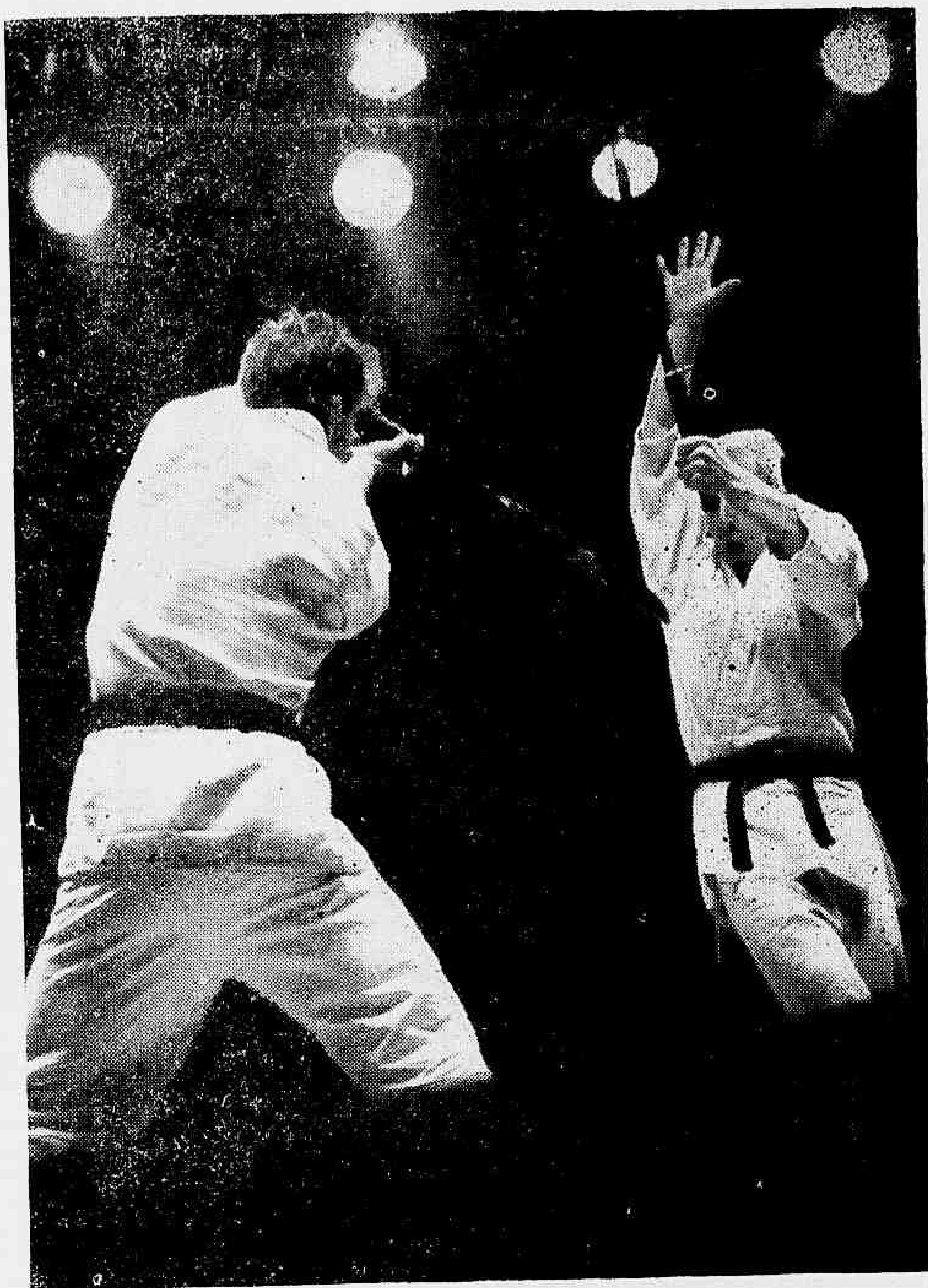
Audrey Freeman é uma artista inglêsa que adora crianças. Aqui a vemos a brincar com elas num «play ground» perto de Londres. Ela canta e dança em «Zip Goes a Million» e «Love from Judy», divinamente.

★

TUDO ISTO ACONTECEU



Todos os jornais do Rio divulgaram a dolorosa notícia da última catástrofe que enlutou a Inglaterra, quando dezenas de passageiros morreram esmagados entre os montões de ferro e madeira despedaçada da grande composição. Esta foto nos dá uma idéia das proporções colossais do tremendo choque, vendo-se um dos carros de passageiros encarapitado lá em cima, cavalgando outros no incrível engavetamento. Os trabalhos de salvamento e buscas de corpos levaram mais de dois dias, tendo emocionado todo o país.



Por ocasião de um festival de «judo», em Paris, os irmãos Gallecier realizaram uma demonstração de «kendo», uma espécie de luta em que os rivais armados de espada executam violentíssimo duelo de morte.

★



PASSATEMPO

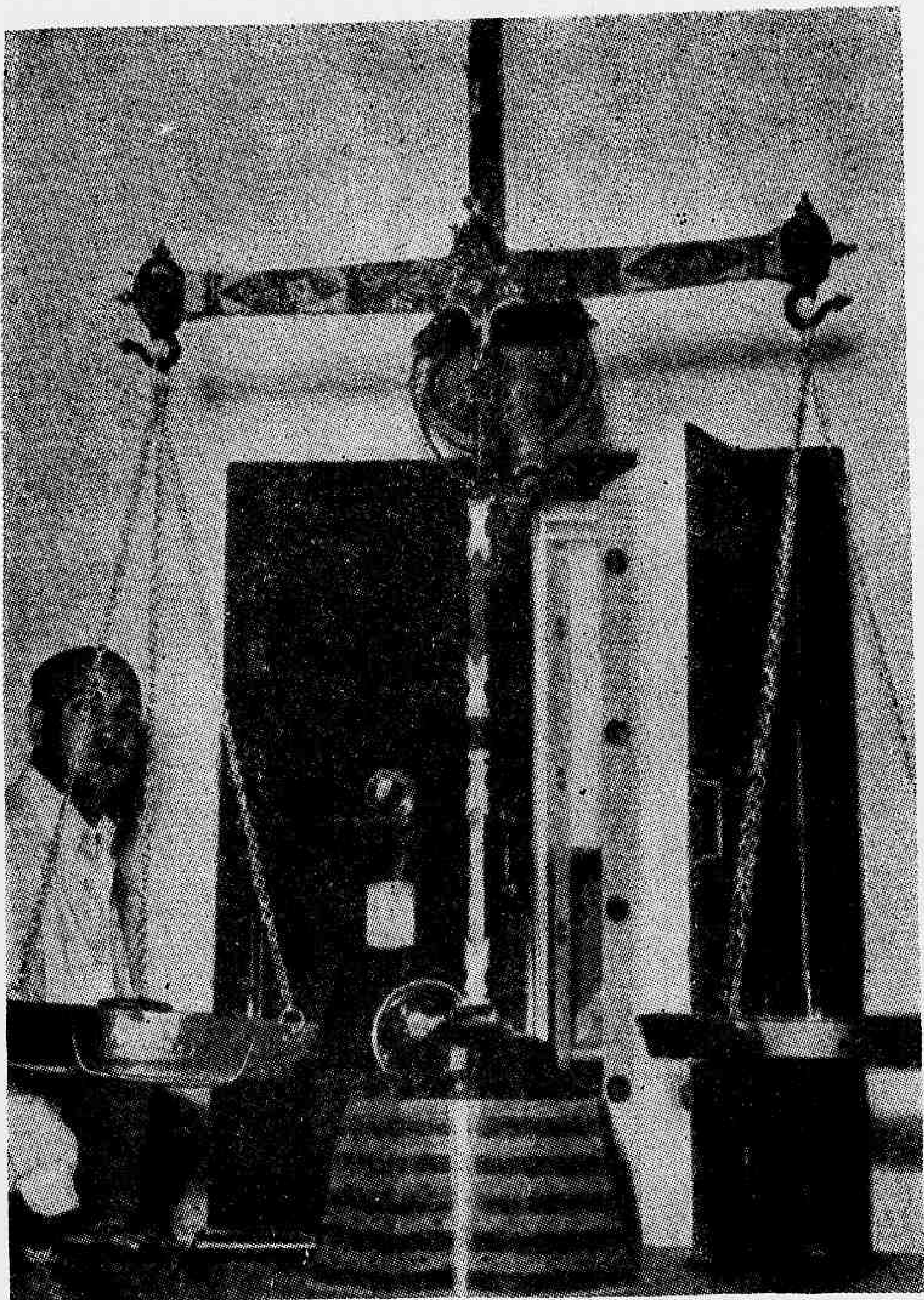
LIDERGRAMA N.º 28

A	Parte ântero-superior do encéfalo →	70	9	29	96	53	112	38
B	Provérbio, adágio →	39	7	57	94	82	111	■
C	Olvida, perde a lembrança →	19	42	5	89	63	74	33
D	Flecha →	20	31	43	115	■	■	■
E	Última letra do alfabeto grego →	17	52	67	102	113	■	■
F	Que tem a mesma opinião →	6	1	13	110	25	60	83
G	Nome hipocorístico de José →	104	47	■	■	■	■	■
H	Fazer descer, desmontar →	2	16	41	105	76	■	■
I	Notifica, faz intimação →	28	18	8	54	114	79	■
J	Objeto para ser reproduzido ou imitado →	26	50	66	90	72	107	■
K	Multidão de gente →	23	46	68	98	■	■	■
L	Ruído, barulho →	4	44	34	22	106	■	■
M	Leste →	27	64	37	55	■	■	■
N	Ato de saquear →	80	3	61	11	92	■	■
O	Lugar onde reside o govêrno →	99	65	86	59	■	■	■
P	Vazio →	30	78	103	■	■	■	■
Q	Criatura →	35	56	10	69	■	■	■
R	Diferença entre o débito e o crédito →	100	109	93	45	71	■	■
S	Proprietário →	49	87	36	73	■	■	■
T	Discursa →	48	12	51	■	■	■	■
U	Imediatamente →	14	81	■	■	■	■	■
V	Rio que separa o Brasil do Paraguai →	75	97	15	■	■	■	■
W	Jardim extenso e murado →	108	77	24	88	62	40	■
X	Espírito →	101	32	84	21	■	■	■
Y	Composições poéticas →	85	91	58	95	■	■	■

■	■	■	■	■	F 1	H 2	■	N 3	L 4	C 5	F 6
B 7	I 8	A 9	Q 10	N 11	T 12	F 13	■	U 14	V 15	H 16	E 17
I 18	C 19	D 20	X 21	■	L 22	■	K 23	W 24	F 25	J 26	M 27
I 28	A 29	P 30	■	D 31	X 32	C 33	L 34	Q 35	S 36	M 37	A 38
■	B 39	W 40	■	H 41	C 42	D 43	L 44	R 45	K 46	■	G 47
■	T 48	■	S 49	J 50	■	T 51	E 52	A 53	I 54	M 55	Q 56
B 57	Y 58	■	O 59	F 60	■	N 61	W 62	C 63	■	M 64	O 65
■	J 66	E 67	K 68	Q 69	■	A 70	R 71	J 72	S 73	C 74	V 75
H 76	■	W 77	■	P 78	I 79	N 80	U 81	■	B 82	F 83	■
X 84	Y 85	O 86	S 87	■	W 88	C 89	J 90	■	Y 91	N 92	R 93
B 94	■	Y 95	A 96	■	V 97	K 98	O 99	R 100	X 101	■	E 102
P 103	G 104	H 105	L 106	■	J 107	■	W 108	R 109	F 110	B 111	A 112
E 113	I 114	D 115	■	■	■	■	■	■	Olaner-Rio		

EXPLICAÇAO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as re postas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cad letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras d palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao se número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quad vertical veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obr e no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, te mos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras.

SOLUÇAO DO LIDERGRAMA N. 27 — LISBOA. — VIDA DO PADRE VIEIRA. "A vida dos oradores está principalmente nos seus discursos; e um verdadei triunfo oratório é para êles, como para um general, o ganho de uma batalha."



BALANÇA DE PRECISÃO, em metal preciosíssimo, era parte do tesouro do Rei Faruk e destinava-se a pesar as peças de ouro que êle, em profusão, adquiria. Só uma bandeja de ouro maciço pesa 80 k e vale 4 milhões.

TELEGRAMAS da Europa, divulgados na imprensa do Rio, através do serviço de informações de várias Agências noticiosas, voltam a pôr em relêvo a figura do já famoso Faruk, ex-Rei do Egito. O volumoso soberano da lendária terra dos Faraós, fôra acusado pelo general Naguib, o «homem forte» do Egito, como dilapidador dos dinheiros públicos, sátapra cruel e sádico, dado às dissipações do jôgo, chegando mesmo a acusá-lo de assassínio. A tudo isso respondeu Faruk numas «memórias» publicadas em diários egípcios, causando sensação.

A polêmica está declarada: Faruk **versus** Naguib. Quem terá razão? O general abriu todos os canais ao seu alcance para a prova provada do que disse do Rei deposto. Os palácios em que êle vivia, com tôda a sua opulência, seus excessos de luxos e vaidades, foram escancarados à vista e visita dos egípcios e dos estrangeiros que quisessem ver com seus próprios olhos. Todo aquêle esbanjamento era obtido com o dinheiro público, o que era um crime de lesa-pátria, na opinião de Naguib. Para combater a opinião do general, Faruk o acusa de estar a serviço do comunismo e da «fanática Fraternidade Muçulmana». O povo está comentando o duelo e toma partido, sendo na sua quase totalidade a favor do general.

Causou a maior sensação o guarda-roupa do ex-Rei. Não pelos seus ternos ou turbantes: mas pela incrível quantidade de gravatas: quase mil! Mil gravatas, sim senhores. Como é que um cidadão possuindo um só pescoço queira possuir mil gravatas? Pondo uma por dia, levaria cêrca de três anos para esgotar o estoque. Nem tôdas as casas do gênero possuem, no Rio de Janeiro, tanta gravata em seus depósitos. Além da fantástica quantidade dêsses penduricalhos masculinos, com tendências para desaparecer, o que assombrou também os visitantes do palácio de inverno de Kubeh, foi a incontável quantidade de estatuetas de bronze e mármore que po-

O GABINETE SECRETO DE FARUK

A POLÊMICA NAGUIB-FARUK ★ DESVENDANDO OS SEGREDOS DO ROTUNDO REI DEPOSTO ★ BANHEIRO E BAIXELAS DE OURO E COLEÇÃO DE NUS ARTÍSTICOS, SUA PREDILEÇÃO ★ OUTRO "HOBBY" DO SOBERANO: MILHARES DE GRAVATAS

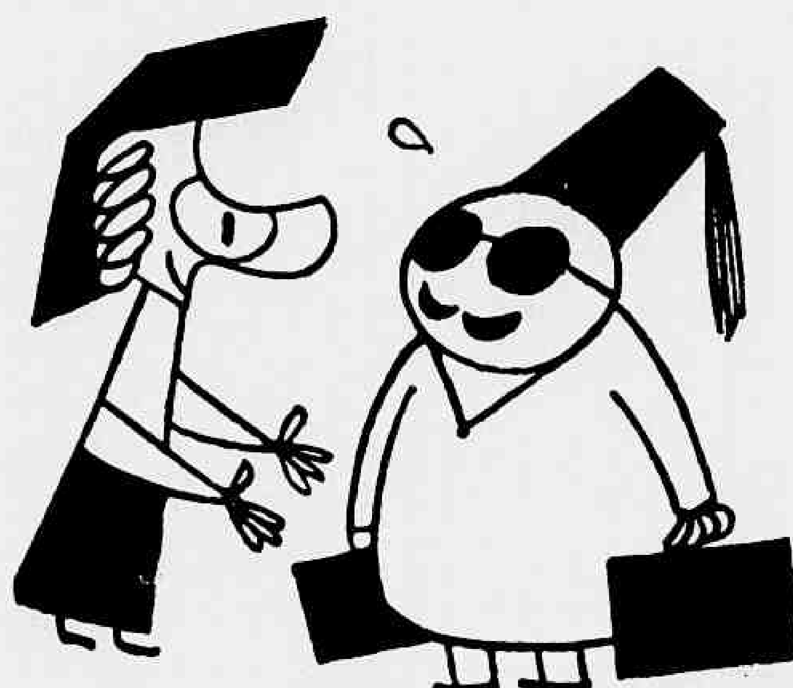
FARUK E A CARICATURA



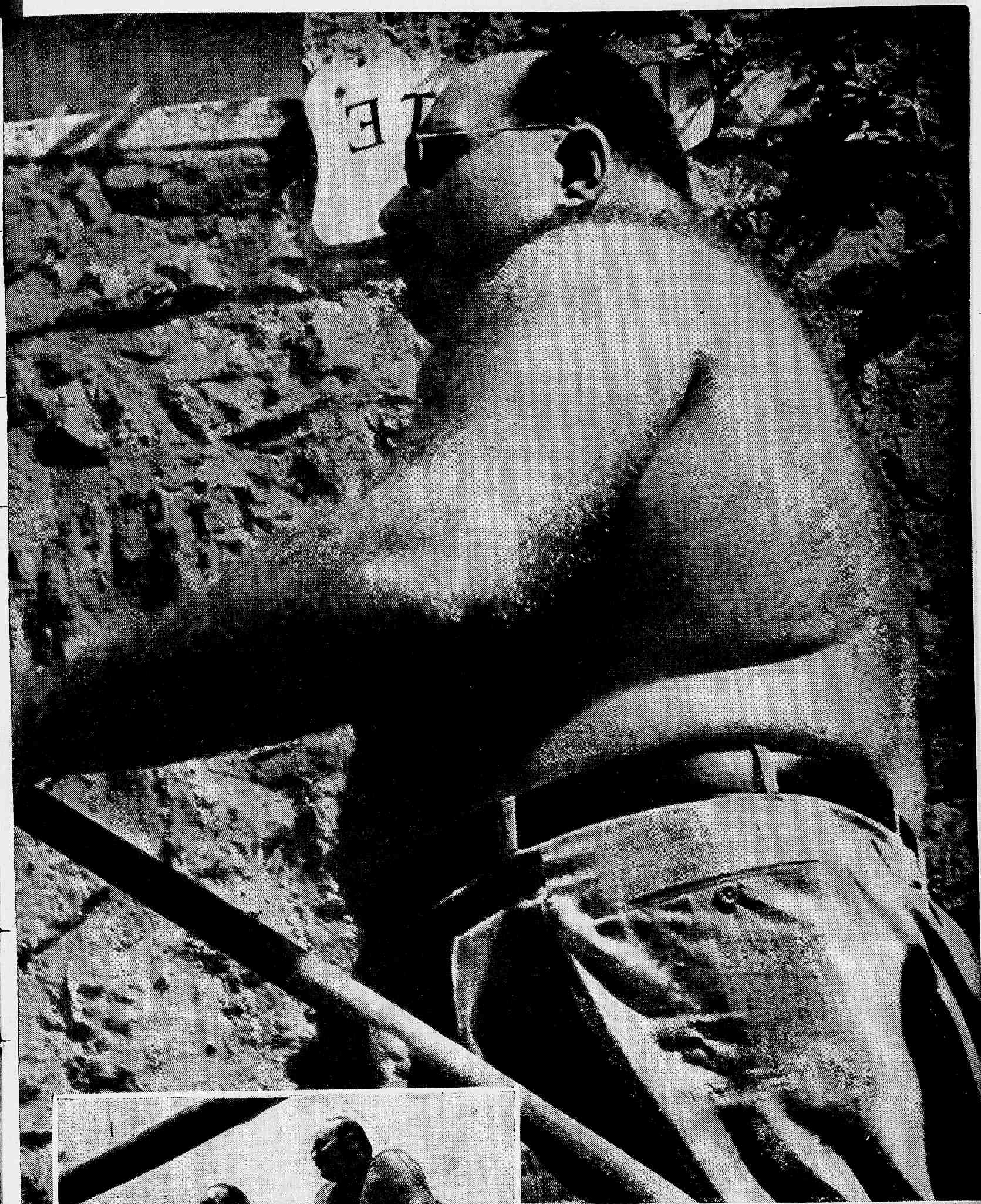
A FUGA DO EGITO...



COMO EMAGRECER...



FÉRIAS EM CAPRI...



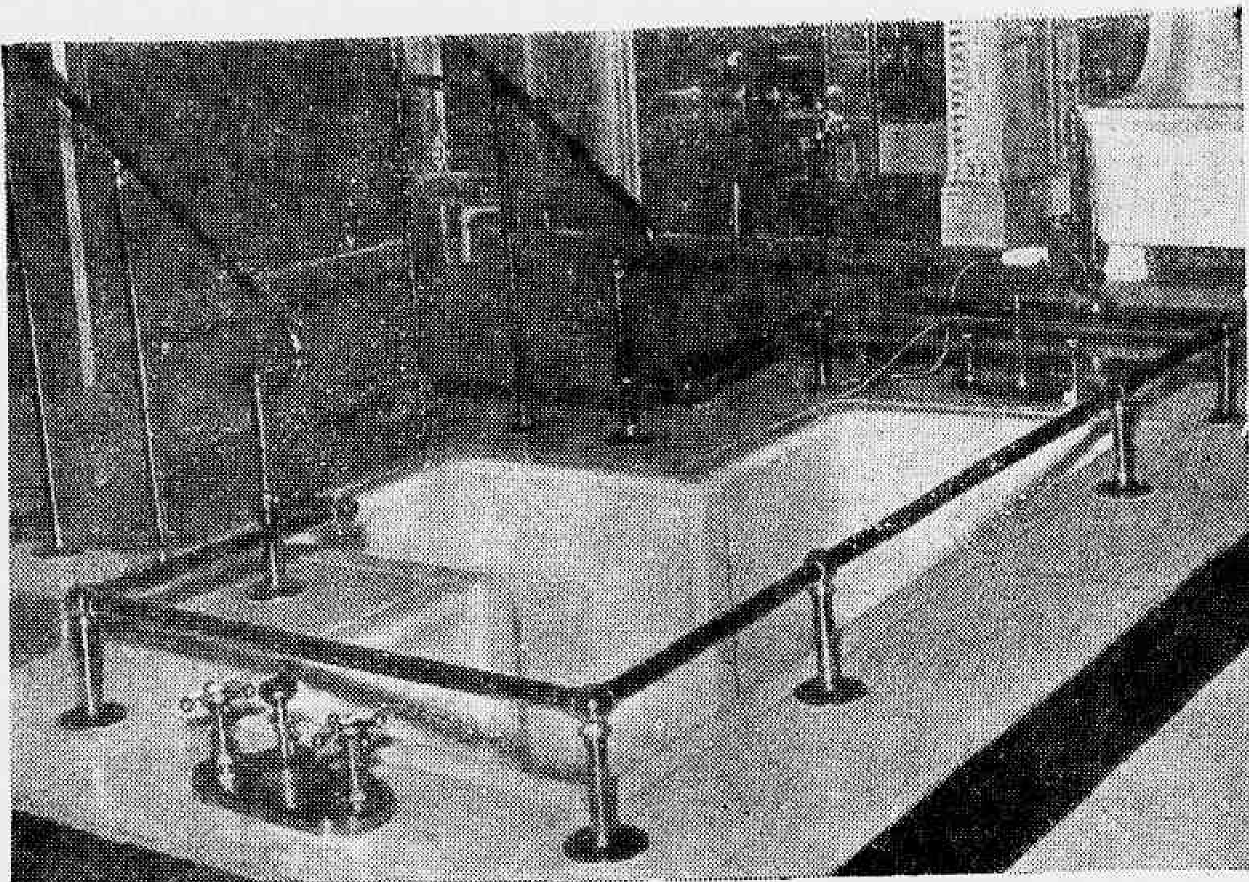


DEPOIS DO BANHO, em Capri, onde está exilado, o gordo Rei deposto, o gozador inveterado, dirige-se à casa de Gracie Fileds, estrêla do palco e do cinema inglês, que ali possui esplêndida vila e uma divertida cantina.

voavam uma das salas secretas do mesmo palácio. Estátuas de mulheres nuas, de conformação lasciva e provocante, dignas de figurar num harém ou museu de curiosidades orientais. Faruk, pelas telas de arte que possuía, deve ser um admirador dos nus

artísticos. Quadros de lindas mulheres que posaram para pintores famosos lá estão para enlêvo afrodisíaco do soberano amante das Evas lânguidas, deitadas, sentadas, recostadas, em pé, apresentando em tôda a plenitude estética a maravilhosa carnação de suas formas excitantes.

Uma das acusações mais severas de Naguib é o de que o rei Faruk estabeleceu no país uma cortina de aço contra a imprensa e os meios de informação, tendo proibido a entrada no Egito de todos os jornais do mundo, temendo que a opinião pública se inteirasse de seus escândalos e vilanias. Esta proibição provocava sempre maior curiosidade entre o povo, razão por que a imaginação criava asas e fantasiava as coisas com a exuberância de tudo o que é vedado ao conhecimento público .O povo sabia que, nos palácios do rei existia um deboche de riquezas e que o soberano e sua côrte viviam em extraordinário luxo, pràticamente sem freios. Os mais discretos achavam que se exagerava muito, e que a vida íntima do soberano não era o que se dizia. Quando Naguib assumiu o poder e exilou o rei, convidou várias centenas de jornalistas com seus fotógrafos, e lhes abriu de par em par as portas das duzentas e cinqüenta salas e demais dependências do suntuoso palácio de inverno de Kubeh, fartando-se os repórteres em tirar as mais sensacionais fotos, amplamente divulgadas na imprensa do país e na do exterior, comprovando-se os excessos de riqueza do ex-rei.

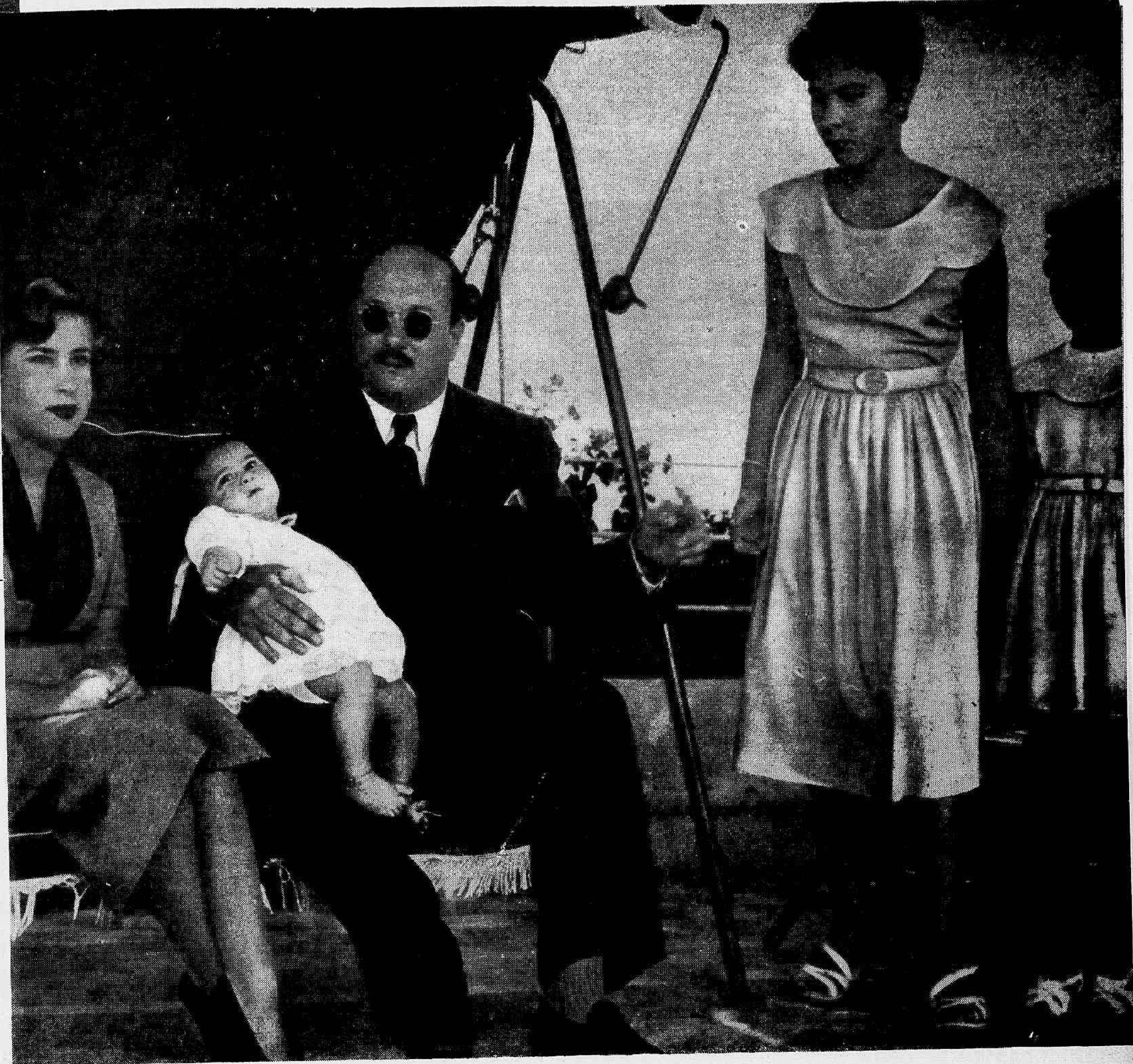


NO PALÁCIO DE KUBEH, de um luxo faraônico, tem 250 salas. Esta é a sala de banhos de Faruk, imensa, com o banheiro especial para as banhas e os banhos de Sua Majestade. Mármore e corrimões de ouro...

De tudo o que se viu e divulgou, ficou a certeza de uma espécie de delírio do rei exilado: a paixão do nu. Ao lado disso, a superabundância de certas peças de vestuário, como camisas e gravatas, aos milhares, decoradas de mulheres nuas. E não ficava nisso a paixão pela opulência e superfluidades de Faruk. Tinha a mania das co-



NO SEU MUSEU SECRETO, o nababesco Rei possuía uma imensa coleção de esculturas e de qualros com poses de mulheres nuas, de tôdas as partes do mundo. Alguns dêsses quadros são verdadeiras obras de arte, assinadas por mestres da pintura e da escultura; outras são medíocres e mostram a falta de gôsto do ex-monarca. Mas o GABINETE SECRETISSIMO, impróprio para menores, continha álbuns pornográficos...



A FAMILIA REAL DO EGITO no terraço do Hotel Paraíso. Faruk tem ao lado a ex-rainha Narriman e ao colo o filhinho, o atual Rei Fuad II. Em pé, as princesas Fawsia, Fadia e Ferial, filhas de Faruk com a primeira espôsa, a Rainha Farida, filha de um Pachá, de quem Faruk se divorciou para casar-se com a bela Narriman, que era noiva de um tenente. O Rei apaixonou-se e usando de todo seu poderio obrigou-a a casar-se com êle.

leções. Dentre suas coleções foram encontrados quatrocentos jogos de cartas novos em fôlha bem como duzentos automóveis na garagem... O homem estava possuído da voragem do fausto, da grandeza mais desbragada e tudo isso lhe foi cavando um abismo entre sua pessoa e a nação. Apareceu o general Naguib. Bastou um brado de alerta à pátria e lá se foi o trono de Faruk na avalanche patriótica.

E agora êle está discutindo com o «homem forte» que o derrubou. Dizem também que o ex-rei do Egito está em negociações com Errol Flynn para tornar-se astro do cinema americano, interpretando papéis numa película a ser rodada na Itália. O que não padece dúvida é que Faruk já não pode exibir os excessos de grandeza, luxo e opulências como o fazia quando era rei do Egito. Já vendeu muita coisa do que pôde conduzir na fuga para a Itália, inclusive seu iate. A idéia de dedicar-se ao cinema talvez dê certo. Há a maior curiosidade pública em tôrno de sua pessoa, não sòmente por sua causa, como ainda pela figura de sua linda e jovem espôsa. Enfim, trocar a coroa de rei pelo brilho de «astro» do cinema não deve ser tão mau, especialmente



FARUK NA BOA VIDA... em Capri, a ilha encantadora do sul da Itália, junto com a famosa e aristocrática Oier Bussetti, da alta sociedade italiana. Embora no exílio, Sua Majestade se diverte...

O GABINETE SECRETO DE FARUK



GRAVATAS... GRAVATAS... GRAVATAS... — Na rápida saída do Egito, Faruk levou muita coisa. Mas deixou esta coleção de gravatas. Parece que êle pensava como o Belo Brumel, «que a gravata é o homem».

se o destronizado tiver talento e impor-se à admiração do mundo, inclusive o seu próprio povo.

Se o Naguib deixar entrar na terra das pirâmides os filmes do grande gozador da vida.



UM MUNDO DE MULHERES NUAS... de bronze, de mármore, de todo o jeito enchia uma das salas secretas do Rei. Harém imóvel, de formas ondulosas, representando uma fortuna colossal. Faruk não teve tempo de o levar...

CONTA-ME teus Sonhos

De MARIA PAULA

● PIANISTA (Rio)

SONHO: — Numa bela casa de campo, onde morava, recebi a visita do Presidente da República. Cansado, ou meio adoentado, S. Excia. de vez em quando se recostava num divã. Nesse ínterim, uma comissão de moços veio chamá-lo para receber uma homenagem que lhe iam prestar numa grande praça esportiva. Sorridente como sempre, o Presidente se dirigiu para o centro da praça e um espetáculo deslumbrante se me deparou: vi S. Excia. rodeado por milhares de crianças, vestidas de branco, que o cercavam formando círculos concêntricos e cantando hinos em seu louvor. Enquanto se desenrolava essa cena, um médico amigo me entregou uma caixa de doces e uma bela manta; esta última me foi tirada das mãos pelo Presidente, ao regressar à minha casa; abrigando-se com ela, S. Excia. voltou a repousar, mas, observando que a caixa de doces já fôra aberta, absteve-se de tocá-la.

INTERPRETAÇÃO: — Por onde andou, senhora pianista, para ter tão belo sonho? Em que regiões encantadas foi buscar essas sílfides para participarem da homenagem ao Presidente? Creio que as notas melodiosas do seu piano devem ser tão bem arrancadas, que estão a vibrar no éter, e nos mostram que os anjos cantam em seu louvor e que você se sente o centro e a principal personagem de um concêrto nos planos superiores. Seu sonho me dá, ainda, a impressão de que algo muito interessante e significativo se passará na vida do Sr. Presidente da República e que êle receberá dos pequeninos hinos de gratidão. Por outro lado, você se deve sentir algo cansada, que necessita do repouso que, em seu sonho, transfere ao Chefe da Nação. Sua vida interior deve ser pontilhada de períodos de meditação e de agitações harmoniosas tiradas das próprias teclas do seu piano. Terminando, acho que você já está meio enfadada das manifestações exteriores provocadas pela sua arte e que procura esconder-se, às vêzes, no manto do anonimato, (manta) ou no refúgio de uma vida tranqüila, longe do bulício em que, paradoxalmente, vivem os artistas (casa de campo).

● ZAIRA (Rio)

SONHO: — Estava na rua, quando vi um homem de baixa estatura idoso, magro e com aspecto de tarado que começou a seguir-me. Precisava de alguém que me defendesse e vi aproximar-se um casal idoso em companhia de uma mocinha; pedi-lhes ajuda, propondo-me a segui-los até sua casa, mesmo que não houvesse lugar para mim. Segui-os. No comêço da rua, havia uma árvore que obscurecia a passagem. O senhor foi em nossa frente, como que para abrir caminho e conseguiu passar por debaixo da árvore. Ficamos apavoradas, a senhora, a mocinha e eu, pensando que tínhamos de fazer o mesmo. Enquanto caminhávamos, homens que vinham em sentido oposto investiram contra nós; gritamos alto e eu acordei angustiada, sem saber o desfecho do sonho.

INTERPRETAÇÃO: — Seu sonho é a revelação de uma angústia interna e de seu mêdo espantoso dos homens. (Pobre homo sapiens!...). Você acredita que precisa de alguma defesa para evitar que seja «atacada» por êles. Algum sério transtôrno afetivo talvez se tenha dado ùltimamente em sua vida e você receia que «alguém» venha perturbar seus sonhos atuais e, ao mesmo tempo, ser um motivo de afastamento do amado que seu coração elegeu para atravessar com você a estrada da vida, obscurecida pelas incertezas do destino (árvore que ensombrecia a rua). Zaíra, para que sua estrada seja clara e sem duendes, conte apenas com seus próprios esforços no sentido de se tornar comprensiva e boa, segura de sua própria virtude.

● VIOLETA (Rio)

SONHO: — Eu e meus quatro irmãos devíamos fazer uma viagem, quando apareceu um amigo muito querido, já falecido, que me disse: — Não partas. Só tu podes comprar as passagens dos teus irmãos. Êles irão. Tu, não. — Comprei as passagens e dirigi-me ao meu amigo, perguntando-lhe o porquê de suas palavras, ao que me respondeu: — Não. — Nesse instante, recebi de mãos invisíveis um apanhado de rosas que dividi com todos, esperando que embarcassem para poder falar com meu amigo.

INTERPRETAÇÃO: — Na roda da vida, nunca andamos sós e para os espíritos embuídos de fraternos sentimentos, todos somos realmente irmãos e para êstes temos mil deveres a cumprir. São as mútuas obrigações familiares e sociais que nos obrigam a caminhar em grupos (viagem). Acontece, algumas vêzes, que achamos demasiado pesada a nossa tarefa e desejamos partir para efetuar a nossa grande viagem ao país do mistério insondável. Mas a nossa voz interior (ordem do seu amigo) nos adverte de que temos ainda algo a fazer e que só a nós é dado conhecer. Êsse é, sem dúvida o seu caso. Você terá, com

(Cont. na pág. 48)

O GENERAL PERSHING

TEVE A SUA "RUA DO PECADO"



O AMOR QUE NASCEU DE UM RETRATO ★ A GUERRA PRODUZ INESPERADOS

TODOS os grandes, especialmente os guerreiros famosos, tiveram que pagar seu tributo a Vênus, a deusa do Amor. Com o célebre general Pershing, que foi o Eisenhower da primeira grande guerra, sucedeu um romance que merece ser recordado. Não vamos entrar em muitos detalhes, uma vez que não nos propomos a fazer folhetim, e sim narrar um dos mais curiosos episódios da vida do grande cabo-de-guerra norte-americano.

Quando o general Pershing, já envelhecido e doente, recolheu-se a um hospital de Washington, todos os dias vinha visitá-lo uma senhora e ali se demorava a cavaquear com êle, a rir, a recordar coisas do passado. O enfêrmo se mostrava muito satisfeito com aquela solidariedade, mas ninguém poderia advinhar que a bela dama estava, simplesmente, a atualizar fatos passados há quase 25 anos.

Quem era ela? Micheline Resco, uma francesinha delicada, culta e inteligente, a quem Pershing conhecera ao chegar a Paris, à frente do corpo expedicionário que a América mandava contra os invasores do solo gaulês, pagando o auxílio que, há século e meio, lhe mandara a França, sob as ordens de La Fayette. Quando Pershing desembarcou, foi dizendo aos franceses: «Aqui estamos, La-Fayette!». O povo o recebeu entre festas, sabendo que a guerra estava ganha para os aliados, com a imensa ajuda americana. Entre o povo havia uma jovem **demoiselle** de dezenove primaveras, que se esforçava por fixar bem a figura de Pershing, pois o Ministério da Guerra lhe confiara a difícil missão de pintar um retrato dêle.

Oferecera-se a Pershing, no Crillon, brilhante recepção. Micheline não gostava dessas festas do «grand monde», e preferia ficar em seu estúdio a tocar violão ao lado de uma grande pianista laureada pelo Conservatório: sua mãe. Mas, como exigiam que ela comparecesse à recepção, a fim de travar conhecimento mais íntimo com o seu «modêlo», a moça teve que deixar a tranqüilidade da rua Desrenaudes e ir ao borborinho de sêdas e fardas deslumbrantes. Atenta ao que se ia passando, viu quando Pershing chegava pelo braço de Joffre e Foch, sendo apresentado a embaixadores e altos funcionários civis e militares do país e do estrangeiro. E' claro que ali havia muitas jovens de grande beleza e requintada elegância; mas poucas com o «charme» de Micheline Resco. Pershing, descobrindo-a, veio até ela e lhe apertou a mão com uma inclinação marcial. Ela sorriu. Estava lançada a semente de um grande amor entre um homem já maduro e uma bela francesinha de dezenove anos...

Sempre que êle dispunha de uma brechinha em seus deveres, corria ao estúdio da rua Desrenaudes, posando para a sua linda retratista e conversando animadamente. Por vêzes jantavam juntos ou davam passeios pelo Bois de Boulogne, ou iam visitar o Louvre

pág. 46

UM PRINCIPE EM MINHA VIDA

(Conclusão)

Novela de MICHEL DAVET

Eu não pude responder a nenhuma dessas perguntas. Senti como que vozes longínquas, sons indefiníveis de campanários, zumbidos, arrepios, e depois uma impressão de vazio, de queda, de morte sem sofrimentos... Perdi os sentidos e só os recuperei quando êle me conduzia nos braços para nossa casa. Entrou e me levou até ao meu quarto. Na soleira, estacou; senti seus lábios sôbre meus cabelos.

— Bertille! Meu amor! Não me faça mais dêsses sustos!

Colocou-me no antigo leito de Manoue, abriu as janelas e a luz do crepúsculo amarelado e triste tingiu de melancolia os móveis e as paredes.

— Não é nada, Malique. Tive mêdo, foi só isso. Não me inquiete mais. Ah! e os carneiros que ainda estão no pasto!

— Não se levante. Você não terá fôrças para êsse trabalho, e eu não quero que volte sòzinha ao campo. Mas diga-me, Bertille: quem foi que lhe meteu mêdo? Eu preciso saber. Alguém a perseguiu?

— Não... não... Acho que foi o javali ou algum cão danado, não sei bem. Deixe-me sòzinha...

Eu vi a cara triste que fizera com as últimas palavras desta pobre mentira que lhe preguei. Então me pus a chorar, antes mesmo de sentir a presença das lágrimas.

— Me dê sua mão, Malique! Eu sou tão infeliz!

Sua mão acaricia meus cabelos; mas sua mágoa unida à minha dor, o fazia sofrer ainda mais.

— Você não quer dizer-me o que houve?... Foi o tal rapaz à quem você ama, que a incomodou? Que lhe fêz?...

Sua voz se tornava dura.

— Não... não... Não me fale disso. Talvez, um dia, eu lhe diga, eu lhe explique...

Êle se sentou ao pé de mim no leito de Manoue. Como sua bôca estivesse muito pertinho de meus cabelos, êle a aproximou, primeiro tìmidamente, e em seguida, com mais vigor. Vendo que eu ficava imóvel, começou a beijá-los, a mordê-los com pesados suspiros de animal que se agita. Eu fechara os olhos gozando o prazer de ser amada, mas apenas por prazer, uma vez que o meu pobre coração despedaçado não podia pensar senão em sua própria desventura. Se bem que êsse pensamento me envolvesse tôda, uma vaga e obscura alegria começou a nascer em meu peito, tomou vulto em meu espírito, surgiu e se fixou no lugar da mágoa: era a esperança de que êle, o meu Príncipe, depois daquele ataque, voltaria a ser um homem normal, com a vida restaurada, dedicando todo o seu amor a mim...

Crendo Malique que eu estivesse acedendo ao seus carinhos, dócil e feliz, deixou os meus cabelos e procurou minha bôca. A idéia de que um outro podia um dia tomar o lugar dêle e beijar-me a bôca, sugar-me os lábios, como êle fizera com os beijos que me havia dado, ainda não me havia passado pela cabeça; mas eu já estava a ponto de pensar nisso. Não era mais do que um instinto, fôrça surda que se ignora, mas que salva os grandes desesperados... Então eu voltei a soluçar desconsolada, triste e desgostosa com tudo isto que me estava sucedendo num instante em que eu me achava desolada e incapaz de reagir.

Malique, em seus transportes de amor estava mudo, respiração opressa, parecendo compreender, mas sem compreender bem.

— Vá embora, vá embora, Malique... Não quero os seus beijos no leito em que Manoue morreu.

Êle estacou como quem procura uma justificação.

— Manoue não desaprovaria o nosso amor...

Mas eu mal ouvia suas palavras. Um torpor pesado, uma vontade incoercível de dormir, de esquecer, montava em minha cabeça e eu me lembrava como num sonho de tôdas as moças que eu vira dançar quando Manoue era viva. Malique quebrou o silêncio.

— Não quero deixá-la aqui, sòzinha, Bertille. Não posso deixá-la a sós um só minuto. Você é uma criança, não conhece nada do mundo... Não quer dizer-me nada do que sucedeu... Mas fale, princesinha. Se foi algum atrevido que mexeu com você, juro que o jogarei dentro do poço... Mas, francamente, por que vai você tão longe aí pelos bosques? Por que não me conta você o que se passa, como se você tivesse mêdo de falar claro? Como seria bom se você me contasse os seus segredos! Uma vez eu a pus em meus ombros para atravessarmos o caminho. Os seus cabelos me roçavam a testa, brincavam em minhas espáduas. Eu revejo tudo... eu me recordo de tudo... Bertille, Bertille... você dorme?

....

O dia despontara luminoso e entrara em meu quarto como que sùbitamente, sem que eu pressentisse sua chegada. Meu sofrimento moral retomou sua fôrça que as recordações rememoradas em tumulto reavivavam. Eu tinha a impressão de ter vivido um conto, um dêsses contos de amor e de mágoa. Minha vida estava dentro de um ambiente de maravilhas, assim como num conto de fadas, muito belo para que eu pudesse crer na sua realidade, e sentia que minha única culpa tinha sido de haver acreditado em tudo.

Tudo se desmoronara muito mais ràpidamente que os castelos de ouro que eu fixava, antigamente, olhando as brasas do fogo a ouvir as narrações poéticas de Manoue. Eu desejava voltar à minha vida de criança, correndo para trás, recuperar os dias que se foram com todo o seu cortejo de lembranças, revivendo meu coração infantil, vestindo aquelas roupinhas modestas e simples, ajudada pela inocência de minh'alma, acreditando em fadas e Príncipes Encantados. Minha vida era uma série de maravilhas. Mas... tudo estava demolido. A vida real era então muito outra. Foi então que eu conheci ser impossível viver-se de lembranças de vida que já passou, e que as saudades de venturas idas são mais amargas do que o próprio sofrimento.

Ah! Manoue, minha boa velhinha, você me faltou ainda muito cedo! O seu bom-senso, a sua sabedoria, a prática do mundo, tudo isso me faltou na hora mais difícil de minha vida! Eu precisava de quem me defendesse contra minha ignorância das coisas. Mas, pouco a pouco, ao relembrar-me de Manoue, de seus conselhos, de suas reprimendas, meus olhos se iam abrindo. Recordei-me que, num belo domingo, vi Malique com uma flor entre os dentes... E disse: «Sim, Henriette... eu a acho muito linda... Nós encontramos um homem que parecia morto lá na floresta. Êle babava. Não sei quem seja êsse estrangeiro que tinha uns trajes bonitos...»

E depois, meu Príncipe, saudando o pôr do sol como se saúda a um rei, diz: «Vê? Eu sou o filho do sol. Serei brilhante como êle...»

E ainda ansiando, exaltado, os lábios côr de fôlha: «Devo fugir porque **êles** querem envenenar-me...»

Então, diante de tôdas estas provas que eu recusava ver, levei as mãos aos olhos, aterrorizada.

Ouvi os primeiros cantos do galo. O céu pálido parecia abrir-se para deixar que a luz caísse sôbre os vales. Meu sofrimento me torturava como se eu fôsse sua prisioneira. Mal me vesti, os cabelos mostrando a desordem de uma noite de febre. Lá em baixo todos os vales, florestas e povoados estavam imóveis, ainda adormecidos, envoltos na bruma opaca da manhã. Mais ao longe, árvores e fazendas pareciam brinquedos de criança dentro de imensa caixa de cristal.

Sob as árvores a penumbra dava impressão de ser ainda noite. Fui um pouco indecisa ao local em que êle me havia dito que me amava, onde tantas carícias me fizera! Era à borda de um tanque. A água está imóvel e negra. Não se via um só passarinho a beber, e entre as grotas das pedras já não havia as pequeninas flores da côr do céu.

Lá mais em baixo, entre as macegas cinzentas, vi o sulco profundo no qual o seu corpo rolara, possuído não sei de que moléstia, aquêle ataque que me fizera fugir desvairada sem olhar para trás, como se não quisesse mais vê-lo diante de meus olhos...

Quando percebi, ao longe, o castelo e suas escadarias reluzentes, côr-de-rosa, sôbre cujas pedras úmidas, o sol mandava raios de luz e calor, enorme desencanto me invadiu a alma e eu senti como que penoso desfalecimento envolver-me o corpo. Tudo estava deserto. No recanto de velha porta uma ninhada de pintos, esquecidos do lado de fora, fôra surpreendida pelo mau tempo da noite anterior. Alguns estavam mortos, enquanto outros mal respiravam imóveis, a penugem colada ao couro, parecendo pequenas bolas usadas, de côr duvidosa, encharcadas e sujas. Sôbre o solo estavam um velho chapéu e um pequeno trinchete já gasto, um chapéu de abas largas cheio de sementes para alimentação de galinhas e pintos, que alguém devia ter jogado ali num momento de loucura. Junto a tais destroços da borrasca, um pobre gerânio desbotado, a única flor que ornava a entrada triste daquele castelo abandonado.

Tudo me parecia morto. A morte reinava por todos os lugares. O castelo estava silencioso, e silenciosos os que, talvez, estivessem lá dentro. A porta estava aberta. Eu senti mêdo; mas, a curiosidade foi superior ao mêdo. Entrei. Transpus a porta aberta, embora hesitante. Eu me sentia perturbada diante daquele fundo escuro onde não se ouvia o menor ruído, nenhum sinal de vida à minha aproximação. Seria o conto de fadas que continuava? Pouco a pouco meus receios se acalmaram, e foi mesmo com curiosidade que penetrei naqueles aposentos desertos, em que a luz do dia não entrava senão tìmidamente, pálida, clareando defeituosamente estranha e misteriosa desordem. Eu admirava o ambiente sem nada ver, com uma espécie de respeito, crendo ver por todos os lados flutuar uma presença, ouvir uma voz de acento doce, um pouco singular, e que me seguia em todos os meus sonhos.

Súbito, percebi um ruído abafado vindo de regular distância, um ruído que vinha e se ia... Parecia um ressonar. Devia ser lá na adega. Eu quase rio com a idéia. Tudo era muito simples; para que então êsse afã de procurar por todos os recantos o enigma, o mistério? E murmurei de mim para comigo: «Deve ser aquela velhinha e seu marido. **Êles** devem dormir.»

Quando abria uma outra porta, estaquei antes de transpor a soleira, enlevada por uma canção festiva que a velhinha cantava. Percebi-lhe a voz um tanto trêmula e meio rouca. Já não tinha mêdo nenhum. O dia já estava claro, alegre e dourado como em maio. Um raio de sol veio incidir sôbre a palhinha de uma poltrona. Aquela sala grave, sombria, era um quarto como qualquer um, como o de Manoue, quando, aos



Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

domingos pela manhã, descíamos todos para a missa.

De súbito a voz parou, num soluço. Passos fortes se fizeram ouvir nas tábuas do velho soalho. Então a porta se abriu num instante... Um homem avança, os grandes olhos abertos, arregalados como os de um cego. Era o meu príncipe que fugia... Passou ao meu lado, quase a roçar em mim, toma de um volume de velhos chales sem nada ver... Por detrás dêle, à soleira da porta, a velha mulher não se mexia, não fazia movimento nenhum para detê-lo, mas gritou:

— Meu paizinho, sou eu, Aniouta! Não partas!

O rapaz avançou para a janela, e, prestes a transpô-la, voltou-se para nós, fitou Aniouta com ares de vitória, tendo nos lábios um riso mudo como os demônios sabem rir. Sòzinho na sala engolfada em sombras, seu rosto iluminado parecia encerrar tôda a luz que vinha de fora.

Só aí êle me viu. Bruscamente tôda a expressão se concentra em seu rosto. Num instante eu reconheci os seus grandes olhos sonhadores, aquêles olhos que mendigavam não sei que esmola; depois, êle estremece e salta... Ouvi bem seu rir de triunfo, seguido de sua marcha apressada pelos galhos mortos que a tempestade da noite anterior havia espalhado.

A velhinha passa as duas mãos sôbre o rosto num gesto de indizível espanto. Perplexa, sem poder pensar em nada, eu olhava seus dedos nervosos, agitados pelo «frisson» que lhe ia n'alma, e os via se estirarem sôbre a face enrugada numa aflição dolorosa. Muito mais do que êle, ela se inquietava com a minha presença. Quando ela se foi senti uma tremedeira enorme por meu corpo todo. Não sabia o que mais me agitava, se o mêdo, se o horror, se o sofrimento. Tudo se misturava. Em pé, diante da janela, eu me pus a gritar para êle, furiosa de amor e de pena, esmagada pela demência dêsse castelo solitário. Mas, enquanto eu lhe gritava, palavras que, até então, eu não ousara dizer-lhe, passei a proferi-las sem nenhuma vergonha, sem constrangimento, e elas saíam de minha garganta como gritos de angústia e iam repercutir por entre as aléias do jardim, enquanto êle prosseguia na sua marcha sem olhar para trás...

Dentro da solidão do ambiente minha voz ressoava loucamente, lancinante, cortada de soluços.

— Vem, meu amor! Farei tudo o que você quiser! Partiremos juntos. Meu Príncipe! Meu Príncipe! Não me ouves?... Eu ficarei com você em seu castelo, durante a noite... Eu ficarei aqui ao seu lado... eu o seguirei... Eu não sabia de nada... Eu tinha mêdo... Meu Príncipe!

Mas era em vão.

Êle já desaparecera.

O sol inundava de luz o terraço e frangos gulosos cercavam o velho chapéu disputando os grãos que ali ficaram. Saí do castelo e procurei resistir, sem chorar, seguindo pequeno caminho que atravessava o parque. Eu sentia n'alma a mais atroz aflição, uma idéia imensa de correr, chamar, gemer, chorar aos soluços, como eu chorara quando era criança, à mais ligeira mágoa. Cansada, deixei-me cair em meio das poças que a chuva desenhara no campo, disposta a ficar ali todo aquêle dia, durante a noite, por dias e dias seguidos, sem admitir que ninguém me

(Cont. na pág. 42)

Ilustração de **RAMON**



Enquanto Mme. Schiaparelli anda pelo nordeste brasileiro — agora o Brasil está despertando a curiosidade dos famosos costureiros de Paris — lá continuam a ser apresentados lindos modelos seus, como esta saia e esta blusa. A blusa é de mousseline, com grande gola plissada. A bôlsa negra. A saia de veludo cotelé, leva dois grandes bolsos aplicados.



Saia e blusa

OS GRANADEIROS DO CONGO



Dança ritual dos negros «vatussi», vendo-se na outra foto, o rei da tribo, Rudahingwa, com 1,95 de altura, falando a um pigmeu dos «batwa».

ENTRE UGANDA E TAGANICA — A CAPRI DA ÁFRICA ★ ONDE A VACA NÃO É SÒMENTE UMA DIVINDADE... ★ OS NEGROS PIGMEUS ★ OS FAMOSOS BAILARINOS VATUSSOS ★ O REI RUDAHINGWA E SUA PACKARD

NO centro da África, entre o Congo, Uganda e Taganica, há uma nação, Ruanda-Urundi, governada por um rei, administrada pela Bélgica, em nome das Nações Unidas. A sua existência é pouco conhecida, não obstante o tecnicolor americano "As minas do Rei Salomão" haver tornado popular no mundo inteiro os vatussos, principalmente o seu inimitável corpo de baile.

Os vatussos povoam o reino de Ruanda, a parte setentrional de Ruanda-Urandi, e têm o privilégio de ser o povo mais alto do mundo: a estatura média dos homens é de 1,87; das mulheres é de 1,76. Impetuosos e elegantes, trajando sempre de branco, agigantados e inimigos de qualquer trabalho, os vatussos dominam a região que ocupam há alguns séculos, reduzindo à escravidão os mansos bahatus e os pigmeus batawas, populações que habitam aquelas terras desde tempos imemoriais.

Ruanda está situada a cavalo do divisor de águas entre os vales do Nilo e do Congo. E' uma terra maravilhosa. Embora cortada pelo Equador, a região goza de um clima ideal, de uma espécie de eterna primavera. Na banda oriental confina com Uganda, no ponto onde o maciço central da África começa a declinar em direção ao lago Vitória. Limita ao norte com a imponente montanha Ruvenzori, ao ocidente com a tranqüila silhueta do lago Kivu, situado a 1.400 metros acima do nível do mar; ao sul estão os contrafortes de mais de 800 metros, separando de Taganica.



A CAPRI DA ÁFRICA

Se bem que cortada pelo Equador, não possui Ruanda estações no sentido restrito, mas períodos de chuva e períodos de sêca, formando um clima paradisíaco que levou os brancos a criar às margens do Kivu, a localidade de Kisenyi, chamada também a "Capri da África" e freqüentada pela alta aristocracia de tôdas as partes do mundo que ali já construiu magníficas vilas residenciais.

Os vatussos são o povo mais adiantado da África central. Descendentes da estirpe hamítica são aparentados com os etíopes tendo com êles vários traços de afinidade linguística, traje e escrita comuns. Apesar do contato com o cristianismo, os vatussos adoram "a vaca sagrada" e consideram sagradas a tôdas as vacas. Preferem morrer de fome a matar um bovino.

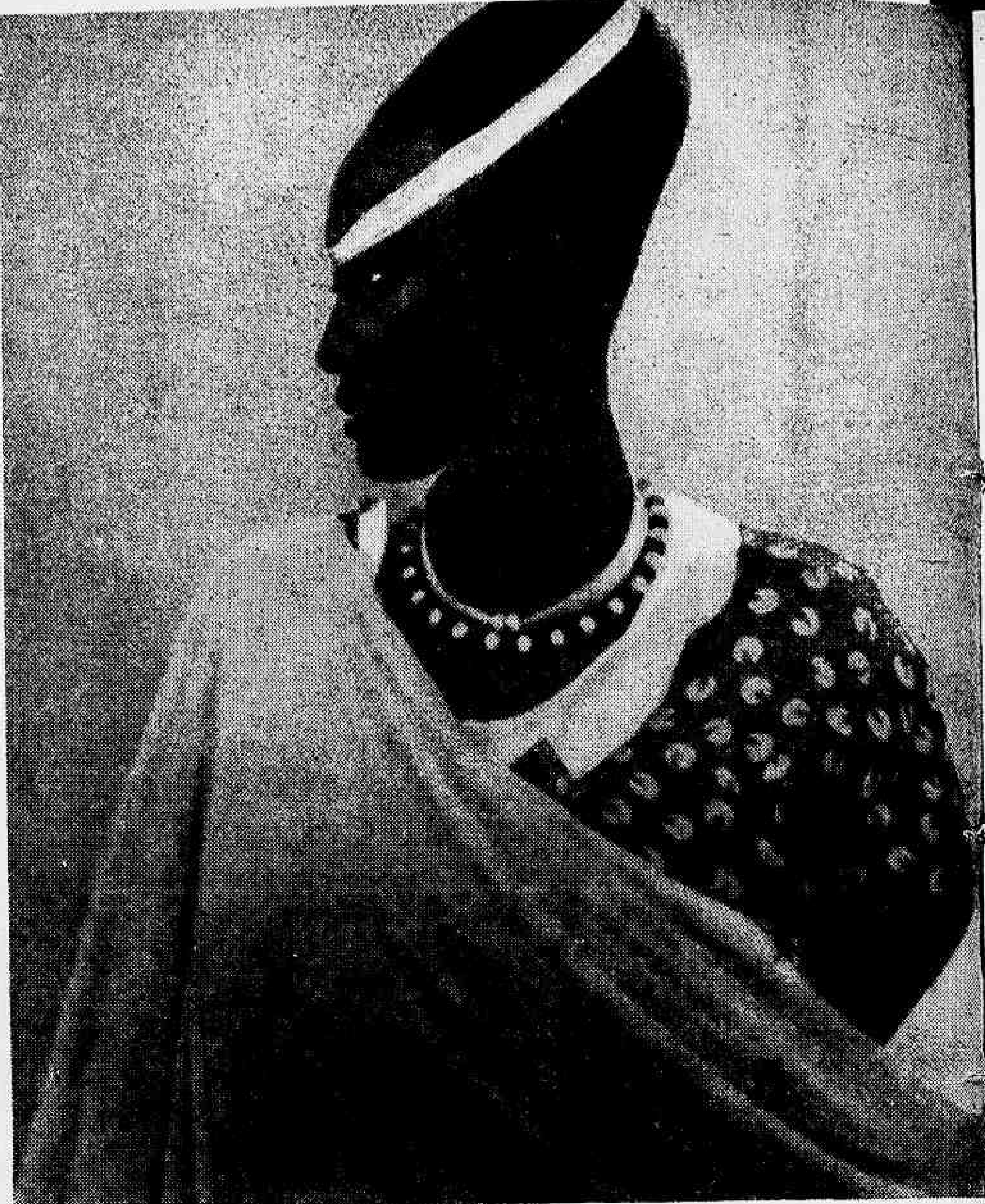
A VACA — ESSA DIVINDADE...

A vaca é, não sòmente uma divindade mas também a razão da vida dos vatussos. Os bovinos eram desconhecidos até ao dia em que os gigantes vestidos de branco os trouxeram para aquela região. Desde então a vaca passou a ser considerada uma dádiva do céu.

Mas os habitantes de Ruanda tornaram-se famosos no mundo inteiro por causa de suas danças singulares. E' a principal ocupação dos vatussos, e todos os anos nos primeiros dias de julho, reali-



Uma cena da dança guerreira «Invencível», durante um combate com um inimigo imaginário. As fôrças do guerreiro o abandonam, mas êle reage valentemente, retoma a iniciativa da batalha e consegue triunfar.



Esta é Emma Bakayishonga, irmã do rei. A fita branca passando por entre os olhos significa que a dolicocéfala é pessoa de alta linhagem sendo uma princesa de sangue real, só não sendo azul, por ser negra.

zam grandes espetáculos públicos de baile em Astrida, pouco distante de Nyanza, a sede real. Até há pouco tempo havia o costume de os chefes vatussos deixarem no palácio real, o filho primogênito e herdeiro, como refém e sinal de fidelidade. Na casa real os futuros chefes cresciam e aprendiam, além do baile, as belas maneiras, a arte coreográfica e recebiam uma completa instrução política, militar e judiciária para se tornar dignos dos postos de comando que mais tarde deviam ocupar.

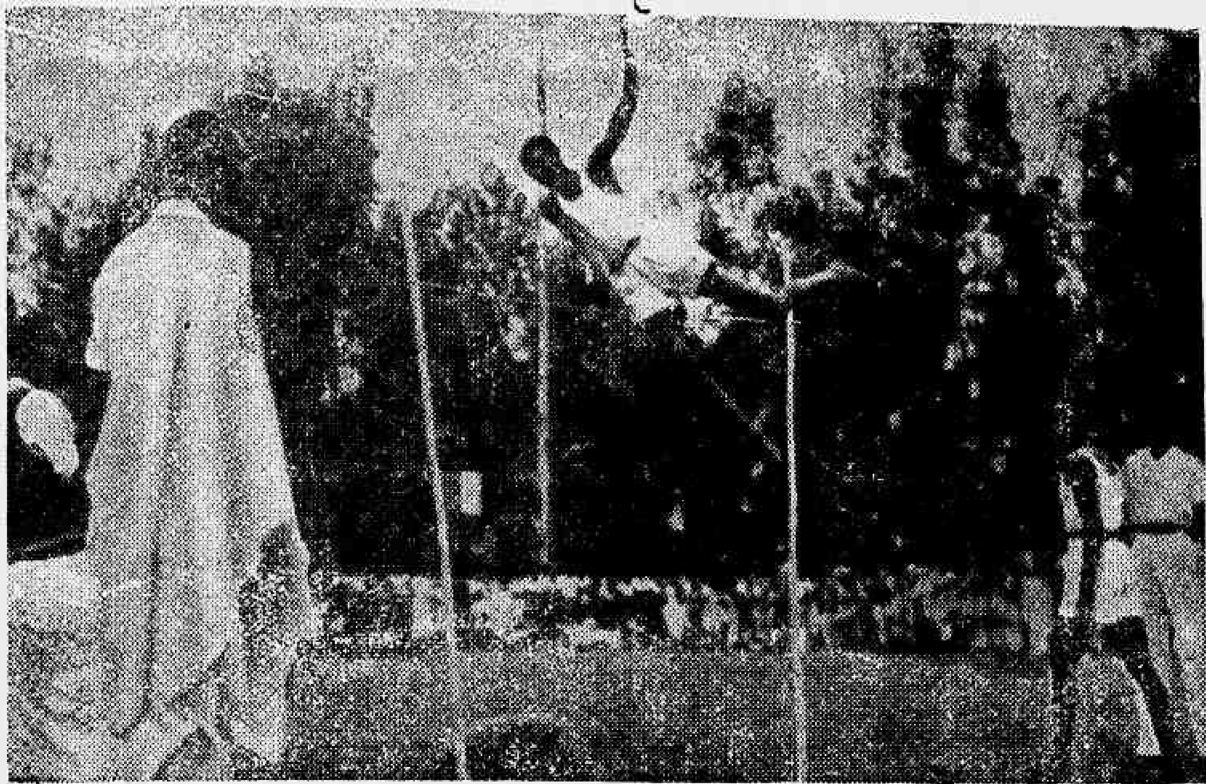
Agora os "ntore", assim são chamados os jovens bailarinos, deixaram de ser reféns. Vivem na côrte de Nyanza, recebem um regular sôldo, tendo como únicas obrigações as várias nuances da dança e as regulares exibições por ocasião das festas vatussas e belgas, que são realizadas regularmente. Tôdas as manhãs os fogosos dançarinos se adestram nas múltiplas evoluções do baile.

Os bailes vatussos trazem o nome de suas armas, uma vez que o povo, desde os seus tempos primitivos sempre foi belicoso: "ikumu" (lança); "Umuhetu" (arco); "ingabo" (escudo) — são as antigas danças nas quais se inspiram as modernas. Os bailarinos costumam ainda usar armas simuladas, durante todo o desenrolar-se das interessantes danças.

Chegando a data estabelecida para a festa, forma-se um terreiro em Astrida, que fica superlotado de curiosos. De tôdas as partes vêm os negros mais importantes, as autoridades belgas, colonos e turistas completam a assistência. Num lugar de destaque toma assento o rei de Ruanda-Urandi, com a formosa rainha Rosalia Gicanda, ladeados de tôda a côrte, onde se destacam os "bakoma" (profetas), os guardas-reais de sua majestade, ministros, os principais chefes e os hóspedes de honra. O



Grupo de bailarinos «ntore» pronto para desempenhar sua parte na grande festa cívico-guerreira, em que aparecem todos os elementos da tribo. Êste grupo ostenta um indumento dos mais preciosos e admirados pelos visitantes, com suas peles de leopardo, chapéus de penacho à cabeça e varas de bambu decoradas com uma espécie de lã



Todos os «vatussi» são ótimos saltadores e, se fôssem inteligentemente instruídos, poderiam bater o recorde mundial da especialidade. Este jovem conseguiu saltar a altura de 2,43, causando grande sensação.



Outros aspectos da movimentada e muito admirada dança guerreira dos «vatussi», quando chegava ao seu final. Os bailarinos são exímios na coreografia e fazem questão de que não haja a mais leve desarmonia.

espetáculo consiste numa disputa de agilidade, resistência e arte entre os "isc"aka" (os que se alternam) e os "scyikuwa" (os invencíveis). Os primeiros são bahutus treinados pelos vatussos, os segundos são os espetaculares "ntore".

OS PIGMEUS

Os pigmeus batwas começam a dança exibindo o tema de entrada, como também a saudação; segue-se um longo intervalo, durante o qual todo o corpo de baile canta os louvores dos antigos heróis vatussos, heróis que por vêzes nunca existiram, mas que por isso mesmo permanecem imortais, as suas façanhas são inesquecíveis, afastando assim qualquer sombra de dúvida. Quando o rei dá um sinal cessam os cantos e os batwas reaparecem na arena ostentando a tatuagem para o "caso mais difícil": uma série de passos e acrobacias rodopiando a ritmo numa movimentação furiosa que representa o máximo possível a que um pigmeu pode executar: Segue-se a disputa entre os bahutus com os "ntore" procurando aquêles vencer seus rivais de sempre.

OS FAMOSOS BAILARINOS VATUSSOS

Chega a vez da primeira fileira dos famosos bailarinos vatussos. Na cabeça usam um largo turbante de pele de pombo, ao redor do corpo um pano multicor; sustém as armas, o arco, a lança e o pitoresco escudo ligeiro. Entram imitando o passo do grou e se altercam num rápido duelo: é o passo vibrante, o inimitável. Tocando o característico "nduru" entram em cena os insuperáveis "indascyikuwa". Os bailarinos têm o corpo coberto de pele de leopardo e cada um deve capturar a fera para ter a honra de ostentar a pele.

A flexibilidade dos corpos, a rapidez das acrobacias, os saltos, a policromia da indumentária, o ritmo das danças e o conjunto coreográfico são peças de um espetáculo deveras inesquecível.

Voltam os bahutus e os "ntore" para a função de agradecimento e de despedida. Porém não termina aqui a festa. Começam os saltos. Os saltadores vatussos são espetaculares. Se tivessem o treino e a técnica suficientes bateriam de muito o recorde de qualquer Olimpíada. Convém observar que essa maturidade artística é um índice de antiquíssimas tradições vindos da época dos Faraós, bem como a adoração da vaca, talvez uma reminiscência do boi Apis, deus dos antigos egípcios.

RUDAHINGWA, O REI E SUA PACKARD

Rudahingwa, rei dos vatussos, anda numa esplêndida Packard, usa relógio de pulso e vive numa suntuosa moradia, onde recebe os mais importantes hóspedes do mundo branco. Fala correntemente o idioma francês, e por duas vêzes já estêve na Bélgica. E' um rei cioso das tradições de seu povo; intransigente a tôda imposição dos brancos e não admite a aceitação da religião cristã, nem concede vantagem alguma à Igreja Católica.

Os vatussos têm despertado a curiosidade do mundo civilizado. A fama de sua dança originalíssima transpôs as próprias fronteiras e já se cogita até de levar o corpo de baile dos "ntore" para uma tournée pela Europa. E' de se esperar que a impressão seja agradável e que, com o tempo, esta importante tribo negra do centro da África venha a se tornar mais famosa nas competições futuras de atletismo, dança, ou qualquer outro esporte moderno.





Êste bailarino já figurou no filme «Continente Negro» e em «As Minas do Rei Salomão, estando para ser contratado por uma emprêsa belga Na outra foto, nobres esperam o Grã-Sacerdote e a racão de leite

A TRAGÉDIA DA CAMIONETE

SUCEDEU NA LOCALIDADE DE PORNIC, na França, como poderia acontecer aqui no Rio. Uma gente alegre, que acabava de dançar no "Casino du Môle" e se dirigia para suas casas em Paris, depois de tanto se divertirem em férias agradáveis à beira-mar do pequenino pôrto bretão, quando um amigo, chegando com sua camionete, os convida para uma volta nos campos adjacentes. Eram quase onze horas da noite. Raymond Desjarries, Jacques Aubert, Odette Sageat, Jacky Gallais e sua irmã Paulette. O convite para um passeio à noite foi aceito, tanto mais que a temperatura estava quente. Ao volante ficou o dono do veículo, Guy Mohain, sentando-se junto a êle, à boléia, Jacky Gallois. Os demais se ajeitaram na parte traseira, sôbre a camionete. O veículo partiu entre alegrias e gargalhadas. Mais adiante Jacky chamou a atenção de Mohain para a excessiva velocidade em que iam. Mas o chofer sorriu e ainda mais acelerou o carro que, nas curvas, "cantava" nos pneus, respondendo ao amigo que conhecia muito bem a estrada e os segredos da profissão. Em dado momento, porém, a camionete perdeu a direção e, saindo da estrada, foi-se despenhar numa falésia abrupta sôbre uma praia cheia de pedras. Morreram: Desjarries e Guy Mohain, escapando ileso, Gallais, e feridos levemente, Paulette, Odette e Jacques Auvert, socorridos pelos vizinhos, quando ouviram os gritos dos acidentados.



Ginger Rogers segreda ao ouvido de Jacques Bergerac qualquer confidência amorosa. O cenário é deveras romântico e evocativo. Estão diante do túmulo de Romeu e Julieta, em Verona.

O QUARTO HOMEM...

DIANTE do túmulo de Romeu e Julieta, em Verona, passeia o novo par apaixonado que está dando que falar ao mundo inteiro. Ela, a irrequieta estrêla de primeira grandeza da constelação de Hollywood — a linda Ginger Rogers Êle, um guapo moço francês que começa a se projetar no cenário artístico de Paris. A imprensa mundial vem seguindo essa nova aventura amorosa de Ginger Rogers, que veio à Europa em gôzo de férias e encontrou em Paris, talvez, o seu quarto marido.

A coisa é séria de verdade. Não se trata de mera propaganda publicitária. Os dois estão perdidinhos de amor. E o romance agora se desenrola no histórico e romântico Adriático.

Jacques Bergerac está em plena mocidade e é considerado um "bonitão", nos meios femininos. Não escreve poesia, nem é inclinado aos duelos. Porém a sua popularidade que o cerca já de certa fama de artista, nasceu com êle na ribalta do teatro de Potinière de Paris. Jacques representa ali um notável recitativo com um repertório romântico à altura de uma platéia sempre de escol. Afora isto, aprecia o esporte. E' um entusiasta da pelota basca. Joga com certo aprumo o tênis. Mas o "smashes" é o seu esporte-rei e no qual é, deveras, campeão. E nisto é êmulo de sua namorada, uma das mais afamadas tenistas de Hollywood.

O encontro de Ginger e de Jacques, não se deu numa partida de tênis. Foi num local elegante de Paris com a orquestra tocando o tradicional charleston, com os cavalheiros que vêm convidar as damas para uma contradança. Um dos cavalheiros era Jacques Bergerac. E para Ginger, êle veio ao seu encontro. Foi como uma recordação de seu passado. O seu primeiro sucesso se dera há tantos anos num concurso de charleston, no Texas. Depois do qual escalou os degraus, um a um da retumbante carreira de artista.



A NOVA PAIXÃO DE GINGER ROGERS



Uma recordação do «Carnaval do Rio», realizado no castelo de Jacques Fath, vendo-se a elegante Ginger Rogers ao lado de Jean Sablon. A célebre estrêla era disputada por muitos e ainda não conhecia Jacques Bergerac.

Um empresário de vaudeville contratou a loura do charleston do Texas e, daí, começou a sua vertiginosa glória.

Mais tarde Ginger fazia delirar Brooklyn, no teatro da Paramount. Tudo isto lhe recordava de inopino essa paixão pelo moço francês, agora seu namorado querido. E o romance prossegue veemente.

Eddie Cantor foi o cireneu de sua gloriosa ascensão. Com a revista "Top Speed" (velocidade máxima) a trepidante rainha do charleston, velozmente, conquistou a Meca do cinema. Ginger Rogers seguia, imperceptìvelmente, as pegadas de Olivia de Havilland e de Gloria Swanson. Mas o seu triunfo definitivo veio com a comédia de Verneuil: "Love and let love". Era a consagração universal.

Depois de haver trabalhado em três filmes sucessivos com Fred Allen, Clifton Webb e Car" Grant, Ginger veio à Europa para umas férias. Apesar de os cronistas de Hollywood pensarem diferentemente.

Ao desembarcar do transatlântico "Ile de France" no velho continente, o destino fêz soar aos ouvidos de Ginger Rogers a frase que a celebrizou em tôda sua vida de artista: "Ama e deixa amar..."

Virginia Katherine McMath, nasceu em Independence, no Missouri, a 16 de julho de 1911. Mas para Jacques as datas não alimentam os afetos. Êle sabe muito bem que a sua querida Ginger divorciou-se em 31, de Jack Culpepper. Em 41, do ator Lew Ayres e em 50, do negociante Jack Briggs. Nada disto lhe importa, uma vez que o amor de Ginger Rogers é mais forte que as conveniências e as leis humanas. Por sua vez a estrêla de Hollywood deixa que o seu amor lance cintilações novas, pois todo seu passado também já não lhe importa.

Muito discreta nesse seu novo romance a loura artista responde às perguntas indiscretas com um sorriso de infinita satisfação. Só lhe interessa saber que Jacques a ama e ela por êle fará tudo. Daí a convicção de que as núpcias virão confirmar todos os prognósticos. Dizem que Ginger Rogers já mandou preparar o seu "ranch" do Oregon para sua nova lua-de-mel. Como Burt Lancaster, Gloria Swanson, Tyrone Power, Elizabeth Taylor, Shelley Winters, Rito Hayworth, Ingrid Bergman e Diana Durbin, Ginger Rogers parece que, desta vez, encontrou no velho continente o seu verdadeiro amor, aquêle que lhe tornará a espôsa mais feliz do mundo.

Semana LITERÁRIA

UM AUTOR:

OLEGARIO MARIANO



ÊSSE príncipe da poesia que tem realizado uma das mais singulares e significativas obras poéticas da língua, desde o alvorecer de seu gênio lírico, com os versos inspirados e o tema original de "Últimas Cigarras", continua a produzir poemas de grande sensibilidade e emocionante beleza, tanto pelo poder de suas notações, como pelo lavor da forma impecável que tanto avizinha êste neo-romântico dos melhores artífices do verso português, do Brasil e Portugal. Mas, esta nota não é para tratar do poeta, mas do prosador.

E' que Olegário Mariano, embora continuando a fazer versos, tão essencial é para êle a poesia, vem ùltimamente trabalhando em prosa algumas obras que serão de capital importância para explicar-lhe a vida e a obra. Está nesse caso o seu livro de memórias, de que conhecemos algumas páginas, onde a confissão sincera e corajosa do memorialista não exclui, de forma alguma, o artista, nem mesmo o poeta, pelas inflexões comovidas que são uma constante nessa obra. Outro livro que, destinado às crianças, feito sôbre a vida de um cão e inspirado nesse grande tema que tocou ao mesmo tempo Byron e Lamartine, como a tantos outros poetas, muito dirá de uma qualidade tão peculiar ao nosso grande lírico — a afetividade, êsse prodigioso dom de se dar, o culto da amizade extremosa, que tanto conhecemos os amigos de Olegário. Êsse livro, "Tangará conta história", já anunciado, marca na evolução do poeta uma humanização maior, mais viva e mais devotada, derramando-se em ternura, sôbre o túmulo de seu cão. O romântico se afina nesse livro ingênuo, de tom e de clima, cheio de doçura, de sentimento e de humor, aproximando-se ao mundo encantado dos animais e das crianças, um mundo maravilhoso que interessou ao seu espírito e onde êle incursiona, não menos artista, porém, muito mais humano e mais próximo de nosso coração, mais comunicativo, mais simples — e maior.

UM LIVRO:

"DEZ POEMAS MANUSCRITOS"

Em apresentação muito original de Edições Movimento Cultural, acaba de aparecer "Dez poemas manuscritos", realmente em "fac-simile", assinados por Francisco Rocha Filho, com boas ilustrações de Rapaport. O poeta nos transmite a certeza de uma vocação lírica que se inicia vitoriosamente: êstes dez poemas que estão demonstrando um rigoroso espírito de seleção, uma exigente autocrítica, revelam os grandes dotes do poeta novo.

Mas êstes dez poemas nos trazem noutras afirmações. Essencialmente são tocados de profundo sentimento lírico, excluído todo sentimentalismo banal. Diremos que se percebe nêles uma secura propositada, evitando o poeta todo o derramamento, todo o excesso, escolhendo com cautela seu léxico e procurando uma poética livre e pessoal. Se isso ocorre com a essência, deve, também, ocorrer com a forma — e realmente ocorre. Tôda a retórica, tôda a ênfase são evitadas aqui. Nada de eloqüência, nem qualquer concessão ao melodismo. Tanto mais que êste poeta não é um auditivo, mas um plástico. Francisco Rocha Filho é o que se chamava no tempo do parnasianismo, um "panteísta". Isso, entretanto, não indica que êle não traz a poesia em si mesmo, como em geral acontece aos panteístas, tirando das imagens exteriores alegorias e sugestões, quando não são árida e exclusivamente paisagísticos e descritivos. O poeta se enternece diante dos quadros naturais, mas infunde-lhes a nota lírica interior que pulsa nêle. A revelação de pudor que encontramos neste poeta tão discreto recomenda-lhe a poesia e torna seu lirismo muito simpático. Êste livro vale como um manifesto pessoal, apresentando-nos uma voz que não surge por aí aos gritos, querendo chamar a atenção pelo escândalo: Francisco Rocha Filho se apresenta capaz de grandes coisas, nestas pequenas coisas que agora nos comunica, nestes dez poemas simples e claros, onde os acontecimentos poéticos surgem harmoniosos, com uma serenidade emocionante. — EDMUNDO LYS.

FORA DO PRELO

● O CONDENADO — Graham Greene é uma das figuras mais importantes do moderno romance inglês. Seu estilo e sua aguda concepção novelística dão caráter literário todo pessoal aos seus livros. O caminho das criaturas de Greene passa invariàvelmente pelo território escuro e mórbido do crime e do pecado. Nos seus romances sempre algo horrível parece estar na iminência de acontecer. Criando uma viva tensão entre o bem e o mal, entre a paz e o desespêro, entre as solicitações de ambos os pólos humanos, Greene empresta à sua obra uma atmosfera de verdadeira dança macabra. E' sobretudo um mestre na arte de pôr tràgicamente a nu o terrível fundo das almas. Salvação ou perdição — eis o dilema com que joga a pena do autor, dilacerando por assim dizer a vida dos personagens.

Hoje famoso no mundo inteiro, Grahom Greene tinha apenas dois livros publicados no Brasil: "O Coração da Matéria" e "O Terceiro Homem". Em "O Condenado", que agora a Editôra Globo acaba de publicar, Greene nos dá a visão "infernal" de um subúrbio degenerado, em contraste com a alegria mundana e sossegada da estação balneária de Brighton, na Inglaterra. "O Condenado" foi traduzido por Leonal Vallandro.

● A CONQUISTA DO ACRE — Curiosa a versatilidade que caracteriza a atuação de Pimentel Gomes: ora escreve "Enriqueça com um coqueiral", ora "Árvores forrageiras"... Já orienta com "Irrigue seu sítio", já com "Adube seu sítio"... São obras publicadas pelas Edições Melhoramentos que, agora, apresentam mais um trabalho de Pimentel Gomes: "A conquista do Acre". Sob a forma romanceada, que suaviza as lições contidas no texto, ilustrado por Osvaldo Storni, "A conquista do Acre" prende o leitor pela sucessão de fatos, e figuras que para ela concorreram — notadamente Plácido de Castro, justamente exaltado por Pimentel Gomes.

● HISTÓRIA DA AMERICA — Já é a segunda edição que a Melhoramentos oferece aos estudantes de "História da América" da 2.ª série do Curso Ginasial, atendendo às exigências do programa oficial. De autoria de R. Haddock Lobo, bastante conhecido e admirado de mestres e alunos, o compêndio, ricamente ilustrado, expõe a matéria com habilidade fora do comum. Notável trabalho de quem a crítica louvou "História Econômica e Administrativa do Brasil" e outros livros.

● HISTÓRIA DO BRASIL — Para a 1.ª série do Curso Ginasial, rigorosamente em harmonia com o novo programa oficial, acaba de aparecer a segunda tiragem de "História do Brasil", de R. Haddock Lobo. Autor que os pedagogos já consagraram como dos melhores. Suas qualidades brilham nessa obra, aparecida nas Edições Melhoramentos. Ilustrações fartas e adequadas.

NOTICIÁRIO

● PRÊMIO NOBEL DE 52 — Informam de Estocolmo que a decisão da Academia de Ciências da Suécia dará a conhecer dentro de três semanas o nome do detentor do Prêmio Nobel de Literatura, êste ano. Espera-se mesmo que seja no dia 6 de novembro a comunicação oficial a êsse respeito. Entre os candidatos mais prováveis figuram o filósofo e ensaísta espanhol José Ortega Y Gasset; o filósofo espanhol George Santayana, falecido há pouco em Roma; Island Hllador Lxaness, da Noruega; Arnulfo Everland, da Noruega; Martin Anderson, da Dinamarca; Bert Brecht, da Alemanha; Ernest Hemingway, dos Estados Unidos; François Mauriac, da França e Inazio Silone, da Itália.

● O CINQUENTENÁRIO DE «CANAAN» — Entre as mais expressivas datas dêste ano, figura a comemoração do meio século de publicação de «Canaan», de Graça Aranha.

«Canaan», o primeiro romance de Graça Aranha, apareceu em 1902, quando o escritor já havia entrado para a diplomacia, exercendo as funções de secretário de Nabuco, na missão especial de que êste fôra incumbido de defender os direitos do Brasil, na pendência de limites com a Guiana Inglêsa. O romance teve uma crítica inteiramente favorável. Artigos de Medeiros e Albuquerque, José Veríssimo e outros, que faziam a crítica militante na época, foram unânimes em saudar o livro, como uma legítima obra de arte, embora nem todos concordassem com o ponto de vista sociológico em que se colocava o autor. Bom discípulo de Tobias Barreto, Graça Aranha preconizava, como uma necessidade imprescindível, a aculturação alemã em nosso país. Mas o romance vale menos pelo pensamento social do que pela sua construção artística, que o levou a ser visto, mais tarde, como uma obra de inspiração simbolista.

Dadas as influências diplomáticas de que dispunha, Graça Aranha conseguiu fazer com que «Canaan» fôsse logo traduzido para o francês, o inglês e outras línguas, merecendo elogios de algumas figuras de relêvo universal, como Anatole France e Guliermo Ferraro.

Através dêstes cinqüenta anos, «Canaan» continua a figurar entre as obras-primas do romance brasileiro e um dos livros mais lidos de nossa literatura.

CANÇÃO PERDIDA



A poetisa Noelini de Souza que acaba de publicar mais uma coletânea de poemas, "Canção Perdida", de comovido lirismo. Uma das vozes femininas mais tocantes de sua geração, Noelini de Souza tem sido saudada com entusiasmo pela crítica.

Dois modelos para a tarde





PIERRE CLARENCE

Vestido para a tarde, em surah beige. Um drapeado contorna o decote. Mangas curtas, saia reta, alargada nos quadris, pelos grandes bolsos dão ao modêlo um toque original.

LA BRUYÈRE

O requinte dêste modêlo é dado pelos embutidos plissados nos bolsos e nos ombros. Uma enorme prega na frente dá movimento à saia. Alpaca deve ser o tecido escolhido.



Madeleine de Rauch



Vestido assimétrico em tecido estampado, com pano lateral plissado. O grande chapéu de palha tem a copa inclinada sôbre um lenço amarrado na nuca, do mesmo tecido do vestido. Vestido de corpo japonês de Madeleine de Rauch, em organdi côr de mel "degradé". A saia ainda parece mais rodada em virtude da grande faixa de pontas pendentes enviezadas.







1 — LAVIN-CASTILLO: *Cinto drapeado marcando a cintura de um encantador vestidinho de shantung. Saia em "plissé soleil". Chapéu e luvas em tecido de "pois".* 2 — JACQUES FATH: *Um peitilho embutido, de onde partem as mangas, dá grande classe a êste modêlo de elegante simplicidade. Bolsos nas costuras laterais da saia, abotoados como o peito.* 3 — JEANNE LAFAURIE: *Modêlo em pesada sêda branca. Um recorte embutido por largos "ajours" liga as mangas ao corpo. Dois bolsos se dissimulam nos panos da saia, completando o elegante e lindo modêlo.*



A VIDA de NOEL ROSA

Contada por ALMIRANTE



CAPÍTULO IV

SEGREDOS DAS GRAVAÇÕES ★ ASTROS DO DISCO, HÁ 30 ANOS ★ CHICO ALVES, INCENTIVADOR E AMIGO ★ PRIMEIROS DISCOS DOS "TANGARÁS" ★ HISTÓRIA DO "NA PAVUNA" ★ "BUM-BUM-BUM" IMPORTANTE ★ IMITADORES ★ POR QUE FOI COMPOSTO O "EU VOU PRÁ VILA!"

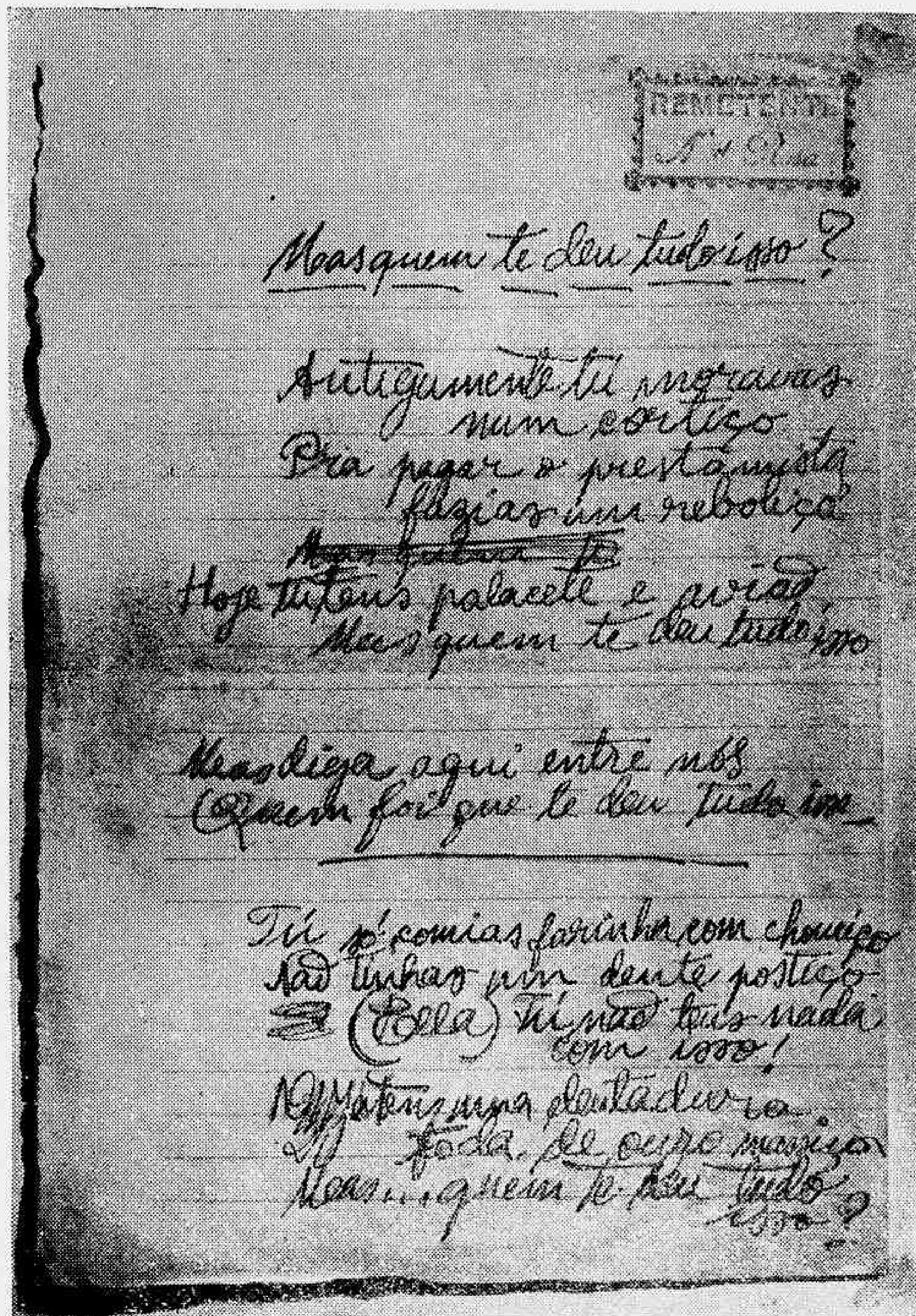
NA CÚPULA DO PHENIX

RECEBIDO o convite para gravar e fundado o «Bando de Tangarás», tratamos, imediatamente, do nosso repertório.

Um estúdio de gravação era ainda, para nós, um segrêdo. O da Odeon e Parlofon se localizava na cúpula do Teatro Phenix. Como os elevadores ali não funcionassem durante o dia os artistas, os músicos e demais participantes das gravações, eram obrigados a subir pelas longas escadas, chegando em cima exaustos, o que dava motivo a blagues como justificativas de um defeito muito freqüente nos discos daquele tempo: — o andamento das músicas, acelerado no início e quase sempre mais lento, no final.

— Eram as escadas, era o cansaço — dizia-se.

A grande constelação de discos da época já era encabeçada pelo saudoso Francisco Alves. A seu lado, brilhava Mário Reis. Stefana de Macêdo, por longo tempo, ocupou lugar de destaque, com suas felizes gravações de músicas de Hekel Tavares, o compositor da moda. Grande sucesso alcançava também Gastão Formenti, que levava para os discos a valiosa credencial de sua arte como pintor. Patrício Teixeira, voz popularíssima, andava em grande forma. Vicente Celestino causava admiração pelo ecletismo com que figurava nos suplementos, intercalando discos de canções brejeiras com árias de óperas, obtendo êxitos marcantes, de ambas as formas. Araci Côrtes tinha suas gravações valorizadas pelo repertório de números sensacionais, que lançava nas revistas teatrais da Praça Tiradentes, onde era imperatriz absoluta. Sílvio Salema, linda voz de tenor, era o nome freqüente nos suplementos. Raul Roulien, especializado em tangos argentinos, mantinha, nos discos, a popularidade granjeada no teatro e no cinema, Artur Castro, Alfredo Albuquerque, Pinto Filho (que sucesso o seu monólogo da «Guerra ao mosquito»!... Canhoto, Rogério Guimarães (outro canhoto) — eram figuras queridas e expoentes nas gravações do tempo.



REMETENTE
N. Rosa

Mas quem te deu tudo isso?

Antigamente tu moravas
num cortiço
Pra pagar o prestamista
fazias um rebolico
Hoje tu tens palacete e avião
Mas quem te deu tudo isso

Mas diga aqui entre nós
Quem foi que te deu tudo isso

Tu só comias farinha com chouriço
Não tinhas um dente postiço
(Ella) Tu não tens nada
com isso!
Hoje tens uma dentadura
toda de ouro maciço
Mas... quem te deu tudo
isso?

«MAS QUEM TE DEU TUDO ISSO?» — Autógrafo de uma das numerosas composições de Noel Rosa, em papel timbrado do inesquecível compositor, que tinha a originalidade de o carimbar assim: Remetente: Noel Rosa.

FRANCISCO ALVES E CHICO VIOLA

Acima de todos, porém, brilhava, de modo incomparável, Francisco Alves, bem justificadamente chamado, mais tarde, o «Rei da Voz».

Escrevo estas linhas sob a emoção do choque desferido por sua morte trágica, especialmente entre seus companheiros de metier. E, tratando de discos daqueles bons tempos em que o «Bando de Tangarás» engatinhava, não é possível esquecer o meu primeiro contacto com o famoso cantor.



RETRATO OFICIAL DE NOEL — Esta é, por assim dizer, a fotografia oficial de Noel Rosa. A fábrica de discos «Odeon» a apresentava sempre em seus suplementos para propaganda das gravações felizes do inolvidável Noel.

Para nós, do «Bando» êle era como um deus. Para o sucesso que almejávamos, era o nosso têrmo de comparação.

Na Odeon, seus discos ostentavam seu verdadeiro nome, mas na Parlofon, subsidiária daquela e cujos suplementos começaram a ser publicados em agôsto de 1928, o artista se apresentava com o pseudônimo de Chico Viola, que só desde então, aliás, se divulgou entre o grande público.

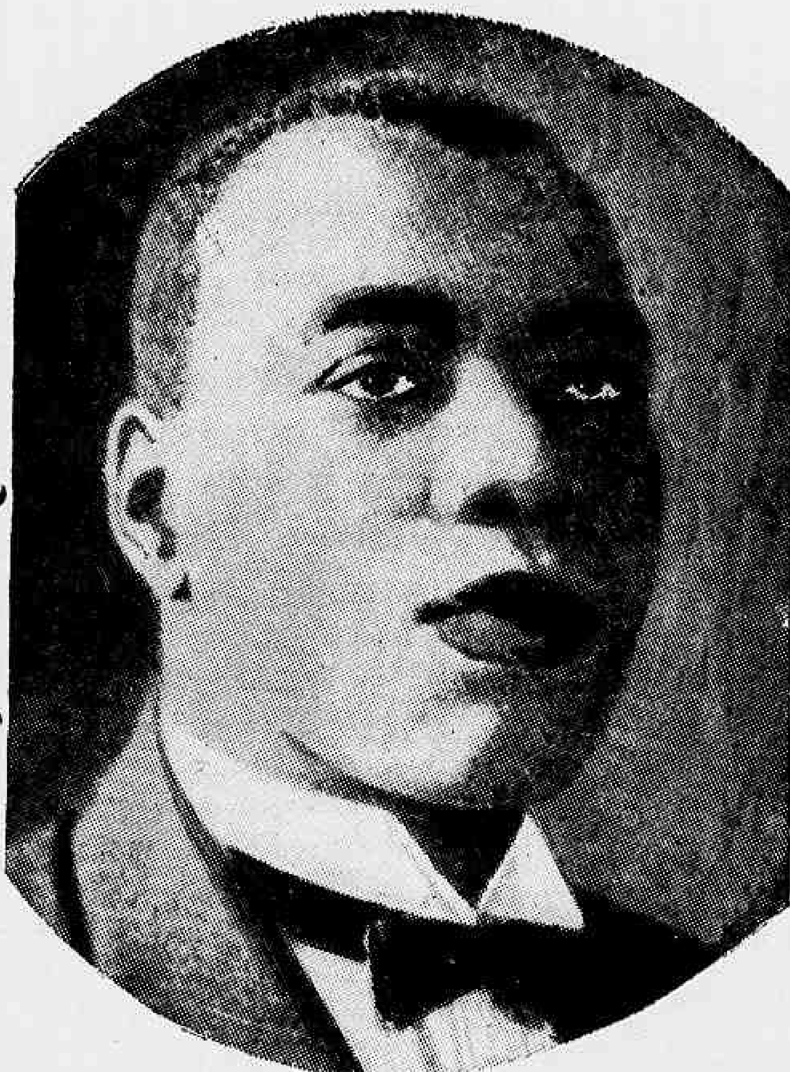
A duplicidade de nomes para a mesma voz dava motivo a uma acesa controvérsia, da qual participavam até antigos comerciantes do ramo e que jamais deveriam incorrer em tais erros. Formavam-se, então, duas correntes em que as opiniões se chocavam acirradamente:

— Pra mim, Chico Viola é muito melhor cantor do que Francisco Alves! — afirmava uma delas.

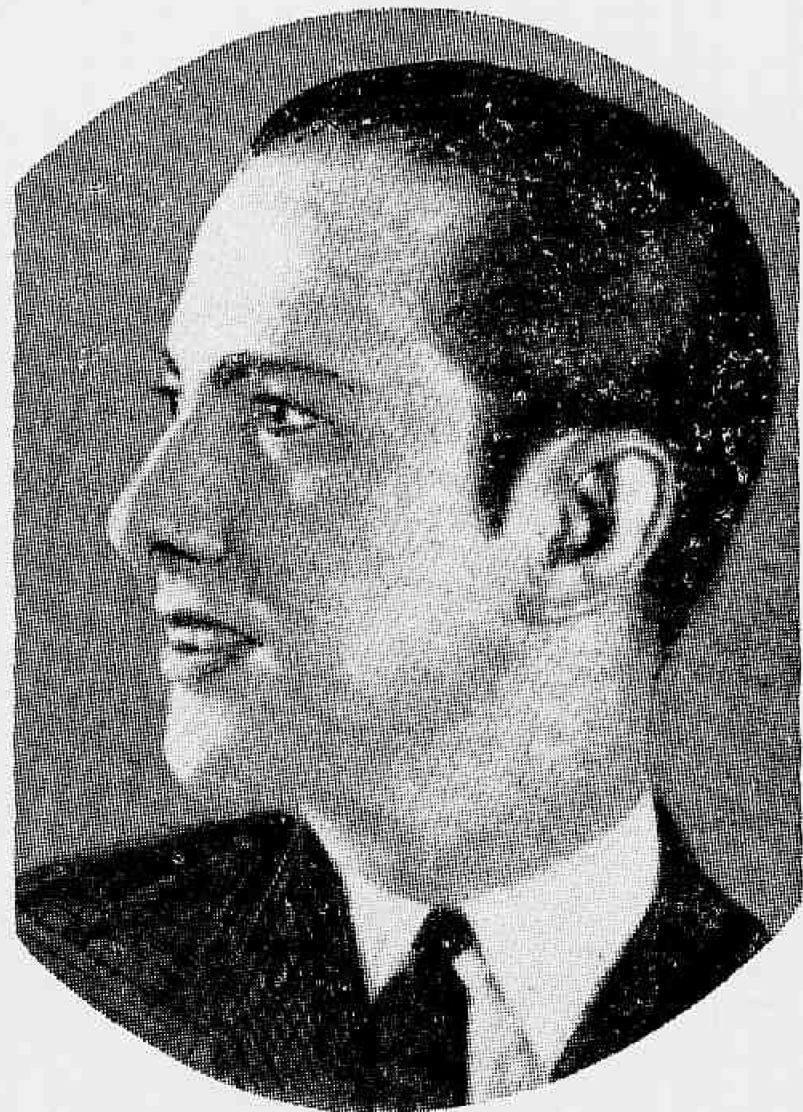
— Nada disso! Francisco Alves é superior! Chico Viola é um reles imitador! — contestava a outra.



ARACY — a grande Aracy Côrtes — que requebrava e dançava o samba como ninguém.



PATRICIO TEIXEIRA, voz popularíssima nos tempos de Noel Rosa e mesmo até hoje.



RAUL ROULIEN, o ator que apareceu fingindo de argentino e ficou então famoso.

Os componentes do «Bando» jamais se deixaram contaminar por qualquer dúvida, naquele particular. Não porque já conhecêssemos a verdade, mas sim porque, um simples raciocínio nos fazia concluir que, só por milagre, mais de uma criatura, no Brasil poderia nascer dotada com aquela prodigiosa voz. E nós não acreditávamos em milagre daquele tipo...

JUSTIÇA A CHICO ALVES!

Uma tarde, estava eu em companhia de outras pessoas a ouvir, numa das salas da Casa Edison, à Rua 7 de Setembro, a prova de um dos primeiros discos do «Bando de Tangarás», quando percebi alguém que, silenciosamente, se acercava do grupo. Emocionado, reconheci Francisco Alves.

Ficou ali, algum tempo, risonho, cabeça de lado, coisa muito de seu hábito e, antes de qualquer manifestação de outrem, deu sua opinião sôbre o que ouvia. E o fêz usando a maneira peculiar como demonstrava seu agrado pelas músicas alheias, isto é, cantando-as, também. E sua voz, ao vivo, fêz côro com a minha, do disco:

«Tem carinho que eu faço,
«Tem dinheiro, meu bem,
«Tem minh'alma e meu braço,
«Querendo amor, também tem.

Nada no mundo então me poderia ser mais grato do que verificar que aquela celebridade conhecia minha música, sabia meus pobres versos...

Com o que disse a seguir, expontâneamente, diante dos mentores da Fábrica ali presentes, teve o «Bando de Tangarás» destruídas tôdas as resistências que poderiam entravar sua carreira nos discos.

Mais tarde, em diferentes ocasiões, vi repetir-se aquêle singular traço de personalidade e adquiri a certeza absoluta de que o renomado artista jamais invejou a vitória dos concorrentes e que, pelo contrário, os incentivava e aplaudia. Inúmeras vêzes, depois daquele dia, vi Chico Alves dar demonstração de que acompanhava passo a passo, satisfeito, feliz, o êxito de colegas de profissão. Dava disso prova concludente mostrando conhecer perfeitamente as músicas mais em evidência de quantos cantassem, como êle — o inverso, exatamente, de outros que, tacanhamente, supõem destruir os sucessos dos concorrentes com o simples fato de proclamarem jamais ter ouvido suas músicas...

Faça-se justiça ao grande Chico Alves!

«ARRANHOLINO» E «VIOLATA»

Realizou-se na Odeon a primeira gravação do «Bando de Tangarás», constando, daquele disco publicado no suplemento de agôsto de 1929, duas composições minhas — «Anedotas» e «Galo Garnizé».

No mesmo mês, a Parlofon — que depois tomou a nossa exclusividade — publicava também nosso primeiro disco na sua marca: — os sambas «Consequências do amor» e «Mulher exigente».



Noel podia, perfeitamente, ter inspirado o desenhista que imaginou esta capa do «Eu vou prá Vila», pois nela aparecem, além dos «Tangarás» voejando em tôrno do título, os tipos mais explorados pelo compositor em suas obras: o policial, o tipo de chapéu de palha, o seresteiro, a mulata.

Daí em diante, felizmente, a sorte bafejou o «Bando de Tangarás» e as gravações se sucederam, com regularidade: «Vamos falar do norte», «Bolebole», «P'ra vancê...», «Coisas da roça», «Façanhas do Bando», «Pau p'ra tôda obra», «Minha cabrocha», «Cadê o toucinho?», etc.

Em fins de 1929, fui convidado, certo dia, para comparecer à casa de Homero Dornelas, excelente amigo, artista excêntrico que, por vêzes, usando o pseudônimo de «Candoca da Anunciação», se exibia conosco em festinhas particulares, executando músicas de classe num instrumento exótico que vibrava, utilizando-se de uma simples caixa de charutos, a que aplicara um longo braço sôbre o qual se estendia uma corda de violoncelo. Era, pois, um monocórdio que, devido ao som resultante, recebera o nome de «Arranholino». O invento, aliás, inspirara a «João de Barro» um instrumento correspondente, batizado como «Violata», por ser um braço de violão aplicado a uma lata de querozene, e no qual Henrique Brito, indiferente ao som de tacho que ia produzindo, executava, deleitado, as músicas mais sentimentais do seu vasto repertório.

Dornelas havia composto o estribilho e a melodia da segunda parte de um samba, e desejava que eu o completasse.

COMO ME CONVERTI AO «NA PAVUNA»

Em sua residência, à Rua Tôrres Homem — tudo Vila Isabel —, tateando no piano, e cantarolando, Dornelas fêz-me ouvir sua composição:

«Na Pavuna,
Na Pavuna,
Tem um samba
Que só dá gente reúna.

Não me tomei de grande entusiasmo pela parceria, principalmente porque deveria conservar o estribilho já pronto. A construção do versinho final, com a falta gritante da preposição, mesmo explorando forma indiscutivelmente popular; a expressão «reúna», desconhecida para mim, até então; e a melodia pobre, ingênua, estranha — eram motivos justificáveis

de recusa. Pouco a pouco, entretanto, fui cedendo à argumentação de Homero Dornelas e, quando êle explicou o curioso significado da gíria «reúna», dizendo-a muito usada no subúrbio citado no estribilho, onde definia militares e soldados, gente, enfim, que usava bota reúna — já eu estava inteiramente convertido. E os versos, mesmo sem mérito e veia poética, me saíram fáceis e acomodados à melodia e ao ritmo.

Por aquêle tempo, as Escolas de samba, nos seus desfiles, começavam a exibir profuso instrumental de percussão, no qual ressaltavam tamborins, pandeiros, barricas, surdos e cuícas. Vila Isabel era bairro obrigatório para seus desfiles, para o que contribuíam as insuperáveis batalhas que infalìvelmente, nas vésperas dos Carnavais, se realizavam no Boulevard 28 de Setembro e na Rua Dona Zulmira, no Maracanã.

O intuito de impressionar por meio do material de ritmo que foi a grande preocupação das Escolas de Samba em longa temporada que se iniciou, aliás, em 1929, ficou registrado em pitoresco estribilho com que certa agremiação daquelas, espicaçada pelo sucesso do «Na Pavuna», desfilou, mais tarde, pelas ruas da «Vila»:

Tem bateria,
Tem harmonia,
Com o nosso time,
Não há quem possa!
Salve o Estácio de Sá,
Oswaldo Cruz.
Em Mangueira tem cabrocha.

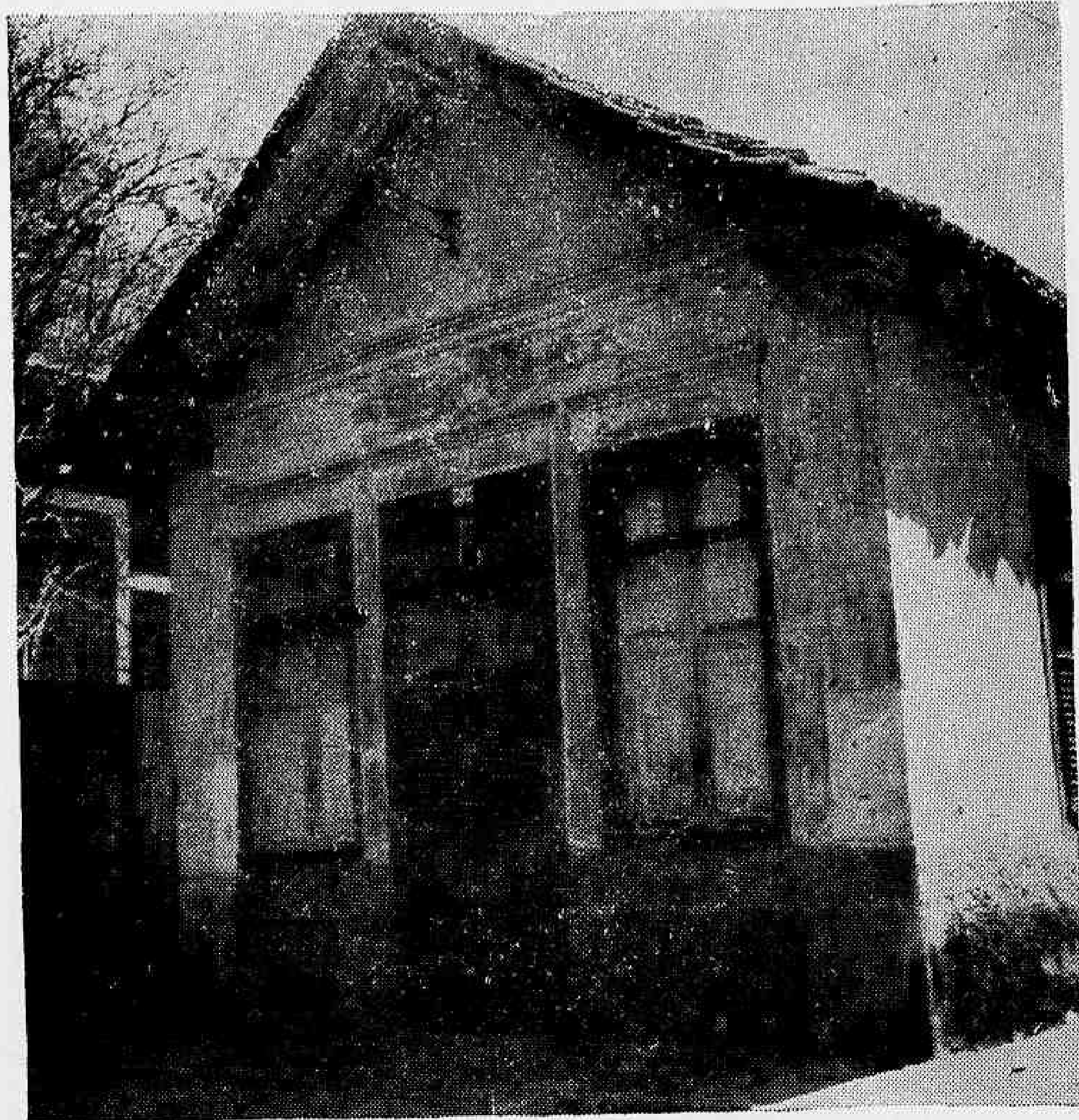
Rimas, conforme o original!

BUM BUM BUM!

A gravação do «Na Pavuna» se realizou de maneira «sui-generis», com a utilização do instrumental de percussão das Escolas de Samba, o que foi, sem dúvida, o principal fator de seu enorme sucesso. Lucrei, desde então, a certeza de que o êxito de inúmeras músicas populares se deve, muitas vêzes a quase insignificantes detalhes sonoros, difíceis de serem criados pelos compositores, mesmo os mais imaginativos, e que surgem ao acaso, como contribuições espontâneas de humildes acompanhadores. Foi aquêle, exatamente, o caso do «Na Pavuna», em que uma intuitiva resposta rítmica, em três simples pancadas dos tamborins e das barricas, se tornou, incontestàvelmente, no grande fator de popularidade do samba. De tal modo o efeito sonoro, improvisado no instante da execução, se incorporou à música que, daí em diante, ninguém mais conseguiu cantarolar o estribilho, sem lhe acrescentar o detalhe que tanto o caracterizava:

Na Pavuna — bum bum bum
Na Pavuna — bum bum bum

Como nós, os autores, te agradecemos, «bum bum bum»...



AQUI NASCEU NOEL ROSA — Ao invés do dístico que haviam profetizado para o irmão, a modesta casa ostenta hoje uma placa comemorativa, assinalando que «nesta casa nasceu Noel Rosa». É uma consagração.

A CONSAGRAÇÃO DOS BAIRROS

Por incrível que pareça, foi o samba «Na Pavuna» o germe da grande movimentação que logo depois Noel Rosa iniciou em favor de seu bairro.

Até o aparecimento do «Na Pavuna», os bairros e os subúrbios, não constituíam assunto que interessasse aos compositores. O espetacular sucesso do nosso samba despertou a atenção para o novo rumo poético. Daí o elevado número de imitadores, tentando levar as simpatias do povo para outros recantos do Rio.

Às vêzes, a cópia se concentrava quase exclusivamente nos títulos: «No Salgueiro», «N'aldeia», «No Grajaú», «Na Gamboa». No que, porém, todos conservavam afinidades, era quando atribuíam àqueles lugares a mesma superioridade no terreno do «samba», da «batucada», proclamada inicialmente no «Na Pavuna».

De todos, entretanto, o mais lamentável pelo carbono ridículo que representava, foi o chamado «Na Gamboa», cuja melodia era impudente decalque da original, de Dornelas, e que utilizava, na gravação, os mesmos recursos rítmicos usados por nós, inclusive o característico «bum bum bum». Isto sem falar nos versos em que as semelhanças gerais podem ser avaliadas pelas do estribilho, imitado até nas próprias imperfeições:

Na Gamboa,
Na Gamboa,
Tem um samba
Que só entra gente boa.

«EU VOU PRA VILA»

O assunto «samba» — «batuque», andou na ordem do dia, provocado, sem a menor dúvida, pela original gravação do «Bando de Tangarás», e foi instigado pelo amor a seu bairro que Noel, não podendo ficar indiferente aos propósitos que tantos manifestavam ao exaltar as excelências de outros recantos da cidade, saltou em defesa de sua Vila Isabel.

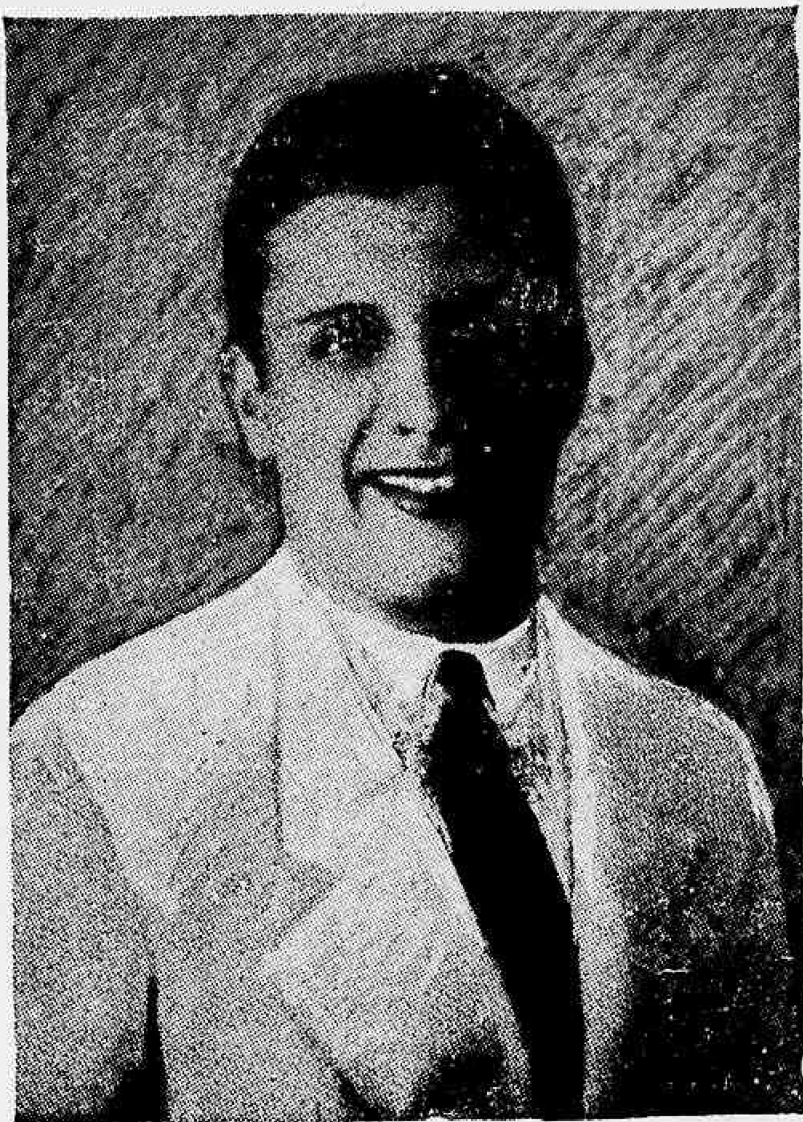
E compôs o glorificador «Eu vou pra Vila...», primeiro brado em favor de sua «terra natal». Nos versos ficou a menção aos sambas que deram motivo ao aparecimento da sua produção, e dêles ainda se tira a conclusão nítida do alto conceito em que o autor colocava o gênero de música que o guindou aos pináculos da fama:

Não tenho mêdo de bamba,
Na roda do samba,
Eu sou bacharel...
Sou bacharel...
Andando pela batucada,
Onde eu vi gente levada,
Foi lá em Vila Isabel.

«Na Pavuna tem turuna...»
«Na Gamboa gente boa...»
EU VOU PRA «VILA»,
Onde o samba é da coroa.

Já mudei de Piedade,
Já saí de Cascadura...
EU VOU PRA «VILA»,
Pois quem é bom não se mistura.

(Continua no próximo número)



MÁRIO REIS, — o Doutor Mário Reis, o grã-fino — criador de «Jura», o furor da época.



GASTÃO FORMENTI, pintor e cantor prestigioso, que hoje se dedica apenas à pintura.



STEFANA DE MACEDO batia com os dedos no violão, cantava e também encantava...

A SAÚDE DO BEBÊ

Infecções da infância e suas complicações

DR. SABOIA RIBEIRO

ATRIBUI-SE generalizadamente uma benignidade costumeira às chamadas **doenças comuns da infância**, que envolve na prática muitos casos que fogem a essa exceção. E' uma benignidade que deve ser entendida em têrmos, pois é relativa. O sarampo, a coqueluche, a cachumba, (papeira) a gripe, (que na primeira infância usurpa o verdadeiro nome a outras doenças, a própria **paralisia infantil**, a **difteria**, e outras) não é raro que se compliquem de outras afecções, aliás, das mais graves, não só pelo prognóstico, senão também pelas sequelas às mais das vêzes de efeitos duradouros ou permanentes. Ora, o que faz a benignidade (relativa, repetimos) dessas viroses, (pois causadas por **vírus**) são muitas condições da criança, entre elas, ausência de certas taras, o bom estado nutritivo, a segurança e a tempestividade do tratamento.

● O sarampo, a coqueluche, a gripe, freqüentemente provocam as reações meníngeas, e mesmo a verdadeira meningite. Sabem, aliás, os pediatras a freqüência com que deixam após si uma porta aberta a outras moléstias, e principalmente as duas primeiras, à própria tuberculose infantil.

E' que exercem as três mencionadas moléstias uma ação depressiva sôbre as defesas naturais da criança, criando condições desfavoráveis a seu organismo para lutar contra os agentes infecciosos. Para cúmulo, nos primeiros meses, a criança não tem ainda os órgãos incumbidos dessas defesas perfeitamente desenvolvidos, e isso a torna, naturalmente, mais receptiva e vulnerável aos germes das infecções.

A própria vacinação (como uma infecção provocada que é, porém necessária, sem dúvida, para evitar fique a criança exposta a uma das piores e repugnantes moléstias da humanidade) não deve ser levada sem maiores cuidados, pois em alguns casos podem surgir certas manifestações da esfera nervosa, evitáveis sobretudo se a criança, ao ser vacinada, foi devidamente examinada pelo médico e a técnica da vacinação obedeceu a certos cuidados. Quais são, então, as complicações mais comuns nas chamadas «doenças da infância». Vejamos por moléstia:

1º — **Sarampo:** As bronco-pneumonias, a difteria, as otites, as encefalites e as meningo-encefalites, entre outras. As últimas não são exclusivas do sarampo, como complicação, mas no sarampo existe uma certa tendência àquelas formas porque o sarampo faz a otite supurada e esta as encefalites e meningo-encefalites. Quando o sarampo termina pela morte da criança a autópsia muitas vêzes descobre o processo de otite supurada. Às vêzes o processo otítico passou despercebido, não havendo supuração externa, e mesmo os sintomas de encefalite também não foram evidentes. Por isso mesmo pode haver surprêsa no desfecho mortal ocasionado por tais complicações que só a autópsia da criança descobre.

2º — **Coqueluche:** Menos freqüentemente do que o sarampo, em casos antes raros, pode trazer complicações do encéfalo e meningo-encefalíticas. Mas todos os pediatras estão de acôrdo em que a coqueluche prepara um terreno inteiramente favorável ao contágio da tuberculose, o que faz sempre necessária uma vigilância após a coqueluche a fim de despistar quaisquer sinais da tuberculose pelos raios X e as provas de laboratório. Muito cuidado, entretanto, na interpretação dos resultados radiológicos, pois há imagens que parecem as da tuberculose e não o são, após a infecção coqueluchosa.

3º — **Gripe:** Sob êste rótulo, muitas vêzes, como já dissemos, adoece a criança de outras viroses, como a própria paralisia infantil. Assim é que, tratadas como tal, é de ver a criança convalescer apresentando os sinais de uma mielite e, mais tarde, as atrofias musculares, com paralisia. Como temos acentuado, os sintomas são sobremaneira parecidos de uma gripe e uma paralisia infantil, a começo. O diagnóstico desta é muito difícil no seu começo, quando não existe uma epidemia. De modo que uma gripe na criança, de certa intensidade e fenômenos gerais graves, deve sempre envolver a suspeita de um caso de **paralisia infantil**, que a evolução do mal confirmará ou não. A sudação intensa e a intensa dolorosidade da criança aos contatos e aos movimentos, mesmo espontâneos, a extrema sensibilidade da coluna vertebral, fazem suspeitar, com algum fundamento, da paralisia infantil. Mas, de tôdas as doenças da infância, nenhuma como a gripe ocasiona a **encefalite** como complicação.

4º — **Outras infecções da infância:** a Cachumba, a vacinação mal praticada ou eventualmente contra-indicada. Está provado que a **vacinação** é geralmente benigna quando praticada sem lesões profundas da pele e estando a criança em boas condições de saúde (boa nutrição, não portadora de eczemas, e não se tendo levantado de nenhuma doença anterior).

A ausência dêsses cuidados se devem alguns casos complicados, inclusive a encefalite. As complicações da Cachumba quase não contam.

Na profilaxia das complicações das chamadas doenças comuns da infância a ciência dispõe, hoje, de uma boa arma nos antibióticos. Mas empregada em tempo, como profilaxia de fato.

COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA

TANGO
SWING
BOLERO
BAIÃO
RUMBA
CONGA
VALSA
MARCHA
SAMBA
FOX-TROT
SAMBA LISO

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

UM PRÍNCIPE EM MINHA VIDA

(Cont. da pág. 25)

viesse arrancar do meu silêncio, de minha desolação.

De súbito, sem que eu ouvisse os seus passos, homens surgiram na volta do caminho. Ao meio, vergado para a frente, os cabelos tombados para o rosto desgovernado, irreconhecível, meu Príncipe procurava equilibrar-se ajudado por Malique, que fazia tudo para mantê-lo direito.

Êles passaram e eu não vi mais nada.

. . . .

Capítulo XXIII

Alguém empurrou a porta. Uma sombra se alonga sôbre um pano estendido onde secavam espigas e o cura toca em minhas espáduas:

— Disseram-me que você estêve doente, Bertille.

O bom vigário procurou com os olhos um gancho onde colocar seu chapéu, os olhos cheios de malícia como se quisesse encontrar uma história para me distrair ou consolar.

— Não tenho nenhuma doença, sr. vigário.

— Não estêve doente?... Mas você já não é mais a mesma, minha filha. Diga-me: que é que há com você?

Eu tentava explicar-lhe tudo, em poucas palavras. Em vão. Desde que me foram encontrar desfalecida no mais recôndito da floresta, meu espírito mergulhara no mais estranho caos, numa dança indescritível de imagens e pensamentos. Tudo para mim não passava de mistério e novidade sem explicação. O castelo, minha própria casa, a floresta, tudo me espantava, assustava-me, atordoava-me.

O bom sacerdote repetiu:

— Não está doente. . nem estêve enfêrma... Então, então... Bertille, será que se trata de alguma dor íntima...

Disse-lhe «sim» com o olhar, pela primeira vez ávida de ser deplorada...

O velhinho percebeu e voltou:

— Então diga-me o que se passa em seu coração, minha filha. Já sou velho e compreendo tudo.

Meus dedos nervosos rasgavam as franjas do meu fichu. Meio embaraçada, murmurei:

— Bem... Não tenho muita coisa a dizer... Entretanto, não posso...

Depois, dominando meu embaraço, afastei meus olhos dos dêle, voltei a cabeça para um lado e balbuciei como num suspiro:

— É que eu amava um homem...

— Amava? E êle partiu?

— Não partiu. Morreu.

O cura balançou desoladamente a cabeça. Ergueu os olhos e fixou as flores da roseira próxima. Não procurou consolar-me.

★

— A quem procura? O paizinho, nosso Príncipe Serge? Não está mais aqui.

— Eu quero vê-lo. Diga-lhe que sou eu, aquela a quem amava.

— Mas êle já não está mais aqui, garanto-lhe, minha filha. Êle a amava? Sim, é possível... Êle costumava amar a muitas, aqui, ali... costumava amar a muitas mulheres. Mas, dentre tôdas, é da mais velha, da mais exausta, que o seu cérebro guardará a maior lembrança. Mas êle se foi, minha filha, juro-lhe. Uma tardinha fomos encontrá-lo estendido entre as ervas como se estivesse morto. Quando voltou a si estava louco. Nem mesmo nos reconheceu.

Eu ouvia aquela narração, mas sòmente muito depois é que compreendi tudo.

— Mas... quer a senhora dizer, madame, que êle morreu?

— Ah! Que tivesse morrido, que tivesse morrido cem vêzes! Seria melhor...

Moveu a cabeça com indizível mágoa, mas seus olhos não puderam chorar.

— Levaram-no encerrado num carro fechado como uma jaula. Durante muito tempo eu corri atrás dêle a fim de levar-lhe sua caixa de música. Êle me havia pedido que, quando morresse, eu colocasse aquêle mimo em sua sepultura, ao seu lado. Mas... que podia eu fazer? Já estou velha, preciso ficar à beira do caminho, cansada... E lá está êle sòzinho, separado de todos... E fui eu quem o embalou em seu berço no belo castelo de nossa família... Ah! Meu querido! Êles o encerraram numa jaula, a êle, ao meu queridinho, que, ao meu lado, era mais doce do que um anjo!

E vendo-me chorar:

— Está chorando, minha filha? Peça a Deus que o tome em seu regaço. Seu pai morreu, seu irmão morreu, pois êles tinham o mesmo veneno no sangue. Ainda muito pequenino víamos quando êle caía sem nada dizer. Êle se feria a rolar sôbre os seixos, sujando as vestes de veludo. Depois ficava hirto, estirado, os olhos abertos cheios de lágrimas. Dava a impressão de que era um grande anjo morto, com os seus longos cabelos. Minha filha! Não é preciso chorar tanto assim. Veja! Êste mundo está cheio de misérias...

E regressei à fazendola.

★

Como nos demais dias, tudo era o mesmo naquele sítio tão meu conhecido. A charrete descansando sob as árvores do terreiro, e as ameixeiras em flor onde se escondiam os melros... Tudo igual como nos dias que se foram. Eu precisava trazer a cabra lá do pasto, para casa, bem como dar água à vaquinha, levando-a ao tanque. Eu tinha que retomar a minha vida como era ela desde criança, tão tranqüila e feliz, tôda perfumada com o odor dos primeiros pêssegos.

O feno cortado já enchia os campos, ao que se seguia a estação das colheitas, dos frutos e da limpeza do pasto. Um dia, à sombra das árvores, senti que alguém me tomava pelas espáduas e, debruçando-se sôbre mim, exclamava:

— Bertille! Minha Bertille! Já não tenho mais fôrças!

Nem eu tampouco. Eu também já não podia mais. Estava exausta. Perto de nós um cordeirinho suspira a dormir. Então eu me deixei ir. Beijos e soluços se misturaram.

. . . .

E aqui termina a história. Era uma velhinha, uma senhora já muito velha que me contava. Sua mão tôda enrugada tremia ao sustentar o bastão.

E eu a recopiei para você, Lois, que gosta de ouvir histórias de amôres tristes... — FIM —

O CARTAZ DA SEMANA



TITULARES DO RITMO

o conjunto vocal mais harmonioso do Brasil

ARTISTAS EXCLUSIVOS DA

RADIO BANDEIRANTES

a mais popular emissora paulista

CONVERSA DE MULHER

A MASSAGISTA



A massagista chega. São sete horas da manhã. A paciente dorme ainda. Conduzida pela empregada, a profissional abre maciamente a porta do quarto; dentro, a luz mal se filtra pelas cortinas cerradas sôbre a janela totalmente escancarada — fórmula matemática para entrar a maior quantidade possível de ar e menor de claridade.

— Bom-dia...

A voz é branda, em seu sotaque germânico. A massagista é jovem e impiedosa quando amassa, esfrega, ou surra.

— Rrrrhummmmm...

Réplica felina da mal desperta figura estendida de bruços no leito. A alemã já passou pelo banheiro e lavou as mãos, agora despe a saia e blusa e se mete no uniforme de trabalho. Enrola para um lado as cobertas, tira a camisola ou o pijama da sonolenta recalcitrante, enfia-lhe sob o corpo em todo o comprimento uma toalha. E põe a funcionar a máquina de pancadas e fricções científicas: são duas mãos carnudas e curtas.

● A vítima — assim se sente no momento, apesar de reconhecer os benefícios inestimáveis da massagem — tenta prosseguir no sono, mantendo cerradas as pálpebras. Mas a massagista está repleta de acontecimentos estranhos e explodirá se não os passar a outrem:

— A senhora sabe? A cachorrinha do Dr. Tomás «vai» morrer... E parece que é moléstia contagiosa. Já está há quinze dias doente, pode ter pegado no menino. Só agora é que souberam pelo veterinário.

A mulher vibra com as tragédias. Para ela, os detalhes mais impressionantes são insuficientes. Para a freguesa é diferente:

— Por favor... já lhe pedi, não me venha logo pela manhã com desgraças. E depois, estou com muito sono, quero ver se fico manhosando...

— Desculpe, mas estou com uma pena... «Olho», não diga nada, mas só acontece coisa ruim: o marido de D. Iêda foi à «boite» com aquela loura danada que dava em cima dêle...

Nenhuma resposta, nenhuma reclamação — último recurso para ver se é cortado o fluxo de palavras.

As frases passam a ser meramente funcionais:

— Vire para baixo... Agora, de lado. Não dobre a perna.

Os beliscões e socos untados de óleo iodado estalam. Apesar da surra, a amassada consegue uma aproximação de cochilo. Mas de repente, a outra não mais se contém:

— Que mancha roxa tão feia é essa?!

— Não é feia não senhora, foi a maçanêta da porta.

● Silêncio sôbre as ilações maliciosas brutalmente rompidas. Finalmente, termina a massagem.

E a massagista, carregando o seu mundo denso de preocupações, com as esquisitices e fatos da vida daquela gente diferente que serve, despede-se da freguesa chôcha — freguesa que trabalha também, que passa horas pondo a cabeça a andar no seu gênero de atividade profissional e depois, por impulso de ação ou por função adquirida nos menores aspectos de sua existência particular, que pela manhã quer descanso. E vai, ansiosa por se aliviar da pletora de dramas e escândalos, ainda que para depois se fartar de outros como uma gulosa, para a casa da próxima cliente, uma grã-fina que se acaba de jogar «pif-paf» até às 4 horas da madrugada, deita-se «morta» para dormir já com a luz do dia, sente-se tão exausta sempre que precisa que a criada lhe escolha a roupa e lhe dê tudo na mão, pede que as bandejas de refeições lhe sejam levadas na cama. Essa, gostará de fazer exercícios matinais de raciocínio e gastar os sentimentos com os problemas que a massagista apresenta, além de que a sua invencível bisbilhotice poderá colhêr material para as conversações que manterá com as amigas. — ISOLETTE





Num «cabaret» de JUAN LES PINS, onde a gente que sabe gozar a vida **vai todos os anos, organizam-se** festas interessantíssimas, como êste ori**ginal concurso de fantasias humorísticas**, do qual vemos dois concorrentes

As três Mangano em Paris, isto por si só valeria uma ida à Cidade-Luz. As três irmãs, Sylvana («Arroz Amargo», «Lôbo da Montanha», ó vocês sabem...) a radiosa estrêla do cinema italiano, que já estêve no Rio e agora está dando uma voltinha para gozar Paris. Vemo-las, as três lindas irmãs, bras dessus, bras dessous, flanando pela Avenida dos Champs Elysées, depois de haverem aderido também ao cabelo à «la homme». ←

Paris... Cinema... Cannes... e Colette!

Cannes, a famosa praia, que com Biarritz e outras de França, põe água na bôca da gente, vive no verão europeu dias inesquecíveis. De tôda a parte do mundo os mais felizes, os que podem, vão gozar a vida, tomar banho, divertir-se, jogar, esquecer que há aborrecimentos. E organizam-se festas do outro mundo, diversões de tôda ordem, como a escolha da Rainha de Cannes. A de 1952, eleita agora, e esta bailarina de dezessete anos, Luisa Chouisky. →





COLETTE, a grande escritora francesa, **por ocasião da apresentação do filme** sôbre sua vida. O diretor é **Bellon, aqui com a extraordinária** romancista, com Claire Maffei e **Alain Cunny, intérpretes do filme.**

ROTINA DE BELEZA

CHEGOU O CALOR



Os dias são agora quentes e é necessário que se trate de contrabalançar da melhor forma possível os malefícios que o calor possa trazer ao organismo. Em primeiro lugar, a alimentação deve ser cuidada: modificados os menus para que incluam menos calorias.

No verão, a sêde é boa conselheira. O sol forte divide as pessoas em duas categorias: as que suam e as que não suam. Todos, porém, terão sêde, sinal da desidratação profunda do corpo, sob o efeito do calor. Essa desidratação, que em alguns casos se manifesta por uma transpiração excessiva e em outros por uma evaporação menos aparente, pode atingir mais de três litros por dia. E' indispensável compensá-la bebendo água.

● **De fato, a água tem uma importância vital para o metabolismo, pois tôdas as trocas das quais nosso corpo é teatro se operam, nas células, em meio aquoso. Quanto mais água é retida pelos tecidos, tanto mais ativa é essa corrente de trocas. O corpo humano contém uma grande quantidade de água: 80% nos bebês, a quantidade de água diminuindo com a idade e não passando, nos velhos, cuja corrente de trocas é mínima, de 55%. Para permanecer jovem é necessário, a cada instante, compensar a evaporação por uma quantidade equivalente.— mas é necessário que essa água seja assimilada.**

As pesquisas dos cientistas demonstraram que as águas minerais gasosas naturais são as mais digeríveis — e portanto são muito indicadas para serem bebidas ao verão. O guarda-roupa de verão, mesmo o dos mais elegantes, pode agora ser organizado com sensatez, já que o algodão está em maior voga que a sêda e é muito mais arejado que esta, proporcionando uma evaporação mais fácil da transpiração.

Os exercícios físicos no verão devem ser moderados: é o tempo de seguir o conselho de Chauel, a grande costureira francesa, que costuma dizer que a melhor ginástica que ela conhece para as mulheres é um balanceio de rêde entre duas árvores em pleno ar livre.

● Outro ponto a considerar é a sesta — experiência e lição das populações dos países tropicais. No forte do calor, aquêles que tiverem oportunidade para um repouso em posição horizontal depois do almôço não devem desprezá-la. E não tenha pressa durante a estação quente: não corra, nem com o pensamento. Sempre que possível, inspire-se na imobilidade das fôlhas dos vegetais, que parecem parar no ar para não murcharem de agitação. O «maquillage» de verão deve ser leve e feito com produtos jamais gordurosos. No calor, os cuidados com a limpeza da pele e a freqüência dessa limpeza resultam em muito mais beleza que a superposição de cremes e pós para formar uma máscara que se derreteria com a elevação do termômetro.

À LUZ DA PSICANÁLISE

INTUIÇÃO

DR. LUIZ FRAGA

● Estou de pleno acôrdo com você, Maria Amália, no estudo que faz do ente humano. Poderíamos dizer com James: O espírito humano não tem nenhum poder de intuição universal. A sua limitação obriga-o a ver apenas duas ou três coisas duma vez. Você pergunta, a certa altura de sua carta:

— Por que não se deixa, o meu amigo, condenar pela glória de Deus?

— Terei que responder-lhe como o filósofo. Nunca, provàvelmente, seria respondida esta pergunta, na afirmativa, a não ser por aquêles que estejam certos, no mais íntimo de seus corações, que Deus lançaria a seu crédito, essa vontade e os recompensaria assim mais do que se nos seus planos insondáveis Êle não os tivesse, de modo nenhum, condenado.

● Tudo isto sôbre a impossibilidade do suicídio se diz na suposição de motivos positivos. Quando estamos possuídos pelas emoções de mêdo, estamos em estado de espírito negativo; isto é, o nosso desejo limita-se à mera expulsão de qualquer coisa, sem cuidar do que tomará o seu lugar. Neste estado de espírito, pode haver, inquestionàvelmente, pensamentos genuínos e atos genuínos de suicídio espiritual e social, assim como corporal. Qualquer coisa, em tais momentos, de modo a fugir e a não ser. A evolução social é uma resultante da interação de dois fatôres inteiramente distintos: o indivíduo, derivando os seus dotes peculiares do jôgo das fôrças fisiológicas e infra-sociais, mas trazendo em suas mãos todo o poder de iniciativa e de criação; e segundo, o ambiente social, com o seu poder de adotar ou regeitar tanto a êle como aos seus dotes. Ambos os fatôres são essenciais à mudança. O impulso morre sem a simpatia da comunidade.

● Há uma concepção inteiramente vaga e não científica quando a história nega a importância vital da iniciativa do indivíduo. A isto W. James chama de regresso do determinismo científico moderno ao mais antigo fatalismo oriental e diz que a própria resistência obstinada do conservador reacionário às mudanças, que êle não pode derrotar completamente, justifica-se e mostra-se eficiente. Êle retarda o movimento; desvia-o um pouco pelas concessões que lhe arranca; disso promana uma fôrça resultante, composta da sua inércia e da velocidade do seu adversário.

AMARALINA

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JÁ SE ENCONTRA A VENDA EM TÔDAS AS FARMACIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NÃO EXISTE NA SUA CIDADE, NÃO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "AMARALINA" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"AMARALINA", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARÃO A NASCER. NA PARALISAÇÃO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINARIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

O GENERAL...

(Cont. da pág. 23)

Quando o retrato ficou pronto, ambos estavam apaixonados. O general vi[illegible] sobrecarregado de ocupações, e el[illegible] procurava [illegible] provas de deli[illegible] pois conhecia a sua c[illegible] perdido a espôsa e [illegible] filhos num incêndio. q[illegible] [illegible] salvara.

[illegible] o assunto não era muito divulga[illegible]. Quando ela confiou o seu segr[illegible] a [illegible] amiga americana resi[illegible] em Paris, esta não a iludiu:

— Micheline, você não sabe o que está fazendo. Quando a guerra terminar o [illegible] regressa ao seu país e tudo estará acabado para sempre.

— Êle [illegible] seguirei — respondeu ela [illegible] firmeza, e acrescentou: e o des[illegible] po[illegible]

— [illegible] possível. Êle é um homem de [illegible] sessenta anos, e você uma cr[illegible]

— [illegible] jurei que não me separ[illegible] dele.

[illegible] foi assinado o armistício, o [illegible] a hora de voltar aos Estados Unidos. Procurou Micheline pa[illegible] palestra.

— [illegible] quer casar-se comigo? Já re[illegible] nossa diferença de idade [illegible] eu posso ser o seu pai?

— [illegible] isso? — Responde ela cad[illegible] obstinada. — Sei que vã[illegible] uma aventureira, que só [illegible] para partilhar de sua gl[illegible]

— [illegible] está assim resolvida, casemo-nos [illegible] — Disse Pershing impetuosamente. — Veremos, então o que vão dizer tôdas essas gentes.

Micheline, porém, o deteve:

— Não. Não nos casemos assim imediatamente. Esperemos um pouco.

Quando se realiza a grande parada da [illegible], ela recusa aparecer ao seu lado [illegible] tribuna de honra. Contenta-se [illegible] seu grande soldado, assistindo ao desfile de uma janela dos Campos Elíseos.

Depois da solenidade, êle vai falar-lhe [illegible] olhos faiscantes de júbilo:

— [illegible] você, Micheline, como ela est[illegible] [illegible] que porte! Que bel[illegible] Que beleza! E a vestimen[illegible]

Vendo êle que a moça estava estupefata e já com ciúmes, êle desata a rir e explica:

— Eu sou um soldado, querida amiga, e lhe falo de minha montada!

Veio o dia de voltar à pátria. O general partiu só. Sòmente alguns meses mais tarde é que ela foi juntar-se a êle. Em Nova York levava uma vida discreta, apagada. Pouco a pouco foi-se libertando da idéia de casar-se com êle. Ela temia que o criticassem, que rissem dêle.

— Não quero, por preço nenhum, comprometer sua reputação. Além disso, você tem seu filho...

Pershing era de opinião diferente. Achava que, se não se casassem, iam-s[e] mortificar inùtilmente.

Não casaram. Quando Pershing voltou a Paris para assistir à conferência da Paz, ela o acompanhou. Sempre se recusou a aparecer ao seu lado nas recepções que ofereciam ao general. Como dantes, ela o esperava em sua residência da rua Desrenaudes.

Mais uma vez êle volta aos Estados Unidos. Ela se muda para outra casa, mas fica em Paris. O general, volta à Europa e vai fazer uma estação de cura em Karlsbad, e lhe consagra algumas semanas. Estava êle com 66 janeiros bem puxados. Mas era jovial como um rapaz de vinte anos. Êle insistia em casar-se; mas Micheline não concordava. Se ela adivinhasse que êle ainda iria viver vinte e dois anos, talvez que esta história terminasse de outra forma.

E quando o grande cabo-de-guerra foi para o hospital de Washington, todos os dias vinha visitá-lo e recordar com êle os velhos tempos de Paris ao tempo da primeira grande guerra. Micheline passou a ser conhecida pelo nome de «A dama misteriosa do Soreham», por causa do nome do hotel em que se hospedara. Ela se manteve anônima, sem permitir que o seu herói caísse na detração pública, no mexerico dos faladores. Quando êle fechou os olhos para sempre, ela sentiu uma dor profunda, como se fôsse ela mesma que houvesse morrido para o mundo. Perdera o espôso com quem sonhara, mas havia conseguido poupá-lo à maledicência. Fôra uma heroína.

VENENO NAS VEIAS

— [illegible] querida, Barney estêve aqui hoje. [illegible] que você não o convidou para [illegible] «cock-tail»? Sei que êle viria com [illegible]zer.

Ad[illegible] voltou as costas para o marido. David e Helen estavam embaraçados, sem saber o que dizer, mas Fitz prosseguiu:

— Tenho almoçado com Barney várias vêzes esta semana... E quanto a Rachel há muitos anos está afastada de você.

— Você, seu idiota! — Gritou Adela sem poder controlar-se.

— Não sejamos descorteses. Já que metemos Mr. Magee nisto devemos fazer alguma coisa por êle.

E, tirando um caderninho do bôlso, anotou algo e prometeu falar com Barney no dia seguinte, ao que David protestou:

— Por [illegible] não se incomode, Mr. Fitzjames.

Adela [illegible] frente à janela, olhando para [illegible] furiosa, parecia uma belíssima máscara do mal. Tôda aquela expressão de inocência havia desaparecido. Helen pensou: «Agora David sabe [illegible] sob o véu maravilhoso da [illegible] beleza». David levantou-se e falou:

— [illegible] que é melhor nós irmos embora, [illegible] devem estar querendo ficar à vontade... e nós também, na verdade.

— Aprecio a sua sinceridade. — Respondeu Fitz reconhecido e voltando-se para a espôsa: — Adela, Mr. Magee e a senhora já vão.

Adela nem se voltou e nada disse e então Fitzjames conduziu-os até à porta. Helen e David iam em silêncio, ela com vontade de chorar com pena do marido e de todos enfim e David principalmente havia sido humilhado.

— Meu destino é amar e possuir as coisas belas, Mr. Magee. Só lamento não poder guardar «tôdas» em vitrinas de vidro. Seria mais seguro. E' tão penoso reconstituí-las quando se destroçam...

Já na rua, Helen apertou o passo para alcançar David, que caminhava apressado, sem falar, rubro de ódio.

— David, querido, não fique assim. Isto não tem importância.

— Não tem importância? Que idéia terá êste homem de mim? E ela que pensou que eu fôsse? Um gigolô?

— Ninguém pensou nada, querido.

— Não ia haver «cocktail» algum. Ela planejou ficarmos nós dois sòzinhos, enquanto o marido estaria no clube.

— Não, querido, senão você não teria pensado em me levar...

— Bem, isso é; mas os amigos dela todos deviam saber e estar rindo de mim todo o tempo. Jamais voltarei a escrever peças.

— Não diga isso, meu bem, você subirá sòzinho, pelo seu talento.

Quando chegaram em casa havia uma carta esperando; uma carta da Barney informando que, embora tivesse aprovado a peça há seis meses atrás só agora conseguira contratar Rachel Eldon para o papel e que, portanto, David procurasse comunicar-se com êle para combinarem tudo, porque a peça iria à cena muito breve.

Helen nem terminou de ler a carta e, olhando para David, feliz e emocionada lembrou:

— Há seis meses atrás eu ainda não tinha encontrado Adela. Você venceu sòzinho, querido, só pelo talento. Sem pistolões.

— Oh! Helen. — Foi tudo que David disse.

E abraçados e felizes, com uma nuvem dourada a envolvê-los, entraram tranqüilamente em casa.

(Cont. do número anterior)

ALBUM DE
a Cena Muda
PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. Muitas páginas coloridas embelezam, extraordinàriamente, esta edição do "Album". Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

Preço Cr$ 25,00



COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA - RUA MARANGUAPE, 15 - RIO

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ BISCUIT

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a marca BISCUIT)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar

SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

NO CONGRESSO...

(Cont. da pág. 13)

as misérias de sua gente, abandonada dos governos estadual e federal, que carecia de maior ajuda, maior reconhecimento.

Entre êstes, encontramos Ondino Laredo, prefeito de São Paulo de Olivença, pequeno município amazonense situado às margens do rio Solimões, que nos contou coisas impossíveis. Naquela região, onde há centenas de municípios, o contrabando é «legal». Navios colombianos e peruanos entram e saem de território brasileiro como e quando querem, por falta de fiscalização e vendem, a preços inferiores aos do Brasil inúmeros produtos necessários à subsistência das populações ribeirinhas. Dentre êstes, vamos encontrar o combustível, açúcar, café, leite condensado, roupas, tecidos, calçados, etc. E, quando êsses barcos regressam às suas bases o fazem com os porões abarrotados de borracha e outros produtos nacionais, desviados às vistas das autoridades impotentes. Porém, êsses «contrabandistas» são considerados amigos dos brasileiros, mais amigos que o nosso próprio govêrno, pois a criança brasileira estudo nas escolas peruanas e colombianas; as famílias são tratadas pelos médicos dos postos de fronteira, porquanto, em território brasileiro, não há qualquer espécie de assistência social.

Outro caso digno de nota é o do jovem representante de Eirunepé, um pedacinho de Brasil encravado ao lado do Território do Acre, onde não há nada, a não ser miséria. Falta tudo em Eirunepé, inclusive a atenção dos nossos governantes, que, talvez, pensem que êsse é o nome de alguma cidade estrangeira, como disse seu representante, Vinícius Monteconrado Gomes. Eirunepé tem 20 mil habitantes, espalhados pelas selvas, sem qualquer espécie de auxílio, vivendo ao sabor da própria sorte e, nas mesmas condições estão outros municípios amazonenses, como Benjamin Constant, Santo Antônio do Içá, etc.

Êsses casos não chegaram a provocar tumulto no plenário. Primeiro, porque não vinham lastrados de nada a não ser sinceridade; segundo, porque muitos não puderam ser apreciados devidamente. Vinícius Monteconrado, por exemplo, enviou sua tese dois meses antes do certame e ela não chegou. Êle levou trinta dias só para descer o rio Amazonas, até Manaus e, chegando em S. Vicente, declarou-se decepcionado com o congresso.

A FÔRÇA RESIDE NO INTERCÂMBIO

Porém, a despeito da confusão reinante, não podemos negar que o certame teve seu valor. Foi, na pior das hipóteses, a oportunidade de centenas de homens trocarem idéias, particularmente, sôbre as dificuldades de seus municípios. Houve política barata, gritaria, mas os homens simples do interior, os moços valentes dos sertões, vindos de tôdas as direções, souberam se impor. As manobras que poderiam manchar o congresso não passaram de esboços. As teses de jôgo foram impugnadas nas comissões técnicas e os jogos políticos apagados pela consciência da maioria.

Um grupo tentou fundar o partido Municipalista Brasileiro, outro quis endeusar um político. O primeiro, que, conforme carta aberta distribuída, pretendia unir os municipalistas, formando uma nova legenda, foram ignorados, e o segundo sufocado pela revolta geral.

Foram oito dias. Oito dias duros, com sessões pela manhã, tarde e à noite, que culminaram com um domingo de folga. Era dia 19 e, à noite, foi encerrado o congresso. O próximo será em Recife, novos problemas serão levantados, novos casos criados, mas, no fundo, o movimento municipalista, com todos os defeitos das coisas que são iniciadas, melhorará, conforme opinião externada ao repórter por dezenas de congressistas que haviam participado da reunião de Petrópolis, há dois anos.

Muita gente ficou triste e, especialmente, os que queriam aprovadas as teses pró jôgo livre. Os prefeitos das localidades pobres voltaram com mais esperanças e os de cidades ricas com grande experiência, sabendo, sem dúvida, avaliar melhor os defeitos de seus governos, levando-se em conta os meios pecuniários com que contam. São Vicente foi, com todos os seus erros, com todos os seus defeitos, a arena de lutas limpas, democráticas que, pelo menos, demonstraram já estarmos capacitados a usar a democracia que, a tanto custo, conseguimos.

CONTA-ME TEUS...

(Cont. da pág. 22)

seu carinho, com seu exemplo e abnegação, que conquistar (comparar) as almas dos que a rodeiam e ajudá-las a se bastarem a si próprias e a serem úteis aos demais. Além disso, nossos sonhos são da mesma natureza daquilo com que lastramos o nosso subconsciente ou alma. Daí se infere que você se preocupa com o bem comum e procura auxiliar a todos os seus amigos, dando-lhes a mais pura essência do seu Eu (rosas).

OS "CANBERRA"...

(Cont. da pág. 57)

e mais tarde em Eastchurch, de cujos aeródromos se organizaram ataques aos portos da França ocupada. Regressou a Binbrook em outubro, e Boulogne e Calais voltaram a ser atacadas.

Em abril de 1941, equipada com «Wellingtons», levou a cabo um violento ataque às docas de Emden, e no mesmo mês efetuou bombardeamentos contra Rotterdam, Kiel e Wilhelmshaven. Em maio, atacaram-se Manheim e Calais, e em julho bombardearam-se violentamente Lorient e Brest. O mês de agôsto principiou com ataques a Berlim e Cherburgo e no decurso do mês crivaram-se de bombas Duisberg, Berlim e Hanover. Os ataques a Berlim prosseguiram e em 12 de fevereiro de 1942 atacou-se, à luz do dia, a Esquadra Alemã no Mar do Norte. Em 30 de maio, a Esquadrilha Nº 12 contribuiu com 28 aviões para o primeiro «raid» por 1.000 bombardeiros a Colônia.

Êste bombardeamento intensivo das áreas industriais da Alemanha e também da Itália e da França

(Cont. na pág. 50)

TRAGÉDIA FEMININA

E' tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão freqüentes e torturantes que um célebre autor deu a uma obra sua a respeito êste título sugestivo: «A TRAGÉDIA BIOLÓGICA DA MULHER». Sim, a tragédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações de tôda ordem, dores, mau estar, nervosismo, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora: não permita que sua vida se transforme em tal tragédia: A ciência colocou ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, porque é fabricado de acôrdo com a natureza dêles — Regulador Xavier — O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas conseqüências. O Regulador Xavier nº 2 na falta ou diminuição de regras e suas conseqüências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2 de acôrdo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde e viva alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.

HEMORRÓIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

HEMO-VIRTUS

VARIZES: FRICCIONE A POMADA NAS VARIZES E TOME O LÍQUIDO.

HEMORRÓIDAS: TOME O LÍQUIDO E APLIQUE A POMADA NO LOCAL

USAR DURANTE TRÊS MESES.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica, da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.





O DERBY DOS CAMONDONGOS

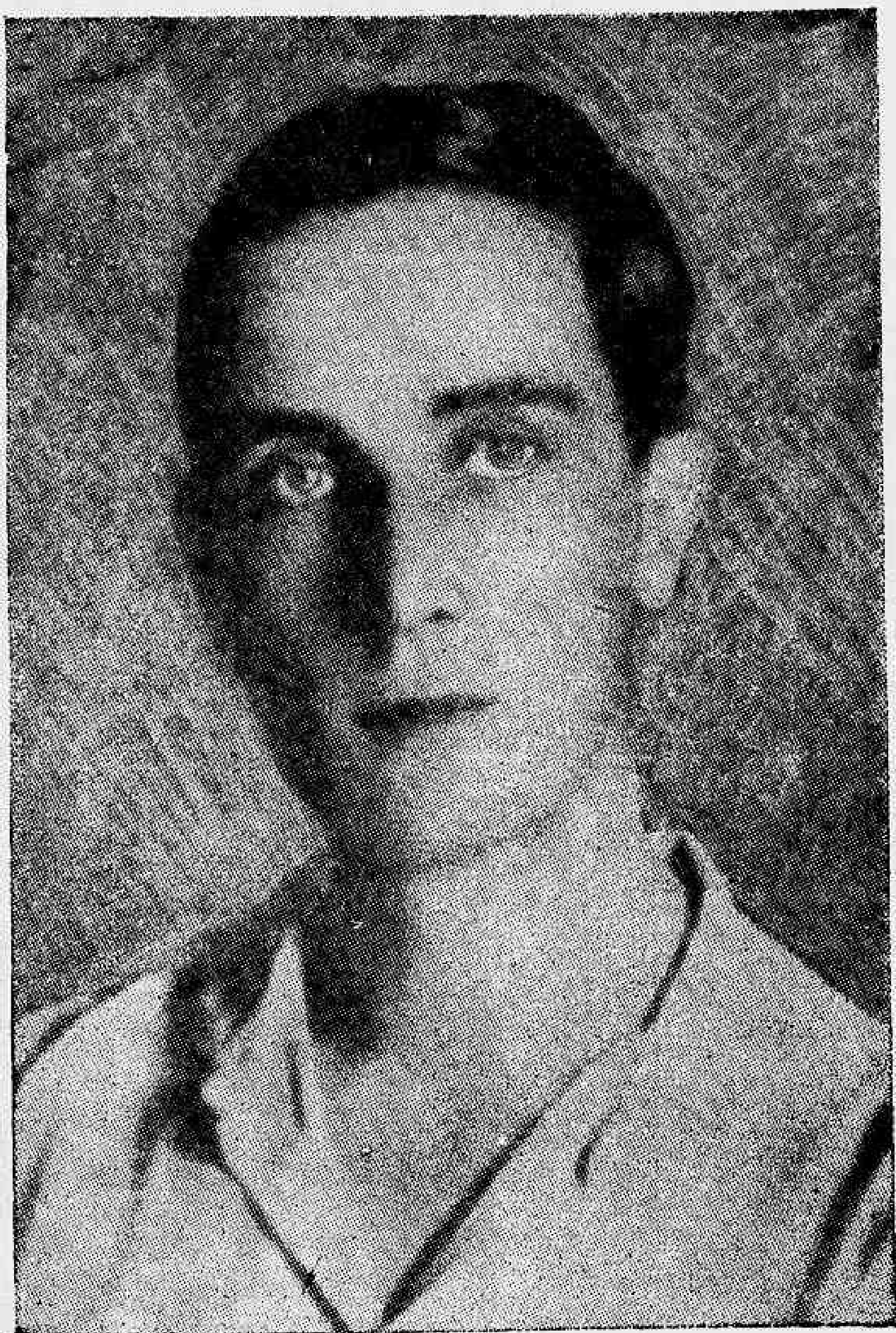
TEMOS aqui uma novidade para acabar com o mêdo dos ratos entre as mulheres: um ratódromo! Nada melhor para tirar o nervoso de uma senhorita quando vê um ratinho a passear em seu dormitório, do que levá-la a uma corrida de camondongos como esta do casal Bill Lee, residente em Londres. Há grandes apostas, cada jogador escolhendo seus favoritos. O caso não pode deixar de atrair as atenções de nossas elegantes da zona sul, e não se admire o leitor se, dentro em pouco, tivermos também ratos «puro-sangue» a servir de grandes atrações sociais em confortáveis ratódromos em Copacabana e adjacências...



Buch, Abe, Percy, Lulu, Ernie, Wally, Bertie, Susie, etc., depois de colocados no «box» de partida, saíram! Lá vão êles! A torcida é grande. Um apostador — como o leitor pode observar pela fotografia que estampamos — rói as unhas, nervoso. Susie venceu por cabeça!. .

SENSACIONAL!

REVISTA DA SEMANA começará a publicar, a partir do próximo número, uma das mais atraentes e curiosas obras da literatura contemporânea.



Príncipe FELIX YUSSUPOFF

AS MEMÓRIAS DO PRÍNCIPE YUSSUPOFF

AS MEMÓRIAS DO PRÍNCIPE YUSSUPOFF, alta personagem russa dos tempos do Czar Nicolau. Conta-nos êle tôda a sua vida, entrosada com a de todos os membros da Família Imperial, do célebre Rasputin, intrigas de gabinete, choques de interêsses, destacando-se dêsse panorama as várias guerras em que o país se empenhou, até à derrocada geral de 1917, com a paz de Brest-Litovsk, a revolução bolchevista e o exílio. Relato fiel e escrito desapaixonadamente, as páginas das MEMÓRIAS do Príncipe que matou Rasputin empolgam pelo estilo e veracidade dos fatos históricos.

★

SENSACIONAL!

OS "CANBERRA"...

(Cont. da pág. 48)

ocupada continuou até meados de 1944, em que os objetivos passaram a ser as comunicações do Norte da França e da Alemanha. Atacaram-se novamente os portos alemães e, nos princípios de 1945, bombardeou-se o Vale do Reno e levaram-se a cabo ataques à luz do dia, para destruir as pontes de Colônia. No fim de abril de 1945 a Esquadrilha Nº 12 dedicava-se ao transporte de prisioneiros de guerra, de regresso à Pátria, e em maio lançava abastecimentos sôbre a Holanda e a Bélgica libertadas.

A Esquadrilha é conhecida na Real Fôrça Aérea por «The Shiny Twelth» (A Reluzente Doze), por causa dos Fairey Foxes (bombardeiros diurnos, de dois lugares), completamente metálicos, com que em dada altura estava equipada. A sua divisa é «Leads the field» (Marcha na Vanguarda).

QUEM E' O VICE-MARECHAL DO AR D. A. BOYLE

O Vice-Marechal do Ar Dermont Alexander Boyle tem tido vasta experiência na aviação de propulsão por jacto, tanto em aparelhos «Canberra» como «Meteor».

Em 25 de setembro conduziu um bombardeiro «Canberra» da base da RAF, em Binbrook, condado de Lincolnshire, à Ilha de Malta e regressou, em 6 horas e 5 minutos, tempo de vôo, à velocidade de 485 milhas por hora, no percurso de 2.914 milhas traçado para a viagem.

O Vice-Marechal Boyle é Comandante do Grupo Nº 1 do Comando de Bombardeiros desde 5 de abril de 1951, tendo anteriormente prestado serviços no Ministério da Aviação da Grã-Bretanha desde julho de 1948, primeiramente como Diretor-Geral do Pessoal, durante um ano, e depois como Diretor-Geral de Equipagens.

Serviu no Comando de Bombardeiros durante parte da guerra, entrando para o Quartel General daquele Comando, como oficial de estado-maior do ar em junho de 1940, ao regressar de França, onde servira também como oficial de estado-maior no Quartel General das Fôrças Aéreas de Ataque Avançadas. Mais tarde, comandou a Esquadrilha de Bombardeamento Nº 83, em Scampton, Lincolnshire, até os princípios de 1941, altura em que foi nomeado Secretário Assistente da Comissão da Defesa Imperial. Em janeiro de 1942 assumiu o comando da base de bombardeiros de Stradishall, Suffolk, e mais tarde as funções de Primeiro Oficial do Ar do Grupo de Bombardeiros Nº 6, em Abingdon, Berks. Desempenhou o mesmo cargo junto do Grupo Nº 83 da Segunda Fôrça Aérea Tática, desde maio a abril de 1945, e depois comandou o Grupo Nº 85 da mesma unidade, pelo espaço de três meses. Em julho de 1945 passou a A.O.C. do Grupo Nº 11 do Comando de Caças e depois de tirar o curso de 1946 no Imperial Defense College foi Comandante Assistente do Colégio de Oficiais da Real Fôrça Aérea, em Bracknell, durante 18 meses, antes de ir para o Ministério da Aviação.

Nascido em Durrow, Abbeyleix, Queen's Co., Irlanda, em outubro de 1904, o Vice-Marechal do Ar Boyle foi educado no St. Columba's College, Co. Dublin, e no Royal Air Force College, em Cranwell. Antes da guerra, foi instrutor aéreo chefe em Cranwell por um período de dois anos. Em 1943-44 assumiu as funções de A.C.D. junto do Rei Jorge VI.

Respostas ao teste

1—Trezentos
2—Morreria queimada
3—Do solo
4—Suíça
5—A vermelha
6—Para a caça de coelhos
7—Paralisia do pulmão
8—Salitre do Chile
9—Signo do Zodíaco
10—Gêlha
11—Peixe do S. Francisco
12—Mata de carvalhos
13—Dor no nariz
14—Sem habitação certa
15—Um dos mais importantes.



ARABELLE, a ultima sereia



A melodia cantada por Arabelle enche todo o hotel, e ela só deixa de cantar quando aparece Mister Bimbleton, completamente afobado.

— Você já não é mais sereia, mas seu cantar é sempre muito perigoso a quem ouve, e pode semear a perturbação por todo canto.

— Você deve, Arabelle, deixar de contar de agora em diante. — Mas... como poderei viver sem cantar? — lamenta-se a jovem.

— Um cavalheiro que está no «hall» deseja vê-la, Mademoiselle, anuncia o mensageiro do hotel. Arabelle se enche de curiosidade.



Leu o cartão: — Vou vestir-me ràpidamente! E' o Senhor Hector de Branchetaille... E' o belo desconhecido que me ofereceu a seronata.

— Tenho muito receio que esta menina me meta em «camisas de onze varas», murmurou consigo Bimbleton, deixando os aposentos dela.

Logo que avistou o visitante, Arabelle não se conteve de emoção e murmurou: Sim, é êle, eu o reconheço... — e desceu até ao «hall».

— Mademoiselle, eu lhe apresento minhas homenagens e peço desculpas por vir incomodá-la; mas tenho um favor a pedir-lhe agora.



— Mademoiselle, poderia dar-me a honra de comparecer ao baile que ofereço esta noite em nossa «vila»? Ao vê-la na praia...

— Preciso pedir permissão a meu pai, mas penso que concordará. — Então virei buscá-la às dezenove horas, esta noite E mil graças...

— Pois não, minha queridinha, não vejo nenhum inconveniente. Depois do almôço vamos escolher o seu vestido para o baile desta noite.

— Oh! Obrigada, Harry! Estou felicíssima, loucamente feliz! — Arabelle estava nadando em sonhos! Conseguia o que jamais imaginara...



— Eu acho êste aqui uma maravilha. E você, papai, não o acha uma beleza? — Gostou dêle, filhinha? Então pode mandar levá-lo ao hotel...

E a noite veio.. O bom Bimbleton lhe recomendou: — «Não passe de meia-noite, sim?» — «Não me esquecerei, Harry! Serei pontual ..»

— Mademoiselle, meu automóvel a espera. Estou certo de que a senhorita será a mais fascinante de tôdas as mulheres presentes ao baile.

— Sua «vila» fica muito distante daqui? — Indagou a jovem. — — Oh! Não... não fica muito longe daqui. Num instante estaremos lá.

Desenhos de JEAN ACHE

História de VANIA LAUREL

FILHO, MEU FILHO

Texto e cenário de GUIDO MARTINA

PERSONAGENS:

JEAN	RENATO SCANZINI
MARIO	FRANCO FABRIZZI
ZAIRA	LUIZA ALLIANI
SOLANGE	LICIA NAPPO
DUPUIS	MAKIMO ALTAVILLA
JOANA	NIETTA ZOCCHI

CAPÍTULO 20 (Resumo da parte já publicada)

No circo os aguardava uma grande decepção. O menino havia saído com Mário para sua casa. Uma desgraça parecia ter sucedido. A ausência de Zaira começa a ser notada com certa apreensão, juntamente com o desaparecimento de Mário e de Jean. Foram ao Comissário. Mas lá já havia a denúncia do doutor Skalski. Os três fugitivos caíram nas garras da polícia. Zaira faz tudo para ver se tira o seu adorado Mário daquela séria complicação. Géo e Solange, mais do que nunca, se interessam pela sorte dos desventurados. O que aconteceria com Mário?

MÁRIO E JEAN SÃO LEVADOS À PRESENÇA DOS DUPUIS...













MAS NÃO HÁ NENHUMA PROVA A FAVOR DE MÁRIO QUE É METIDO NA PRISÃO. ZAIRA ESTÁ DETIDA TAMBÉM. SOLANGE OBTEM PERMISSÃO PARA CUIDAR DA CRIANÇA QUE FICARA ABANDONADA











SIM... VOLTARÁ! MAS VOCE DEVE SE LEMBRAR DO QUE LHE DISSE MARIO QUANDO OS VI AJOLHADOS!

QUAIS ERAM, QUERIDO QUAIS? REPITA-AS SE AINDA SE RECORDA..

FEZ ME DIZER PALAVRAS QUE NÃO COMPREENDO... NUNCA OUVI NINGUEM DIZÊ-LAS...

QUAIS ERAM AS PALAVRAS QUE MARIO LHE HAVIA DITO? JEAN DA TRATOS Á MEMÓRIA, DEPOIS REPETE DEVAGAR...

..."DAI-LHE SENHOR O DESCANSO... ETERNO. NÃO ME LEMBRO MAIS...

A ORAÇÃO DOS MORTOS... QUER DIZER QUE SUA MAMÃE... ESTAVA NAQUELE "ABRIGO"... MÁRIO NÃO LHE DISSE COMO ELA ERA? NUNCA LHE DESCREVEU?...

MARIO E CONDUZIDO NOVAMENTE, A PRESENÇA DO COMISSÁRIO.

JURO PELA MINHA HONRA; ESTAVA EM VARSÓVIA NO "ABRIGO" DA PARÇA PILSUDSKI

TENENTE LOBOWSKI, DA SUA PALAVRA DE HONRA DE QUE NO DIA DA QUEDA DE VARSÓVIA ESTAVA NA CIDADE, ENQUANTO NÓS ESTAMOS CERTOS DE QUE SE ENCONTRAVA JÁ EM BRWINOW

ADMITIDO QUE SEJA VERDADE, PODERIA SE RECORDAR COM EXATIDÃO E NOS DESCREVER A SENHORA DE QUEM SALVOU ESTA CRIANÇA?

SIM, ERA JOVEM, TINHA OS CABELOS NEGROS E O NARIZ AFILADO.

SIM, VAMOS TER COM MÁRIO! É UMA ESPERANÇA ABSURDA, EU SEI, MAS NÃO DEVEMOS TRANSCURAR NENHUMA TENTATIVA!

SOLANGE, NÃO ATORMENTE O GARÔTO COM TANTAS PERGUNTAS; VOLTEMOS AO COMISSÁRIO, PEÇAMOS LHE QUE NOS DEIXE INTERROGAR MÁRIO; ÊLE NOS PODERÁ INFORMAR EXATAMENTE QUE DESEJAMOS

ARRIMADOS NESTA ABSURDA ESPERANÇA OS PAIS DE JEAN VOLTAM AO COMISSARIO...

SEGUNDO A SENHORA, ESTA CRIANÇA SERIA SEU FILHO, E A MULHER QUE O LEVOU AO ABRIGO ERA SUA AMA-DE-LEITE?

É O QUE ESPERAMOS DE TODO CORAÇÃO, SR. COMISSÁRIO. DEVEMOS INTERROGAR MÁRIO! FAZÊ-LO DESCREVER AQUELA MULHER!

DESPREZANDO AS RECOMENDAÇÕES DO COMISSÁRIO, SOLANGE DIRIGE-SE FEBRILMENTE A MÁRIO PARA SABER... MAIS AINDA!

E MARIA! E MARIA! FOI QUEM O LEVOU! E O QUE DIZIA?

CANTAVA A CANÇÃO DE NINAR COM PALAVRAS ESTRANHAS...

O MEU CANTO DE NINAR... EU SEI CANTAR... MARIO ME ENSINOU!

UM INSTANTE, MADAME: DEIXE QUE O TENENTE ME RESPONDA: PORQUE DIZ QUE AS PALAVRAS DAQUELA CANÇÃO ERAM ESTRANHAS?

PORQUE NÃO ERAM OS VERSOS ORIGINAIS; EU CONHEÇO BEM A CANÇÃO DE NINAR DE BRAHMS... MAS AS PALAVRAS QUE AQUELA MULHER CANTAVA ERAM OUTRAS!

MANDAREI VIR: DIZ QUE SE TRATAVA DE UMA JOVEM SENHORA DE ASPECTO MUITO DISTINTO, VESTIDA DE LUTO. NÃO CREIO, PORÉM, QUE SEJA A AMA-DE-LEITE!

MAS MARIA NÃO ERA UMA MULHER DO POVO! PERTENCIA A UMA BOA FAMÍLIA DECAÍDA. E NÓS A RECEBEMOS EM CASA DEPOIS DA MORTE DO MARIDO

ERA JOVEM E ESTAVA DE LUTO... COMO A MULHER A QUE SE REFERIU MÁRIO!

VAMOS INTERROGÁ-LO PARA SATISFAZÊ-LOS; ESTOU CERTO PORÉM QUE NUNCA ESTEVE NAQUELE "ABRIGO". PEÇO-LHE, APENAS ESTEJA AQUI QUE EU LHE FALE A SÓS! É MUITO ASTUTO E PODERIA VALER-SE DE ALGUMA INDISCREÇÃO PARA NOS ENGANAR COM NOVAS INVENCIONICES...

DIGA VOCÊ, GARÔTO!...

DORME, DORME FILHINHO... ANGINHO INOCENTE, DORME QUERIDINHO."

SÃO ESTAS E NINGUEM PODIA CONHECÊ-LAS SENÃO MARIA! EU AS INVENTEI PARA O MEU JEAN 'PARA O MEU FILHINHO!

TENENTE, RECORDA-SE DE OUTRAS PARTICULARIDADES QUE POSSAM IDENTIFICAR ESSE MENINO?

SIM... TINHA UMA MEDALHINHA DE SANTA TEREZINHA DO MENINO JESUS NO PESCOÇO COM UMA INSCRIÇÃO EM FRANCÊS "SOUVENIR DE LISIEUX"

ERA A MEDALHINHA QUE MEU PAI DERA A JEAN! UMA ANTIGA LEMBRANÇA DE FAMÍLIA!

FILHO!... MEU FILHO ADORADO... EU SOU SUA MAMÃE!



NA SEMANA DA ASA

O «CANBERRA» — capitânia — vai pousar em terra carioca. Minutos depois estava tôda esquadrilha na pista da Base Aérea do Galeão. Uma multidão de curiosos, ávida de conhecer os modernos aviões a jacto, e as altas autoridades de nossa Fôrça Aeronáutica os aguardavam.

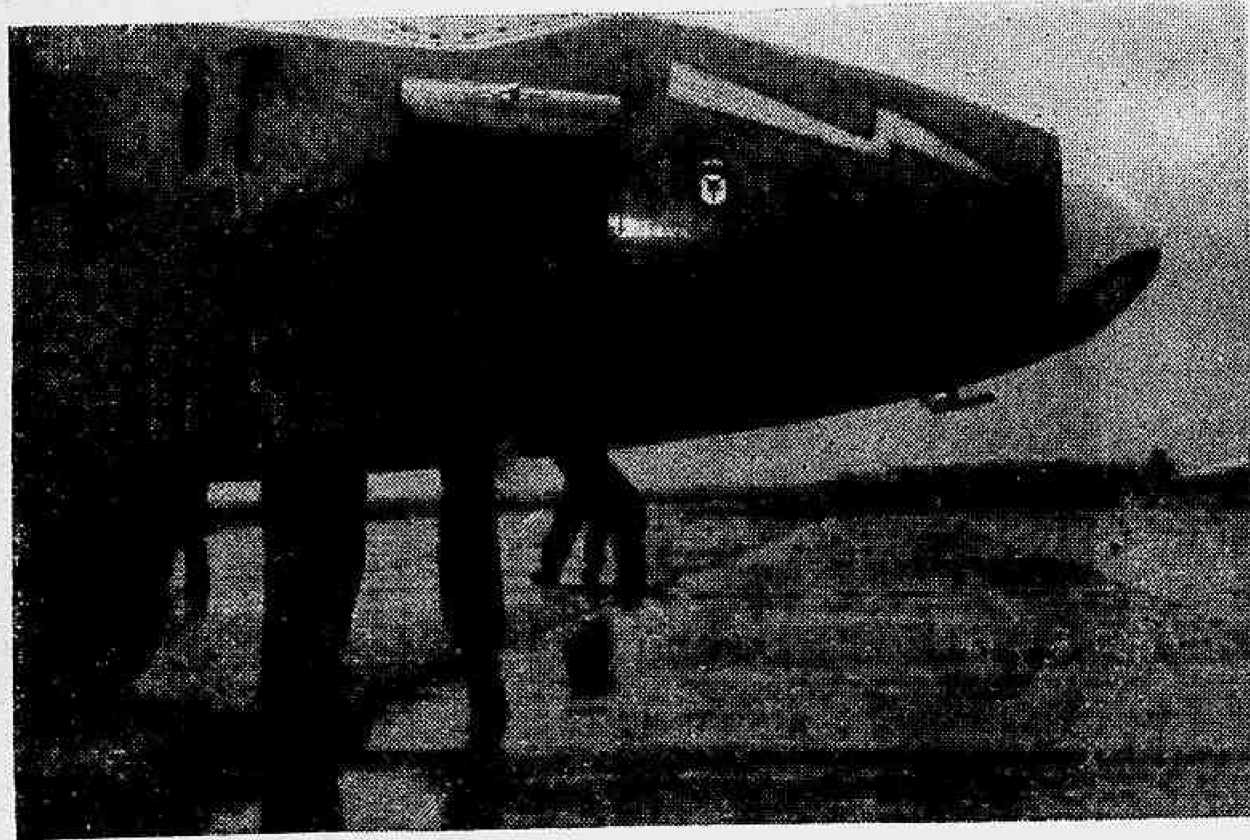
OS "CANBERRA" NO RIO!

UMA ESQUADRILHA DE AVIÕES A JACTO VEM DA INGLATERRA HOMENAGEAR O BRASIL ★ VOANDO A QUASE 1.000 QUILÔMETROS POR HORA DE LONDRES AO RIO DE JANEIRO ★ O CAMBERRA E A "RAF" ★ UM DEMOLIDOR DE RECORDES ★ DAKAR-RECIFE EM 4 HS. E 19 MINUTOS! ★ SAUDAÇÃO DO VICE-MARECHAL DO AR D. A. BOYLE

JAMAIS a humanidade em sua história deixará de render homenagens àqueles que um dia, como Santos Dumont e os irmãos Wright, sonharam poder vencer as maiores distâncias com um mínimo de tempo e conseguiram voar!

Depois dêsses pioneiros a pesquisa e a técnica devotaram-se à máquina voadora. A evolução foi vertiginosa e hoje vemos aviões que, silvando, riscam os ares com velocidades espantosas, transpondo continentes em poucas horas.

Agora, os técnicos criaram algo novo como meio motriz. Uma nova

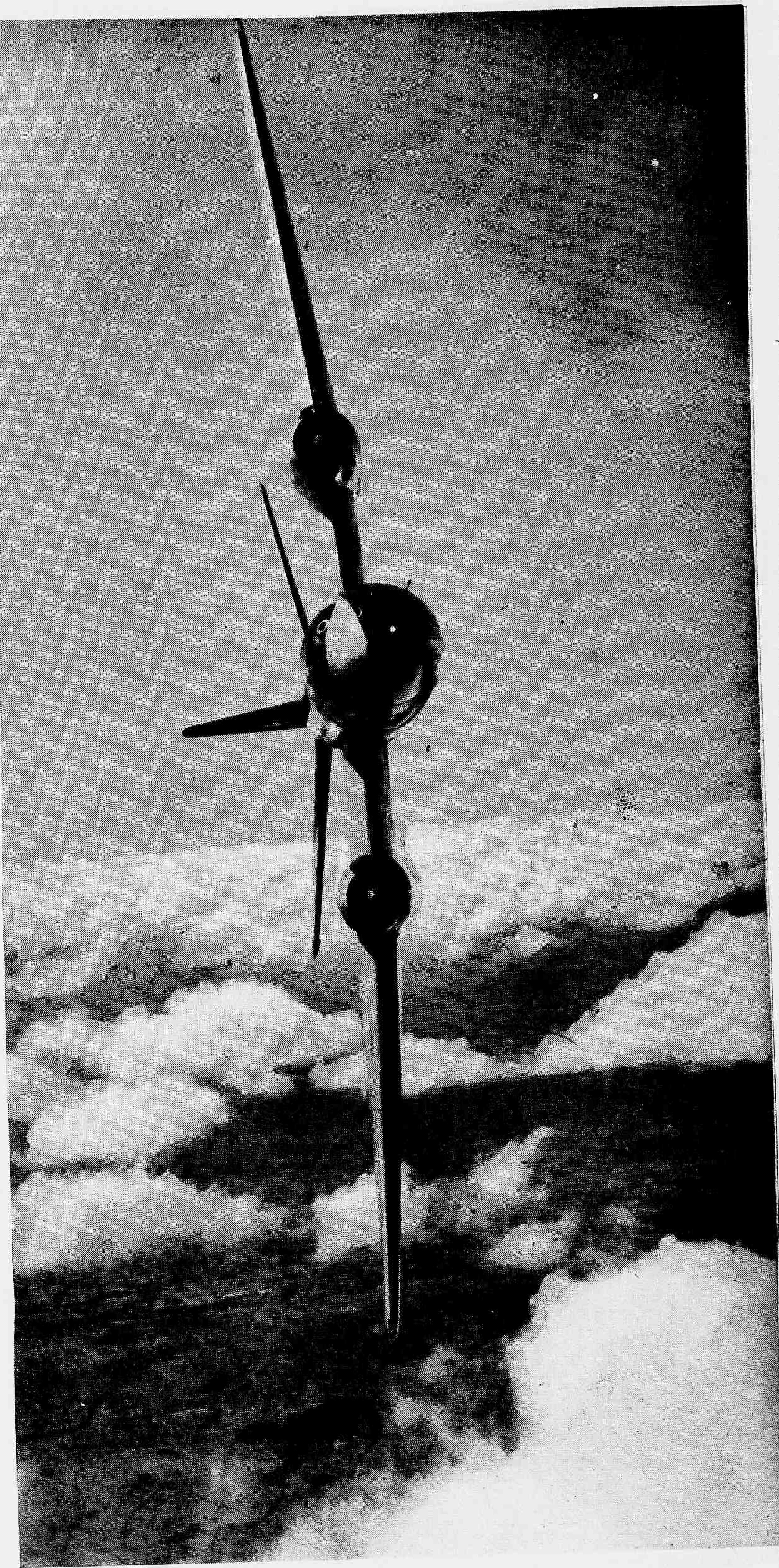


O COMANDANTE da poderosa esquadrilha dos aviões a jacto da Inglaterra desce do seu possante e moderno aparelho «Canberra»



O VICE-MARECHAL do ar Boyle, o comandante, é recebido pelo embaixador inglês em nossa terra e autoridades brasileiras presentes.

O «CANBERRA» faz proezas incríveis. Antes de aterrissar, os formidáveis aviões a jacto realizam lindas manobras no ar e esta posição vertical é um dos flagrantes sensacionais da chegada dos moderníssimos aparelhos inglêses.



forma de produção e utilização da energia foi obtida, depois de árduo trabalho de pesquisas: a turbina a gás, um novo e eficiente engenho.

Embora sejam novos os tipos dêsses motores, não são, entretanto, nada de novo, em princípio. Pelo contrário. A energia mecânica da energia contida nos fluidos em movimento, assim como o aproveitamento da fôrça disponível num jacto de ar, vapor ou água, são fatos que atraíram a atenção do homem desde a mais remota antigüidade. Não sòmente eram conhecidos, como há muito já existiam máquinas motrizes baseadas nesse princípio.

Pelo que, vejamos, os moinhos de vento, e as rodas d'água, exemplos antiqüíssimos das turbinas, nas suas mais simples formas. O torniquete hidráulico é outro exemplo da utilização da energia contida na água em movimento. Não é novidade, pois ninguém desconhece tais aparelhos.

Há dois mil anos, Hero de Alexandria inventou um aparelho semelhante ao torniquete hidráulico, mas movido a vapor. Vaporizada a água numa pequena caldeira, inferior, fazia um globo, colocado sôbre dois tubos, girar, escapando o vapor pelos bocais.

O vapor formado, exercendo pressão sôbre as partes internas do globo, faziam-no girar. Como se vê, já vem de longe as experiências que hoje vemos transformadas nas turbinas. Isto é, de etapa em etapa, durante mais de dois mil anos, o homem chegou à maravilha que é hoje um avião a jacto.

Vê-se, pois, coroada de êxito a grande aspiração humana.

Em menos de dez horas um avião a jacto fêz o percurso Londres — Nanrobi (África). Desenvolvendo uma velocidade de 900 quilômetros horários, os «Canberra» atingem num mínimo de tempo um máximo de espaço.

Leonardo da Vinci, Newton, Sir Charles e muitos outros cientistas contribuíram grandemente com suas experiências para a conquista maravilhosa e completa do ar.

O «CANBERRA» E A RAF

Há cêrca de um ano que a Real Fôrça Aérea utiliza o «Canberra», seu primeiro bombardeiro de propulsão a jacto. A primeira esquadrilha a ser equipada foi a nº 101, a que se seguiu a nº 607 (Os Destruidores de Diques). Nos últimos meses várias esquadrilhas têm sido reequipadas com aviões dêsse tipo. Na Inglaterra o «Canberra» é empregado como bombardeiro ligeiro de grande altitude. Voando dia e noite, a alturas que ultrapassam as nove milhas e pode bombardear visualmente ou através de nuvens, por meio de auxiliares de radar. O «Canberra» depende principalmente da sua alta velocidade e grande altitude de vôo para alcançar o objetivo e regressar à base sem ser interceptado. Para vôos de reconhecimento fotográfico é, também, um excelente veículo.

OS «CAMBERRA» NO RIO!



O VICE-MARECHAL Boyle, depois de aterrissar, é cumprimentado pelo Brigadeiro Alves Sêco e com êle se dirige ao encontro das autoridades.



Logo após a chegada, o Vice-Marechal do Ar, da Inglaterra, Boyle conversa amistosamente com o Brig. Alves Sêco, da nossa Fôrça Aérea.



Assim que acabam de aterrissar, os oficiais britânicos, atendidos por um colega de nossa Aeronáutica, mudam a toilette, deixando os pára-quedas.



Poucos momentos após a chegada à nossa Base Naval, o Vice-Marechal Boyle faz uma saudação e concede uma entrevista coletiva à imprensa.

ESPALHA-SE PELO MUNDO A ACEITAÇÃO DO MOTOR A JACTO

Não só a Inglaterra, mas também a Austrália, Argentina, Bélgica, Dinamarca e Holanda, estão usando o motor a jacto, em suas fôrças aéreas.

Uma característica notável do comércio do após-guerra da Rols-Royce, produtora dos «Canberra», é o número de países que negociaram licença para fabricação de seus motores de turbina a gás. São êles: Estados Unidos, França, Bélgica, Argentina e Austrália.

DEMOLIDOR DE «RECORDS»

Não resta dúvida que os aviões «Canberra» estão encolhendo o mundo cada vez mais. Depois de um «record» excepcional, atingindo Nairobi (África) depois de dez horas de vôo, da Grã-Bretanha ali, pretende agora a aviação inglêsa encolher também a distância entre o Atlântico Sul e a América Latina.

Essa viagem (Londres — Nairobi) antes efetuada em 24 horas pelos Hermes da B.O.A.C., («record») comparada agora com a viagem dos «Canberra» é uma prova da magnífica vitória dos motores a jacto na conquista das distâncias.

DE DAKAR A RECIFE

Mais um «record» dos «Canberra» tivemos ocasião de registrar. Num espaço de 4 horas e 19 minutos, pilotado pelo Marechal do Ar D. A. Boyle, o aparelho bimotor a jacto WD 987 cobriu a distância de Dakar a Recife. Foi essa a primeira travessia do Atlântico Sul empreendida num avião a jacto.

VOANDO PARA O RIO

Cêrca das 9,34 horas decolaram de Recife os quatro aparelhos a jacto em viagem de cordialidade pelo Atlântico Sul — WD 990, WD 996, WD 993 e WD 987 — e ao meio-dia em ponto tocou a terra carioca o primeiro daqueles aparelhos.

Com um silvo estridente fêz-se anunciar e durante alguns minutos sobrevoou a Ilha do Governador, aterrissando às 12 horas em ponto.

De dois em dois minutos depois aterrissaram os outros três.

No segundo aparelho viajava o Marechal do Ar Boyle, que foi recebido por altas autoridades da aeronáutica brasileira, e por embaixadores no Brasil dos países de possessão inglêsa.

Após rápidos cumprimentos a Bande da Aeronáutica executou os Hinos Nacionais Britânico e Brasileiro, formando um quadro digno de ser visto. De um lado aparelhos nacionais como que recepcionando os visitantes inglêses, os «Canberras», que permaneciam pousados à sua frente, ainda quentes da viagem.

Finalizada a execução dos hinos, o Marechal, acompanhado pelo Brigadeiro Vasco Alves Sêco, retirou-se, e momentos depois saudou aos brasileiros, assim se expressando:

"Conduzo esta missão da RAF à América do Sul como expressão da boa-vontade e amizade que anima o meu país em relação às nações dêste grande continente.

Alegrou-me particularmente de que a visita ao Brasil coincide com as comemorações da "Semana da Asa", em homenagem ao grande pioneiro brasileiro da aviação Santos Dumont. Devido a homens de sua coragem e previsão, podemos atravessar a grande velocidade as longas distâncias do mundo na presente era do jacto.

Orgulho-me de empreender a primeira travessia do Atlântico Sul num avião a jacto, de Dakar a Recife, em tempo "record", creio, de quatro horas e dezenove minutos.

Antevejo com prazer a nossa estada na famosa cidade do Rio de Janeiro e envio a nossos camaradas de armas da Fôrça Aérea Brasileira nossas cordiais saudações."

Informou ainda o Marechal do Ar Boyle que viaram numa altura de 40 mil pés, ou sejam 13 mil metros, dispendendo uma velocidade de 740 quilômetros horários.

Realmente, é qualquer coisa de maravilhoso, de estupendo, êsse motor que vem trazer mais êsse confôrto, a união de todos os pontos do mundo, num mínimo de tempo excepcional.

Os aparelhos a jacto oferecem também sérios perigos, foi o que nos informou um dos presentes, conhecedor dos segredos do motor a jacto.

Disse-nos que a temperatura da turbina atinge a 400º centígrados. Quando em movimento, há o terrível perigo de aspirar tudo o quanto esteja em sua frente. Numa área de 60 metros próximo do aparelho há grande perigo. Quando em movimento, como dissemos acima, há o perigo da aspiração e quando param as máquinas o calor por elas dispendido oferecem outro grande perigo, o calor que faz inflamar qualquer combustível.

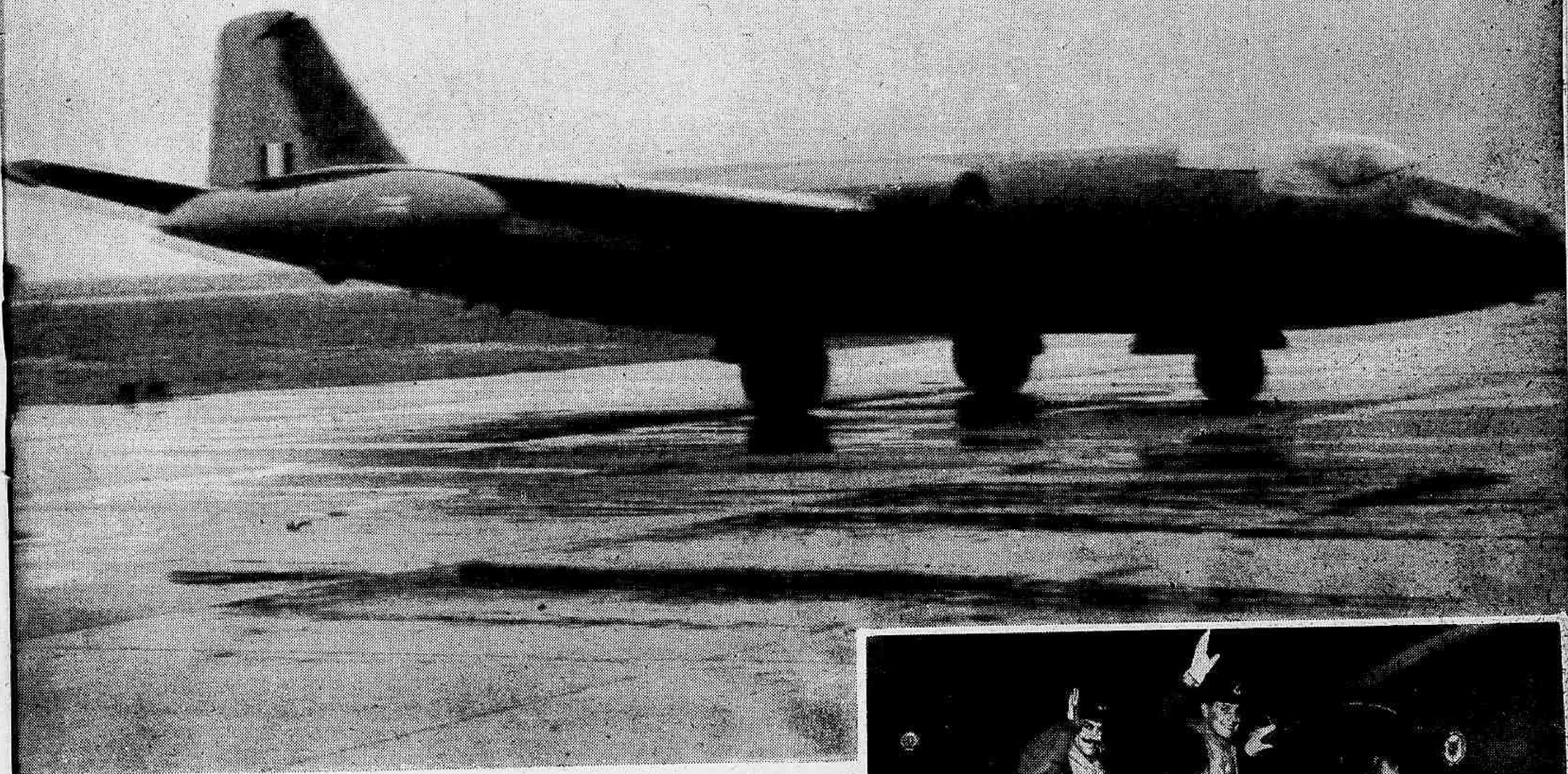
Contou-nos ainda aquêle oficial que já ocorreu a morte de um homem, por ter sido aspirado pela turbina.

TRIPULAÇÃO DO «CANBERRA»

Nos aparelhos a jacto, existe lugar apenas para três ou quatro elementos. A sua tripulação é composta de um pilôto, um navegador e um bombardeador.

HISTÓRIA DA ESQUADRILHA Nº 12

A Esquadrilha Nº 12 é uma das mais antigas da Real Fôrça Aérea. Formou-se em Netheraven, Wilts, em 14 de fevereiro de 1915, sob a designação de Esquadrilha Nº 12 do Real Corpo de Aviação. Seguiu para França em setembro do mesmo ano e entrou imediatamente em operações na Batalha de Loos. Tomou parte nas Batalhas do Somme, de Arras, de Messines, de Ypres e de Cambrai e no assalto final à Linha Hindenburgo. Fêz parte mais tarde do Exército de Ocupação e dissolveu-se em Bi-



O COLOSSAL «Canberra» acaba de pousar mansamente as suas muitas toneladas sôbre a pista da nossa Base Aérea do Galeão. O grande avião a jacto vai deslizando e ainda não parou, quando foi tomada a foto.



A alegre e eficiente tripulação de cada «Canberra» constitui-se de um pilôto, um navegador e um bombardeador. Aqui os vemos, completamente equipados, inclusive com cintas salva-vidas, no momento de embarcar.

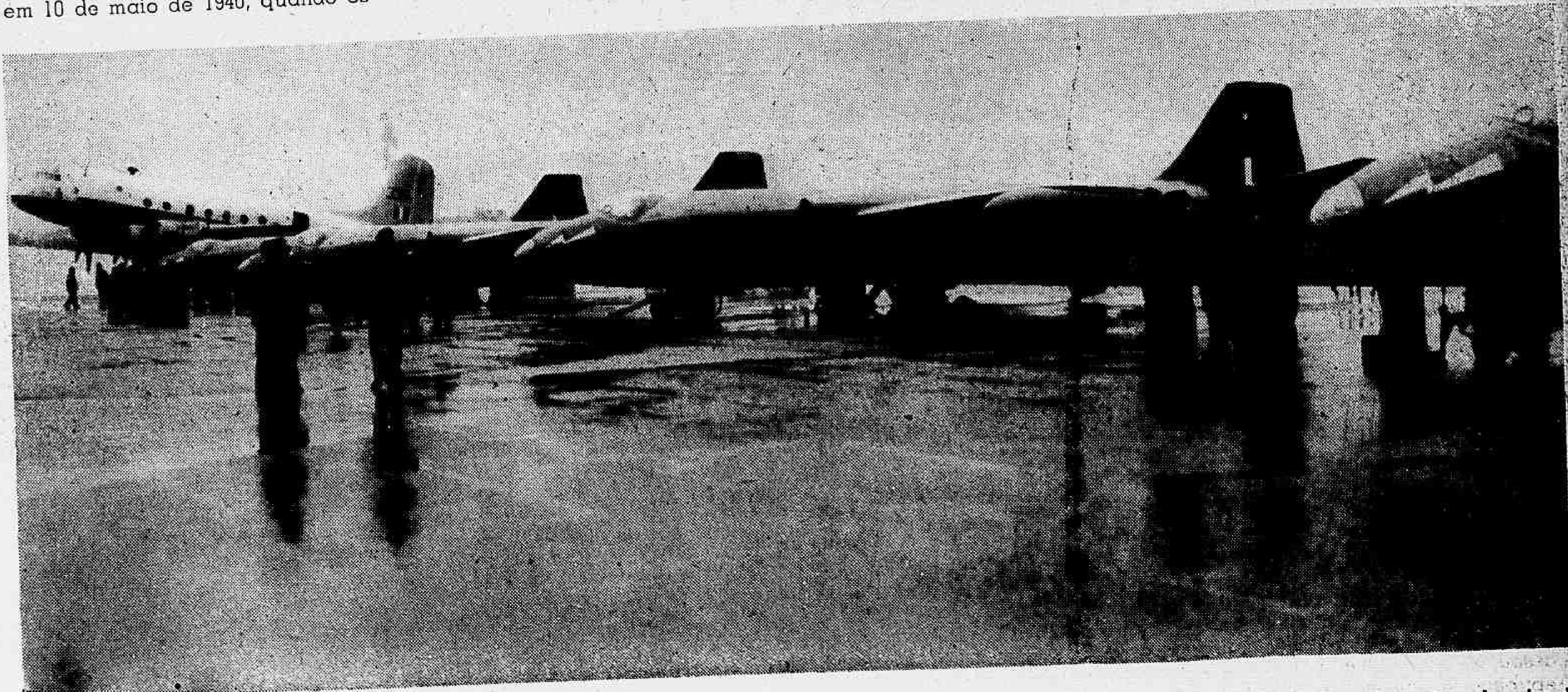
ckendorf, a 27 de julho de 1922. Foi reconstituída em Northolt em 1 de abril de 1923.

Em 2 de setembro de 1939, equipada com aviões de combate, partiu para França como unidade das Fôrças Aéreas de Ataque Avançadas e ficou situada próximo de Rheims. Poucos vôos de operações se realizaram durante os primeiros meses, e em março e abril de 1940 a esquadrilha lançava folhetos sôbre o Reno.

A primeira operação efetuou-se em 10 de maio de 1940, quando os alemães entravam pela Bélgica e pela Holanda. Dois dias depois a esquadrilha atacou as pontes sôbre o Canal Alberto, e a dois dos seus membros, o Oficial-Aviador D. E. Garland e Sargento T. Gray, foi pòstumamente conferida a «Victoria Cross» pela maneira como se portaram na operação. Desde então as operações prosseguiram, até a esquadrilha ser retirada da França.

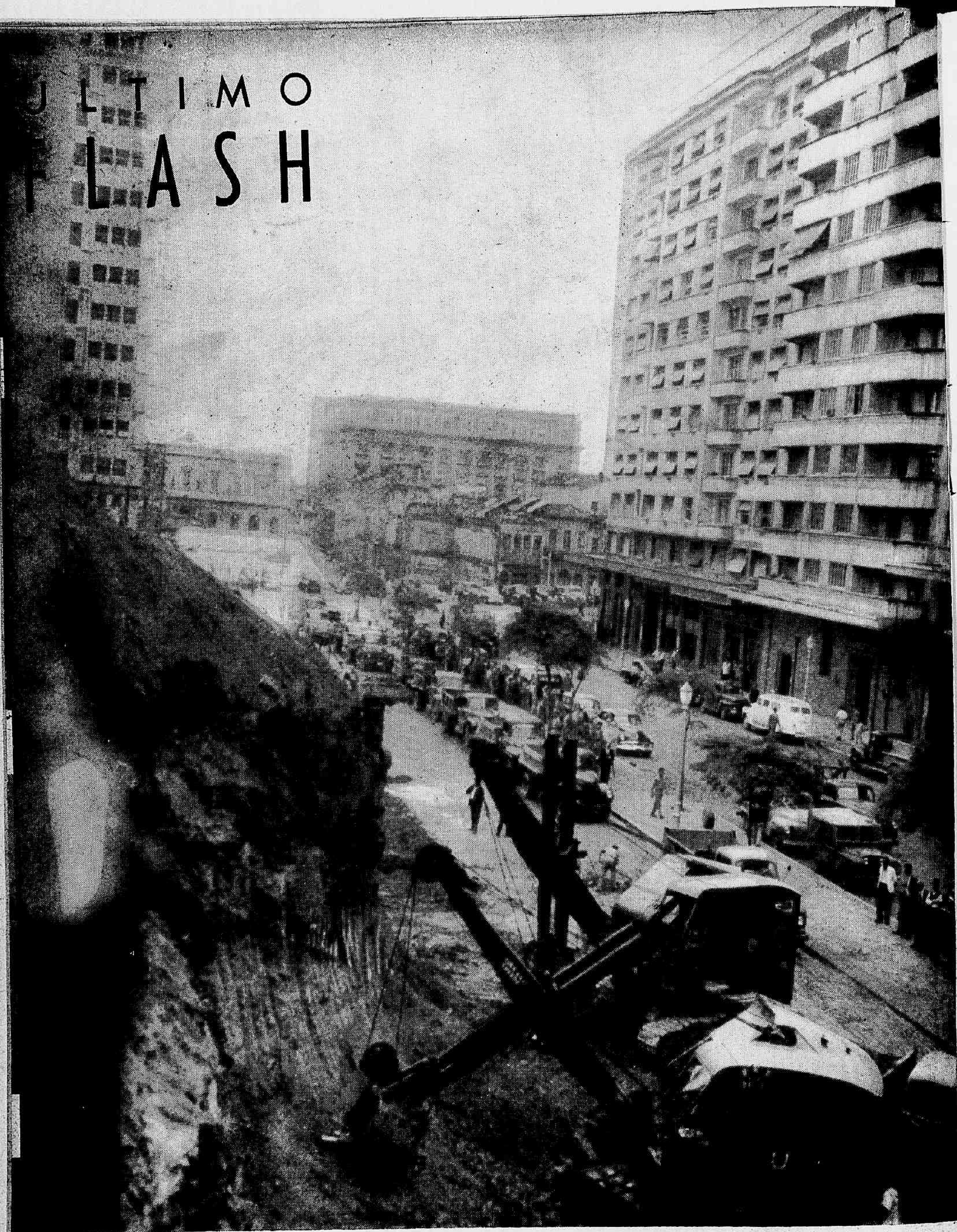
Ao regressar a Inglaterra, instalou-se em Finningley e Binbrook

(Cont. na pág. 48)



A esquadrilha dos aviões a jacto e mais o avião-transporte que a acompanhou, é vista na fotografia que publicamos, momentos depois de sua aterrissagem na pista internacional do Galeão, enquanto a tripulação vai-se preparando para deixar suas aeronaves e dirigir-se à Base Naval.

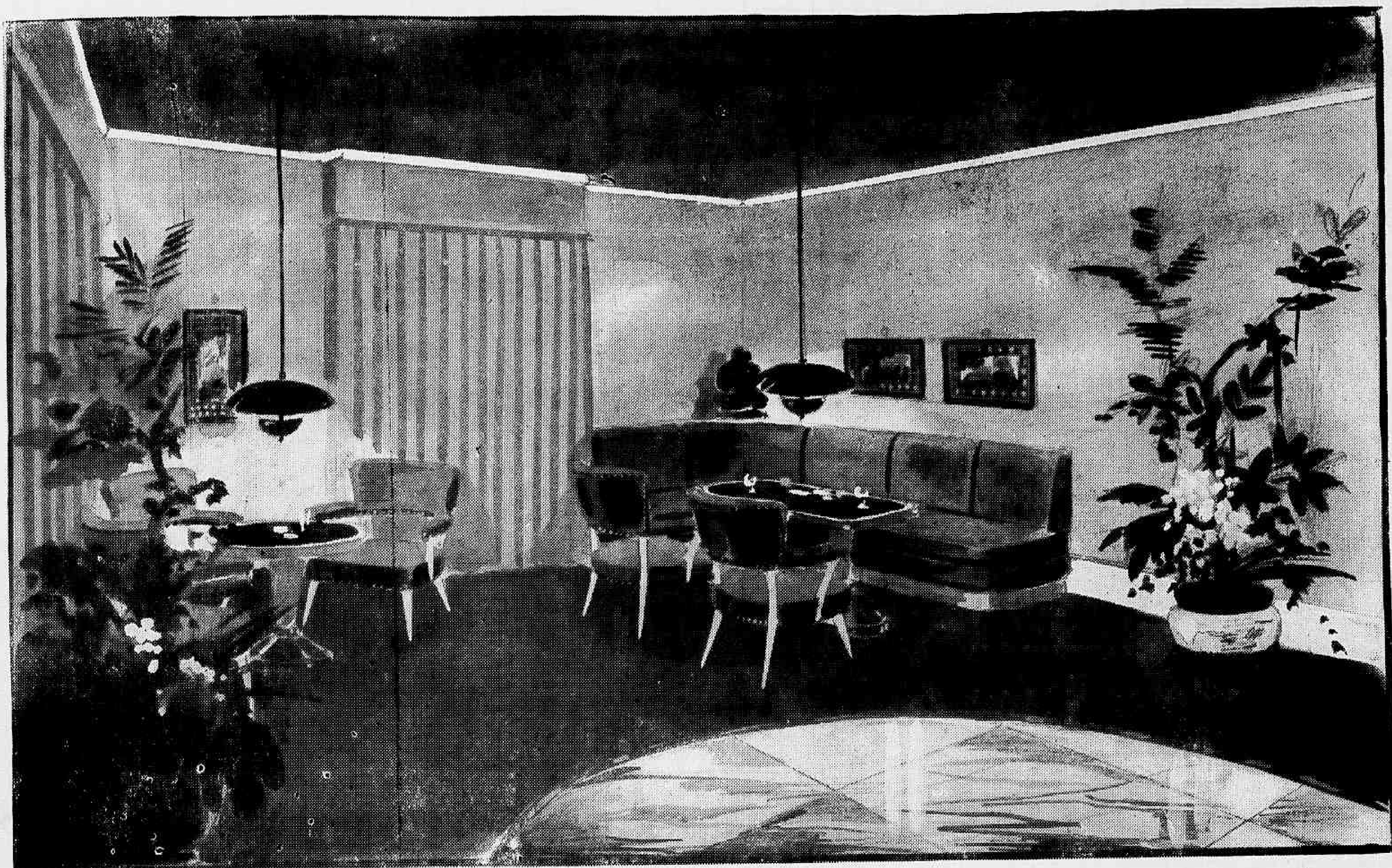
ÚLTIMO FLASH



O PREFEITO DESTRÓI... PARA CONSTRUIR!

ENQUANTO se discute acaloradamente o famoso projeto 1.000 — base, segundo o Prefeito e a maioria da Câmara dos Vereadores, de um programa de grandes obras substanciais para a cidade — êste passou do planejamento para a ação. E era isso o que a capital da República ansiosamente desejava. Por tôda a parte se vêem retificações de passeios e calçadas, de alinhamentos, inaugurou-se o túnel do Rio Comprido e com uma equipe de centenas de trabalhadores iniciou-se uma «blitzgrieg» contra os últimos redutos do morro do Castelo. De tratores em ação e não de detratores... é que precisamos. Sòmente assim o Rio será sempre a moderna «Cidade Maravilhosa».

MÓVEIS e DECORAÇÕES



projeto da CASA NUNES



Visite as novas exposições

— preços ao alcance de todos —

Grupos Estofados

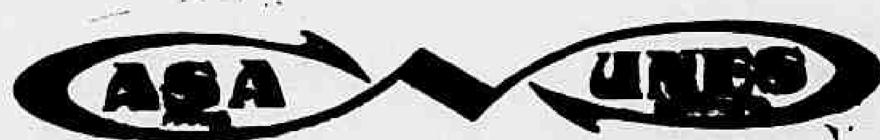
— especialidade de nossas oficinas —

Tapêtes Feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Tapêtes e Passadeiras

de forração, de tôdas as larguras, em côres lisas e com flores



65 rua da CARIOCA 67 — RIO

Uma legítima consagração...

O apurado bom gôsto e o agudo senso de seleção, peculiar aos que se distinguem pela elegância, deram aos cigarros Hollywood uma insuperável tradição de alta classe.



cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ